



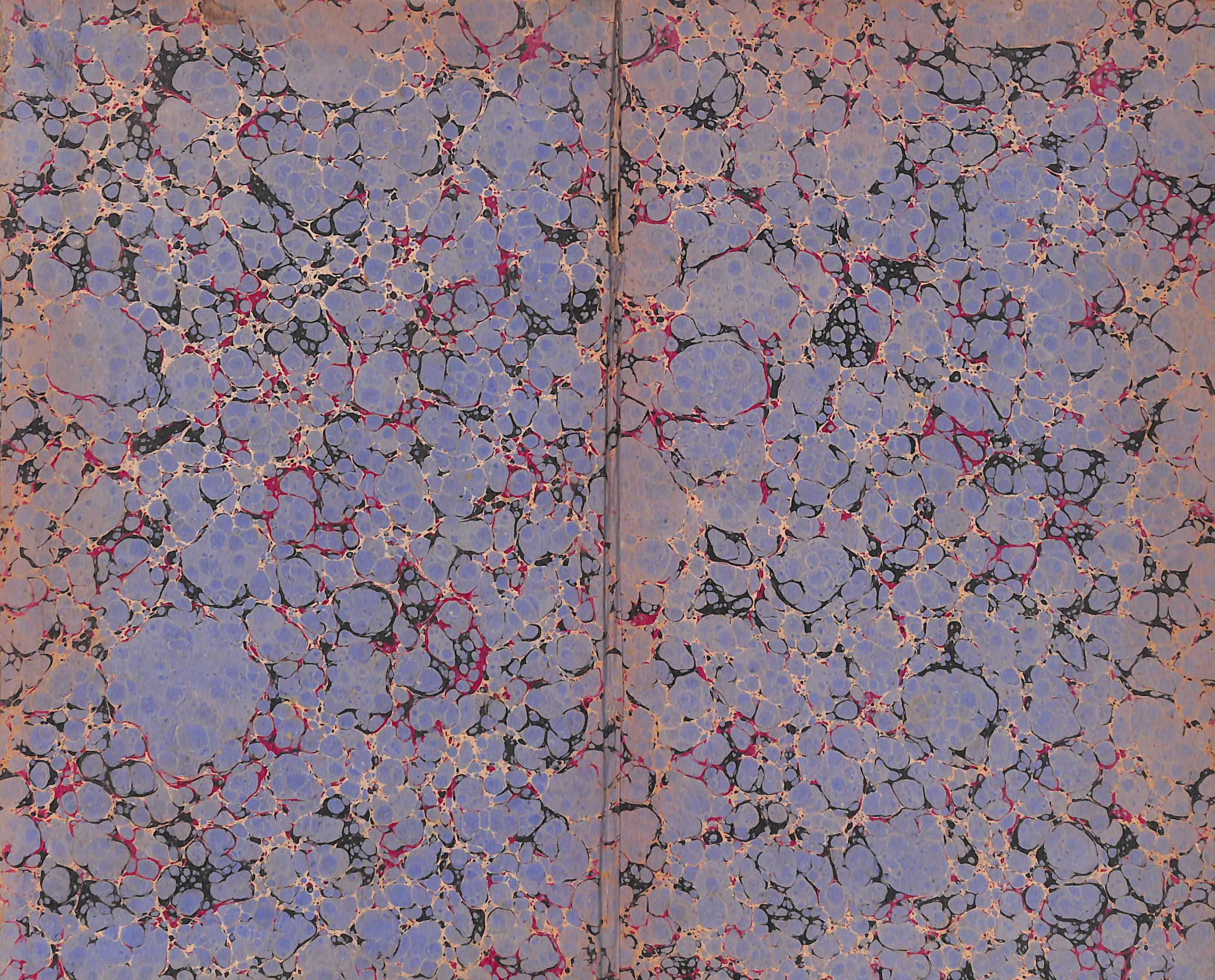




AGRARIO  
DE MENEZES  
CALABAR  
1858









1.500.00



**CALABAR.**

**DRAMA**

**EM VERSO, E EM 5 ACTOS,**

POR

**Agrario de Souza Menezes,**

Bacharel Formado em Sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade do Recife, Membro Effectivo do Conservatorio Dramatico, do Instituto Historico, do Recreio Litterario da Bahia, Membro Correspondente do Instituto Religioso, do Conservatorio Dramatico, da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro etc.



**BAHIA:**

**TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. PEDROZA,**

**RUA DOS CAPITÃES N. 49.**

**1858.**



Este drama não póde ser representado em theatro  
algum sem previa licença do seu auctor.

# A MEU PAI,

O SENHOR

MANOEL IGNACIO DE SOUZA MENEZES.

Exigua prova de amor filial.

Agrario.



## PESSOAS DO DRAMA.

---

CALABAR.

MATHIAS DE ALBUQUERQUE.

SIGISMUNDO VAN SCOPP.

FARO.

JAGUARARI.

1.º OFFICIAL HOLLANDEZ.

2.º IDEM.

3.º IDEM.

4.º IDEM.

UM PADRE.

1.º SOLDADO PORTUGUEZ.

2.º IDEM.

O GOVERNADOR DO RIO GRANDE.

PEDRO MENDES.

ARGENTINA.

SOLDADOS, TRIBUS, UM CARRASCO, OFFICIAES DA EXECUÇÃO ETC. ETC.



A acção passa-se no Brasil, na  
época da dominação dos Filippes  
em Portugal.



**S**ER escriptor nesta terra, não he profissão; não he mesmo devoção, he vicio: vicio, ou mania, ou fadario, ou loucura, tudo, tudo he, menos uma cousa digna de honra, ou, ainda, de pena.

E escreve-se? isto he: e emprehende-se algum trabalho de folego, alguma producção que não seja um *artigo de fundo* ou uma correspondencia de gasetta?—He admiravel; he inexplicavel.

He, sim. Ao menos eu não me explico a mim proprio o como e o porque escrevinho.—*Escrevinho* não he modestia; he o verbo que cabe a nós todos, litteratos, e publicistas, e poetas, e o que mais, da provincia.—Mas, rodando no ponto, digo que sou deveras um insensato em ter de tal sorte me enamorado da imprensa.—Eu, que pela moça a mais bonita, nunca tive paixão que passasse de uma semana!—La se vam os meus collegas da Faculdade a procurar ventura pelos Sertões, com o pergaminho debaixo do braço e as ordenações no fundo da mala. A magistratura he o sonho dourado da mediocridade? Embora. Não se me dava de ser até um estúpido, com tanto que sonhasse com alguma *vara*. Mas, nada! absolutamente, nada.



E, então, eu?..—Mais um Ashavero a caminhar eternamente por terrenos inhospitos, sem encontrar o termo da sua viagem. Aos seus ouvidos sôa-lhe a maldição da sociedade, mais tremenda que a maldição do Christo! Estes labios podem pronunciar um dia a palavra — Perdôo-te! — aquelles nunca.

Só ha um Judeu Errante.

E, com o bordão,—que he a penna,—elle segue em sua marcha de peregrino ás ultimas gerações por vir! E as sandalias se lhe cobrem de pó, sem elle ter tempo de limpá-las! E os homens lhe voltam as costas, antes que lhe contem as lagrimas de sangue!..

Victima do orgulho ou da intelligencia? Sê-lo-ha de ambos. A ignorancia não atravessa inanida os palmares adustos, e sim reclina-se em passeio sobre as almofadas de um coche. A baixesa não consume a seiva da vida nas torturas cruentas da alma, e sim refocilla-se alegre sobre um leito enlameado de ouro.

Com licença de algumas *Excellencias*, isto he uma nuvem que passa. Quero diser que tenho sido um pusillanime, um papalvo, um doudo, pouco mais ou menos. Ora, que differença si eu tivesse querido *fazer carreira!* Viviria, quem sabe?—como um pachá no provincia, impondo e extorquindo ao meu grado. Morreria, talvez, como morreu Alexandre, com o cópo na mão sobre a purpura de Babylonia.—O mais, he o que diz o Sá de Miranda em castelhano:

« Noche tras noche vá, dia tras dia. »

E, ja que sempre me espriguiço na idea, não me cansa o mostra-los, indigita-los, accusa-los—os que me intrigaram com a bêca judiciaria, e, o que mais he, com o systema confortativo, com o *dolce far niente* da abstracção moral.

Estava eu no primeiro anno da então-academia de Olinda, e, uma vez, por influencia nostalgica, fiz uns versos á patria ou um brinde poetico á liberdade. Era uma canção patriotica,

ou gnomica, intitulada—*O Guarda Nacional*, em que eu levava a Constituinte até aos cornos da lua. Dahi a pouco tempo, deram-me á ver a tal versalhada transcripta em uma gasetta que denominava-se—*O Dous de Julho*—da Bahia, e por fim, em outra gasetta, da Córte,—*O Grito Nacional*.—Não tem que perguntar. Repleto de entusiasmo, quasi deixo de jantar naquelle dia, e, de calouro que era, considerei-me logo tam sabio como o meu respeitavel mestre o Sr. Padre Coelho,—que Deus guarde. Então prosegui na minha alta missão de gaseteiro, Versos e mais versos, sonetos e charadas, satyras e *artigos de fundo*, não tardaram em encher as columnas de *alguns órgãos da opinião publica*, inclusive o *Diario de Pernambuco*. Chegado ao terceiro anno, e por consequencia mais graúdo, tornei-me um politico decidido; e, correspondendo-me com a gente do grande partido liberal por intermedio de um meu amigo e collega,—*que depois virou a casaca*,—fui levado a collaborar para os periodicos—*O Echo e o Liberal Pernambucanos*. Aqui tenho consciencia de que *brilhei*: ainda espero que esse partido me compense dos meus serviços. Finalmente, achei acanhadas as dimensões do jornalismo, e dispuz-me a escrever uma obra volumosa, um livro. Deste proposito sahio a *Mathilde*, tragedia em cinco actos e em verso, com prologo, notas, erratas, etc, etc.

Ora; si eu tive em subido apreço a transcripção de um escripto meu, quanto não me regosijaria de ver o meu nome bem puchado e mettido entre as rotundas palavras de mil elogios?—A *Estrea*, periodico dirigido pelo academico João Luiz Soares Martins, foi quem primeiro saudou-me em nome da litteratura, da patria, do progresso, da civilisação, e não sei do que mais. Em seguida recebi as gasetas da Bahia, e em todas ellas deparei com outras tantas homenagens e felicitações ao *meu genio*. Nessa occasião foram os que mais me elogiaram, os Srs. Drs. Domingos Rodrigues Seixas e Antonio Joaquim, Rodrigues da Costa, porque, alem do hyperbolico



da phrase, subscreveram os seus nomes, aquelle no *Correio Mercantil*, e este no *Prisma*.

Recordo-me sobretudo de outro escriptor que tambem rendeu-me louvores e prodigalisou-me eloquentes palavras de animação ao pé de alguns defeitos que notava no meu drama.

Recordo-me, e nem me esqueerei nunca, porque não faço mais do que guardar na memoria o nome de um dos nossos maiores vultos litterarios, de um talento privilegiado, cuja morte, como a de Alvares de Azevedo, assignala a epocha de um eclipse para a litteratura nacional.

Era Luiz de Junqueira Freire.

Mas, por tudo isto, e pelo mais que me esquece, he que acostumei-me insensivelmente á vida de escriptor, e fui escrevendo, escrevendo, escrevendo!... Escrevi para o *Jornal da Bahia*, escrevi para o *Diario*, escrevi para o *Correio Mercantil*, escrevi para o *Paiz*, escrevi para o *Protesto*, escrevi para o *Noticiador Catholico*, escrevi para o *Correio da Tarde*, escrevi para o *Guaycurú*, escrevi para o *Estudante*, escrevi para a *Marmota*, escrevi para a *Semana*, escrevi para o *Povo*, escrevi para o *Caixeiro Nacional*, escrevi para a *Estrea*, escrevi para o *Prisma*, e..... Jesus!

Ora depois de ter eu assim me afundado no oceano dos typos, quem não acerta que quasi me tenho consubstanciado com elles?—Digo affundado, porque de veras a imprensa entre nós he um *mare magnum*, onde ninguem pode gabar-se de ter resistido, á tona d'agua, aos empuxões das maretas. Isto mesmo he a realidade da vida, no bom pensar de Balanche: dores e lagrimas que se contam. A differença he que vejo os meus companheiros de outr'ora, naufragos ou nautas como eu, abicarem a porto seguro, aonde levantam castellos, ao passo que o nescio de mim cada vez emmara-se mais.

*Più bella intanto la virtude emerge,  
Qual astro che splendor nell'ombre acquista.*

Perdoem á consciencia. Aprendi com o honrado Poeta  
Monti Vincenzo.

Simultaneamente, e *mau grado à barriga*, entrava-me sempre pelos ouvidos a voz germanicamente fleugmatica do Genio do Mephistopheles a me dizer: « Quem não se esforça por conquistar um nome, e não aspira a nada de nobre, pertence aos elementos.» E esta?!—Foi o que acabou de perder-me. Tremi de ser levado em conta de *elemento*, como tanta gente boa que por ahí anda, e armei-me da penna, talvez por ser quem escreve os nomes, sem me lembrar que os melhores hoje são os de—*empresario, agiota, industrial, bargante*, etc. etc.

E, agora, o que está feito não está por faser. Então não ha remedio sinão obedecer aos caprichos da Musa; e la vem o Ovidio com os seus *Fastos* gritando:

« Est Deus in nobis, agitante calescimur illo. »

Seja o que for: isto ou aquillo, o *Retrato do Rei*, ou o *Calabar*. Pois sim.

Quanto a este, que he do que se trata agora, he que devo uma explicação aos Leitores. Foi composta esta peça para um concurso que annunciou-se por parte do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro: passado, porem, um anno, sem que nada se houvesse decidido, deliberei-me a renunciar o tal premio, apesar de me darem muitas esperanças de ser bem succedido e em breve tempo.

Quando são as kalendas gregas?...

Afóra a rasão da delonga, que, como digo, ainda continúa para os outros concurrentes,—no que lhes aproveite,—uma sorte de amor paternal incitava-me a irmanar o meu drama com o Conservatorio da Bahia, ao qual eu devia ser o primeiro em prestar toda a confiança e a possivel consideração. Assim, realisado este meu pensamento, o *Calabar* sahe hoje á lume, attento, e mais que attento, á critica philosophico—litteraria, e surdo, completamente surdo, ás geringonças cascudas dos Homeromastix,



Adiante vai inserta, a modo de prologo, uma carta que dirigi ao Secretario do Conservatorio Dramatico da Corte, quando remetti-lhe a minha composição. Ahi verá o Leitor o quanto occorreu-me á idea acerca da materia e da forma do drama que vai correr mundo.

Rematarei estas linhas, agradecendo cordialmente as expressões lisongeiras e o honroso juizo que sobre o *Calabar* dispensaram alguns illustres Litteratos do Rio de Janeiro, e outro tanto ao meu illustrado e circunspecto amigo, o Dr. Antonio Alvares da Silva, pelo brilhante escripto com que coroou o meu fraco trabalho. De tamanha divida só me desobrigarei, disendo de tam altas intelligencias, com a precisão do erudito Walpole: « *Ist name is associated to glories that cannot perish.* »



## CARTA

**Dirigida ao Secretario do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro.**

ILLM.º SR.

**T**ENHO a honra de remetter a V. S. um volume de um drama, para ser submectido ao julgamento do Conservatorio Dramatico dessa Corte.

A' proposito, seja-me licito diser alguma cousa acerca de tal composição. Neste intuito dirigindo-me a V. S., certo que dirijo-me ao Organ competente da Associação litteraria, a quem sujeito a minha pequena obra, e a quem desejo expor, humilde e laconicamente, a minha regra de conducta.

Principiarei disendo que—compuz este drama quasi de afogadilho. Occupações outras, politicas e litterarias, absorveram-me completamente a attenção, e só nestes ultimos dias he que permittiram volvé-la ao objecto citado.

Esta circumstancia, realmente attenuante, mas que eu não quero de todo invocar em meu prol, servirá de cobrir esses defeitos da forma, que, bem sabe o illustrado Conservatorio, podem, muitas vezes, obscurecer e amesquinhar a materia.

Para seguir logicamente, eu direi primeiro desta.

A materia, escolhi-a nacional e historica, para comprehender-me na primeira hypothese apresentada pelo Conservatorio, visto como tenho tambem por mim a circumstancia da



minha nacionalidade. Escolhi-a nacional e historica por mais alguma rasão que succintamente exporei.

Comprehendido e estabelecido o fim principal do theatro, que, ou segundo as observações de Sulzer, de que reza Schiller, ou segundo a experiencia individual e geral de seculos, dirige-se á intelligencia em ordem a instruir, e dirige-se ao coração em ordem á moralisar, muito naturalmente vamos nós a haver os elementos deste duplo *desideratum*, dos costumes e das tradições do povo, para quem escrevemos.

Este facto até parece da natureza da poesia dramatica, tão constante tem sido elle ate hoje, desde que apontou a idea criadora do theatro no solo fecundo da Grecia. Desde então comprehendeu-se, e muito bem, que as ficções dramaticas melhormente preenchiam o seu fim social e moral, quando se moldavam aos typos communs daquella nacionalidade, mais ou menos modificados pelas ideias religiosas da epocha e pelo prestigio maravilhoso do paganismo. Assim, á Thespis e Susion succederam, e abriram a nomenclatura famosa dos poetas dramaticos, Eschylo, Sophocles e Euripedes. O character primitivo do drama grego foi uniforme neste ponto, mesmo segundo as observações de Walter Scott. Assim, em datas ultteriores, foi por isto que Shakespeare com a sua fronte calva pareceu mais coroado que Isabel e que todos os reis da Inglaterra; e Moliere, arrostando a sanha de uma aristocracia devassa, inscreveu seu nome na historia á par de Luiz o grande.

Para attingirem tão elevada altura claro he que estes homens representaram as ideias do seu tempo, partindo das raias do seu paiz: e esta força attributiva do genio he a que caracteriza a litteratura de todos os povos, tanto mais fecunda quanto mais original, tanto mais vigorosa quanto mais nacional.

Eu creio no theatro instruindo e moralisando a universalidade dos povos, porem depois de ter instruido e moralisado o corpo da sua nação. Ora o theatro não prescinde de exemplos, para a consecução deste fim; e os exemplos de caza, permitam-me dise-lo, são os que fallam mais alto. Isto não he uma regra inviolavel, que não admitta transgressão, mas he um preceito salutar digno de ser observado. Não será um absurdo o diser-se, que Corneille e Racine, por ex, ainda viveriam pela acção, influindo directamente no animo do povo, se mais cuidassem de fallar aos Francezes em nome da França. Igual sorte, não receio dizer, poderiam ter Ducis, Legouvé, Lantier, etc. que levados da torrente do classismo dedignaram-se da historia e das tradições nacionaes, para *remendarem* *Ædipo*, *Hector*, ou *Agamemnon*.

Esta, devemos reconhecer, he uma das grandes ideias da escola moderna. Neste sentido, a poesia dramatica deve ser um pouco egoista, se assim podemos diser. Si a epopea, por ex., inspira-se muito bem nas altas ideias universaes, nas propensões e nos instinctos da humanidade, o drama, o theatro, na sua natureza igualmente complexa, porem mais apropinquada a um fim immediato, ao difficil encargo de doutrinar as turbas, precisa, pelo menos nas suas primeiras phases, de mais alguma cousa, que constitue a lição moral, tanto mais proficua e tanto mais facil, quanto se aparenta com os habitos e com os costumes do povo.

Este pensamento, bem se conhece que não he filho de hypotheses gratuitas, nem de theorias abstractas. Elle traduz uma verdade moral, assentada no parecer de alguns espiritos cultos, entre outros de Tocqueville; traduz uma das condições da litteratura dramatica, que, assim como não he a mesma em todos os tempos, não he a mesma em todos os paizes.

Em referencia ao nosso, ao Brasil, a questão não muda de character, e antes, mais que em qualquer outro, ella decide-se de uma maneira positiva. Basta attentar na falta de nexos, ou na dissolução prematura de todos os elementos litterarios, que concatenados poderiam produzir effeitos maravilhosos, para proclamarmos *una voce* a nacionalidade como uma parte integrante das inspirações deste genero. Sobre isto eu repetirei o que ja disse uma vez: « A especialidade da nossa situação, politica e litteraria, demanda e requer este partido, que uns poderão chamar caprichoso, alguns *preguiçoso*, e que não he nem uma nem outra cousa.» Ha para isto uma rasão que bem se pode chamar—philosophico—litteraria. E, pois, a philosophia da litteratura, a qual não podemos recusar sem grave offensa á racionalidade das operações da intelligencia nesta esphera de conhecimentos, presidio á graduação das condições sob as quaes o drama deve ser julgado pelo Conservatorio.

Si isto fundamenta, ou não, o parecer dos que dizem com Etienne—que o theatro reflecte a sociedade, citando-se até o dito do poeta de Stratford:

«The miror and fastion of the times»

o que, quanto a mim nada pesa no caso—he questão esta que nada importa ao fim que me tenho proposto neste momento, e que em outro valera a pena de ser discutida.

Assim que, tratarei de precisar o objecto desta carta.

Pelo que tenho exarado acima, ja vê-se que o meu drama



he nacional: para dar-lhe depois mais alguma expansão e interesse, fi-lo tambem historico.

Victor Hugo disse uma vez, e estribado em rasão, que ao critico pertence o *como* e não o *porque* de uma obra. Eu, se vou entrar no porque do que fiz, sem duvida que he por considerar-me agora muito longe de critico.

No proposito de prestar, como disse, algum interesse á minha humilde composiçã, o que de certo devèra conseguir por via da historia, busquei-lhe algum passo ou incidente notavel, em ordem a aproveitar-me delle para desempenho da minha tarefa.

Assim, historiei como poeta, de perfeito acordo com as ideas de Gustave Planche, que diz « A historia para o poeta não he mais do que um ponto de partida. » Deste modo, e consequentemente, fui até á effectuar o que o mesmo escriptor preceitua sob o nome de lei suprema do emprego da historia no theatro—que he a interpretação. Interpretei-a de facto, a historia: isto he, apanhando aquelles acontecimentos que me propunha dramatisar, desenvolvi os seus elementos, mostrei as suas faces, as suas origens e as suas consequencias.

Não he estranho que se queira notar uma espécie de contradição nesta theoria de Planche. Como, sendo a historia um ponto de partida para o poeta, deve este desenvolver lhe os elementos, mostrar-lhe as faces, as origens e as consequencias? .. Isto não he o que se deduz dos principios de La-Harpe, de Schlegel, de Sainte Beuve, &c; nem tam pouco da propaganda revolucionaria de Dumas e de Hugo, &c.

Vamos rapidamente examinar a these com a hypothese do meu drama.

Remontei-me á epocha do colonismo—Quanto mais remota a chronologia, mais curiosa—Então deparei com a figura de Calabar, e cri-a veramente dramatica. A noticia, ainda mesmo acanhada que delle tenha qualquer, dispensa-me a confirmação do juizo. Assim predispoz e assentei o thema da minha composiçã. Eis como vem a ser a historia um ponto de partida para isto, digo, para o poeta.

Seguia-se desenvolvê-lo e explica-lo.

Com a leitura intermitente e periodica, que eu havia feito dos historiadores, cheguei felizmente ao alcance do papel que representou Calabar no decurso das empresas que tiveram logar no Brasil. Mais ou menos, são accordes, dos que li, o P.<sup>e</sup> Raphael de Jesus, Sebastião da Rocha Pitta, Roberto Southey, Beauchamp, que, pode-se diser, copiou-o, Constançio, e o General Abreu e Lima, quer no seu compendio da His-

toria do Brasil, quer na sua Synopsis ou Deducção Chronologica.

Calabar, em ultima analyse, havia sido um transfiga famoso. O porque, dam-n'o alguns; omitem-n'o outros. Foi, si o quiserem, porque devia á justiça, conforme diz o 1.<sup>o</sup> eitado historiador no seu Castrioto Lusitano.

Isto, porem, que não podia corresponder aos fins dramaticos, foi tambem o que aprouve-me interpretar sob as regras da hermeneutica poetica. Então disse eu: Calabar não bandeou-se por dever á justiça, mas por um requinte de vingança contra a pessoa de um rival. Taes foram as disposições primeiras de Byron, quando projectou escrever o seu *Marino Faliero*. (1)

Agora pergunto: terei errado como poeta?. Estarei, por isto, inhibido de desenvolver os elementos, de mostrar as faces, as origens e as consequencias da historia? Parece-me que não.

He que, na phrase do escriptor a que me reporto, Gustave Planche,—não ha poema lyrico, epico ou dramatico, sem a intervenção toda—poderosa de uma faculdade, que não tem papel a representar na historia, e que se chama imaginação.

—He que, digo eu, desde Homero até os nossos dias não houve poeta que se cingisse *in toto* à realidade dos factos, como á norma sacramental das suas composições, fóra da qual, pensam alguns, não ha salvação possivel para os productos do engenho. Isto fóra um solemne protesto contra a Divina Comedia de Dante, por ex, ou emfim contra o Fausto de Gœthe. Isto fóra, de veras, *afirmar a sua incompetencia em todas as questões estheticas*.

Tal he consequentemente a lei interpretativa da historia na esphera da poesia dramatica. Si isto parecer inversão, reflectam attentamente, e conhecerão o engano. Não se inverte um facto quando se o consigna fielmente: dar-lhe outra significação, deduzir-lhe outros effeitos, não contrarios, porem coirmãos, he sim interpreta-lo perante as regras especiaes da poesia e da arte.

Ha de certo um perigo nesta theoria; e vem a ser o abuso da interpretação. Porem todo principio subsiste, á despeito dos vicios que possam contrariar a sua efficacia. Seria rasoa-vel que elle fosse eliminado pelas aberrações monstruosas de Dumas e de Hugo?.. Como na politica, as excepções syste-

(1) *I was rather disposed to have made it turn on a jealousy in Faliero.—Byron, Marino Faliero, Preface.*



maticas ou as innovações caprichosas não provam contra as verdades universaes no dominio da litteratura.

O meu drama, uma vez desenvolvido, deveu assumir dimensões espaçosas em ordem a dar á imaginação e á historia o que a cada uma pertence por direito inconcusso Neste sentido, se não foi a natureza do assumpto, foi o preceito do fim moral que levou-me a tam longe. He que eu não pude pairar apenas sobre essas datas famosas da nossa historia; e, pelo menos, julguei de mister tocar em parte dessas tradições, que reflectem o lustre dos feitos passados.

D'esta arte episodiei não só a acção principal, mas tambem varieguei os dialogos. Aqui houveram logar as memorias e os contos, que suppuz de interesse á curiosidade nacional. Alli quiz, de mais, desenterrar um desses vultos indigenas, que assignalão e caracterisam o primeiro capitulo da nossa historia.

Na narração dos varios acontecimentos emprestada ás personagens do drama, ainda busquei não só a exactidão, mas quasi servi-me da mesma phraseologia de alguns historiadores. Tal he, por ex, a narração do feito memoravel de Patres, de que eu faço resar Van-Scopp.

Finalmente, em tudo e por tudo, procurei cingir-me á verdade dos factos, tanto quanto não foi invadir os dominios da imaginação.

Devo uma explicação *escrupulosa*, — e será a ultima quanto á materia—relativa a uma idea, que como que deixei ficar em pé com detrimento da nossa orthodoxia religiosa. He uma idea que se refere aos fins e aos effectos da confissão extrema, em acto de justiça publica. (1)

Aqui na verdade deixei escapar um pensamento, que suggerio-me n'um dia o calor de uma argumentação, e que ate hoje, mau grado meu, demora-me no espirito.

Foi uma objecção, que, em falta de melhor, tirei da theologia para o direito ecclesiastico, e que o meu professor não quiz resolver como materia estranha. Achei-lhe rasão!

Passado tempo, e ainda mau grado meu, despertou-se-me novamente a idéa vendo-a exarada na *Profissão de Fé* de Eugene Pelletan. Este escriptor fez-me um mal muito grande: eu quasi me havia esquecido, e, á sombra da minha fé, resolvei a objecção. Afóra isto, não m'a resolveu Bergier, nem

(1) Quando Deus me perdoa, os homens fazem Que eu suba o cada falso? etc.

Tertulliano, nem Laetancio, nem George Phillips, nem os synodos e concilios provinciaes e ecumenicos. Pareceu-me sempre que taes authoridades argumentavam com uma petição de principios, sem me trincharem o nó da questão.

Nestes casos he que he muito saudavel a sentença de Bossuet: fique tudo por conta da minha ignorancia.

E, pois, longe vai do meu proposito inaugurar este ponto como uma verdade, e menos promulga-lo como uma crença. He só uma duvida que apresento; e o desejo de elucidala em prol da orthodoxia, eu o denuncio na resposta do confessor á pergunta de Calabar.

E quando não, certo que não se me poderia fazer carga de doutrinas erroneas á me condemnarem como poeta. Outro he o poder que processa taes causas. Si se invocam os raios do Vaticano contra Victor Hugo ou Eugenio Sue, a litteratura nada tem com isto para julgar *Nossa Senhora de Paris* ou os *Mysterios do Povo*.

E quanto a mim, não he que eu seja incredulo, schismatico, herege ou apostata, não. O desespero do sceptico desgosta-me: e sim apraz-me a resignação calma ou sombria, de Lamartine, ou de Silvio Pellico, ou de Young.

He que eu sustento, e sustento de convicção, a competencia da litteratura para offerecer problemas ás investigações da sciencia. Moraes ou sociaes, a litteratura pode resolvê-los ou não; porem deve propô-los. Cabe o scepticismo na alma do poeta; só he um absurdo no espirito do philosopho. Sendo entidades distinctas, distincta he a esphera em que giram. Voltaire, philosopho, stigmatizado por gerações inteiras, he, como poeta, coroado por M.<sup>me</sup> de Stael, e ainda mais, pelo cantor do Christianismo, Chateaubriand.

Parece que não haverá duvida em aceitar-se o que eu disse.

Agora passemos á questão da forma. Aqui limitar-me-hei a dar a rasão porque preferi o verso á prosa.

Alguns individuos, em nome da escola moderna, cujo programma tem sido transposto e decomposto, invertido e pervertido, parece quererem inculcar o uso exclusivo da prosa, senão para todos os generos da litteratura, ao menos para o dramatico.

A primeira hypothese fóra um paradoxo manifesto contra a amplitude e a ductilidade do pensamento, as quaes, como elementos do lyrismo, não renunciavam o vago da sua expressão diante de formulas preestabelecidas.

Si tal doutrina vingasse, teriamos de ver por terra todos



esses monumentos litterarios, que, ao passarem pelo cadiño dos tempos, chegaram a formar um código respeitavel. Teriamos de renegar a ode e a epopea, quando não renegassemos Homero e a Biblia. Teriamos de correr um veio de esquecimento sobre Pindaro, sobre Tasso e Petrarca. Teriamos agora mesmo de atirar á fogueira ou as canções de Beranger ou os canticos de Manzoni!

Que! banir a poesia do verso, ou o verso da poesia, por que Fenelon, por ex, e Chateaubriand souberam faser poemas sem metros!..

Ainda bem que he idea esta que parece cahir ao som de uma exclamação.

Preferi eu o verso á prosa, á despeito de opiniões eminentes; não importa. Eugene Pelletan e outros não authorisam innovações absurdas. E preferi o verso á prosa por duas razões muito simples.

A 1.<sup>a</sup> e he absoluta, porque entendo que com a metrificacão não se prejudica o pensamento, e antes mais se desenvolve, uma vez que o poeta sirva-se della como de um instrumento auxiliar, não invertendo a ordem natural e logica das cousas, para se escravizar á fórma em damno palmar da materia.

Esta doutrina, applicada ao drama, tem produsido os melhores resultados, apesar da propaganda revolucionaria; ainda hoje os produz, assim como tenho fe produzi-los-ha no futuro. A Grecia e Roma na antiguidade, e dahi a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Italia, a Hespanha e Portugal, offerecem uma abundancia de documentos em abono desta verdade. Nem ás maravilhas da litteratura escandinava, creio eu esteja reservada a excepção desta regra.

He que em todos os tempos e em todos os paizes tem-se convindo no que o Sr. Lopes de Mendonça resume com tanto nas seguintes phrases: « As emoções da alma tradusidas pela palavra, e embaladas pela harmonia, pela formosura das imagens, e pela musica da eloquencia, devem attrahir o publico, e dar á arte mais esphera. »

Isto, bem se vê, não importa um exclusivo para o verso no dominio da litteratura dramatica. Ninguem me ouvirá dizer que a prosa deixe de corresponder aos fins moraes e sociaes do drama, e que, conforme a natureza do seu objecto, não seja mesmo preferivel em alguns casos. Isto he sabido de ha seculos; e, pelo menos, não ha quem ignore que ja o Camões fasia comedias em prosa.

Eu quero dizer, e direi exemplificando,—uma cousa não:

exclue a outra. Chatterton e Fr. Luiz de Sousa são escriptos por Alfred de Vigny e Garrett. Litteratos que se servem da prosa com admiravel successo porque traduzem Shakespeare ou escrevem Catão?.. Ambos reconheceram, não tanto a inviolabilidade das tradições, quanto a solidez dessas regras, que parecem invulneraveis diante dos golpes da critica.

A segunda razão da preferencia, e que se chamará relativa, porque diz com o caso vertente, reduz-se ao seguinte: Aberto um concurso que se propõe a conferir um premio á composicão que mais houver merecido do Conservatorio, suscita-se, quasi instinctivamente, a idea de empregar os esforços possiveis em ordem a vencer maiores difficuldades, e á segurar, deste modo, a esperanza de um bom resultado.

Ora que o verso seja mais difficil que a prosa, he o que ainda não se pode negar. Nem outra he a razão, porque tanto se afanam em bani-lo da litteratura, sob o pretexto de reformações liberaes.

Em tudo e por tudo, o *juste milieu* he o partido mais convinavel ás operações do espirito. Eu, liberal em politica, liberal em litteratura, distingo, naquella, as utopias dos demagogos, e, nesta, o que podemos chamar—devaneios dos ultraromanticos. Os primeiros, á olhos fechados, batem nos peitos á voz de Cormenin sem terem lido Guisot. Os segundos entregam-se de corpo e alma a Jorge Sand e Balzac, e arvoram-n'os em Evangelistas da nova religião, soletrando de joelhos as paginas de Lelia ou da Comedia Humana.

He que as reformas, entendo eu, devem ser estudadas sob um aspecto de relação; a analyse, na verdadeira accepção philosophica, deve ser uma analyse comparativa.

Goethe, que Capefigue denomina o chefe dessa numerosa e bella familia litteraria da Allemanha, não he o mesmo em abstracto, que comparado com Lessing ou Tieck. No mundo social, Fourier e S. Simon houverão desbancado, como pretendião, Platão e Seneca, Montesquieu e Rousseau, se a sociedade não tivesse, pelo menos, Reybaud, que restringisse as aspirações dos dous reformadores contemporaneos, saudados ja como os novos Messias.

A digressão parece querer ir longe.. Vou finalisa-la, e tambem esta carta.

Resumo-me nestas palavras: Bem que me faltasse o tempo para trabalhar accuradamente na composicão deste drama, assim como na redacção destas linhas—o que o illustrado Conservatorio me desculpará—afianço que empenhei-me, quanto em mim esteve, para corresponder á sua expectativa.



e tornar-me digno da subida honra, com que elle promette galardoar os esforços e as vigalias dos poetas nacionaes.

*Agrario de Souza Menezes.*

# FELICITAÇÃO

DIRIGIDA

PELO CONSERVATORIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO, AO  
DR. AGRARIO DE SOUSA MENEZES, AUTOR DO DRAMA  
INTITULADO — CALABAR. —

*Illm. Sr.*

O Conselho Administrativo do Conservatorio Dramatico Brasileiro, em sessão de 19 do corrente mez, resolvêo, por proposta de um de seus membros, que fosse consignada na respectiva acta uma menção honrosa, e ao mesmo tempo dirigida a V. S. uma felicitação pelo merecimento litterario e artistico do drama em verso, composto por V. S., intitulado — **Calabar** — que fôra inscripto no concurso instituido pelo Conservatorio no anno de 1856, e retirado no anno seguinte; assegurando a V. S. que teve grande sentimento por não poder galardoal-o com o premio promettido á melhor das composições inscriptas, ao qual o referido drama teria inquestionavel direito, se V. S. não houvesse renunciado a elle retirando-o antes do julgamento definitivo do concurso.

Communicando a V. S. esta resolução do Conselho Administrativo do Conservatorio Dramatico, rogo a V. S. que leve sua condescendencia ao ponto de aceitar-a como um testemunho solemne da sympathia e apreço que o mesmo Conservatorio consagra ao bello talento de que V. S. é dotado.

Deus Guarde a V. S. Secretaria do Conservatorio Dramatico Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 21 de Novembro de 1858.

Illm. Sr. Dr. Agrario de Souza Menezes.

*Antonio Luiz Fernandes da Cunha,*  
1.º Secretario,

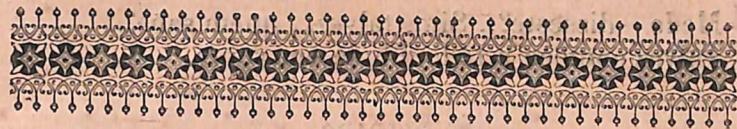


INSTITUÇÃO

DIRECÇÃO

PELO CONSERVATORIO DRAMATICO DO RIO DE JANEIRO, AO  
DR. AGAPIO DE SOUSA MENEXES, AUTOR DO DRAMA  
INSTITUÇÃO - CALABAR -

Acto I.



## ACTO I.

Casa de Calabar. Pequena sala mal mobiliada. Algumas armas dispersas, e encostadas na parede do fundo. Aqui uma porta, que, ao abrir-se, deixa ver algumas arvores pela extensão de um valle.

### SCENA I.

O 1º E O 2º SOLDADO (OUVE-SE O RUFO DE TAMBORES).

1º SOLDADO.

Hein? qu' é lá isto?..

2º SOLDADO.

Nada, não é nada.

1º SOLDADO.

Será?..

2º SOLDADO.

Que temes tu?.. estás com medo?..

1º SOLDADO.

Um momento....

(Pequena pausa.)

Descanso. Não é fogo.

2

1888.  
Rio de Janeiro, em 21 de Novembro do  
ano de 1888.  
Dr. Agapio de Sousa Meneses, autor do  
drama  
INSTITUÇÃO - CALABAR -

Ilm. Sr. Dr. Agapio de Sousa Meneses.

Antonio Luis Fernandes da Cunha,  
1.º Secretário.



Medo — disseste?... Sim, talvez... quem sabe?..  
Talvez comece a tê-lo d'hoje em vante.

2º SOLDADO.

Stou zombando, bem vês. Medo fazemos  
Nós, que uma vez tomamos a espingarda  
P'ra vencer ou morrer!..

1º SOLDADO.

E, co'a fortuna!..  
Vencemos hontem p'ra morrermos hoje,  
Hoje morremos, e depois....

2º SOLDADO.

A gloria!..  
(Pausa. Encaram-se com intenção.)

1º SOLDADO.

Deixei meus filhos, minha mãe caduca,  
Minhas redes, os peixes do meu rio,  
As coplas da saudade, e os ternos cantos  
Que em noutes de luar a minha esposa  
Fazia-me escutar!.. E tu, mancebo,  
Fallas-me assim?... A gloria quasi nada  
E' p'ra o soldado!

2º SOLDADO.

Então?..

1º SOLDADO.

Falla da patria,  
Do dever e da honra. A gloria é sonho;  
E' como o negro fumo do combate,  
Que corre, como um veo, sobre o cadaver  
Do misero soldado!

2º SOLDADO.

Não discorres  
Bem neste ponto. O misero soldado  
Pode chegar a capitão illustre  
Por feitos de valor. Então a gloria  
Pode tambem acompanhar seu nome.

1º SOLDADO.

Emmudeço. Nem mais quero diser-te,  
Por gloria ou por dever, somos na guerra.  
E' o mesmo.

(Senta-se.)

2º SOLDADO.

Ja sei que estás saudoso...  
Estes breves momentos de descanso  
Convidam a lembranças... E' verdade.  
Quero tambem lembrar-me do meu tempo.

(Senta-se.)

Vou contar-te uma historia interessante.  
Queres ouvi-la?..

1º SOLDADO.

Não.

2º SOLDADO.

Que desabrido!..  
Não sabes o que perdes. E' historia  
Exacta e verdadeira, em que figura  
Calabar.

1º SOLDADO.

Calabar!.. Então começa.

2º SOLDADO.

Em noute de borrasca...



1º SOLDADO.

Mau principio!

Em taes occasiões furtam-se moças,  
Esperam-se rivaes, abrem-se covas,  
Enterram-se cadaveres de homens  
Tomados á traição....

2º SOLDADO.

Qual!.. não é isto.

Certa noute, depois do vivo fogo,  
Em que, mau grado seu, os hollandezes  
Viram-se rechacados pelos nossos,  
Uma donzella, pallida, corria  
Como louca, no meio dos soldados,  
Pedindo compaixão...

1º SOLDADO.

E' caso novo

Deveras para mim. Vamos adiante.

2º SOLDADO.

Era bella, eu a vi, bella e formosa  
Como a flor parasita das montanhas.  
O que é?—bradaram todos—A desgraça,  
A morte, que roubou-me neste instante  
Meu pai, meu pobre pai!—disse a donzella.  
O seu corpo onde está?.. ninguem sabia;  
O seu nome qual é?.. um nome indigena:  
Jaguarari—chamava-se.

1º SOLDADO, levantando-se.

Conheço:

Por outra, conheci-o.

2º SOLDADO, idem.

Denodado,

Forte era elle, que nem setta aguda  
Dos seus, nem dos contrarios a clavina  
Pudera estremeçe-lo!

1º SOLDADO.

Mas a moça?

2º SOLDADO.

Procura Calabar, as mãos lhe beija,  
Cobre-as de pranto, e n'um delirio extremo  
Exige d'elle o pai que succumbira!

1º SOLDADO.

O capitão que fez?..

2º SOLDADO.

Triste donzella!

Disse-lhe, erguendo-a nos forçosos braços:  
Confia em mim. Se a patria hei defendido,  
Tambem defendo a misera orphandade.  
Serei teu pai.

1º SOLDADO.

Depois?

2º SOLDADO.

Trouxe-a comsigo:

Deu-lhe morada e pão, deu-lhe vestidos,  
Deu-lhe amparo e valia....

1º SOLDADO.

Deu-lhe affectos

De irmão, de esposo!...

2º SOLDADO.

Sabes?.. Nesse caso....



1º SOLDADO.

Sei melhor do que tu toda essa historia.

2º SOLDADO.

Toda?.. e o seu nome, sabes?...

1º SOLDADO.

Argentina.

Sempre és um contador de historias velhas.  
Ouve agora, que eu vou continuando...  
Pela formosa filha dos indigenas,  
Por sua tez morena, por seus olhos  
Vivos, voluptuosos, por seus labios,  
Por seu viço e belleza, largas noutes  
De vigilia e de insomnia, pensa e pensa  
O duro Calabar!..

2º SOLDADO.

Que!.. Será crível?..

1º SOLDADO.

Silencio!...

2º SOLDADO.

Calabar?!..

1º SOLDADO.

Suspira e chora!..  
Vi-o uma vez assim, la por deshoras,  
Estendido na relva das campinas  
Co'as lagrimas nas faces!.. Branquejavam  
Quaes fossem duas perolas pendidas  
Do tostado semblante do guerreiro!  
Junto ao calor ardente das fogueiras  
Tambem logo seccaram, que elle tinha  
Outro calor igual dentro do peito!

2.º SOLDADO.

Amor!!

1.º SOLDADO.

Amor! que dizes?... não é isto.  
O Capitão, de pena é que chorava.

(Mais baixo.)

Teme Argentina, teme os seus affectos,  
Ignora-os, inda mal!.. teme perdel-os!

## SCENA II.

Os ditos e FARO.

FARO, tendo ouvido as ultimas palavras.

Que escuto!...

(Contendo-se.)

Calabar inda repousa?..

1.º SOLDADO.

Ha muito que sahiu.

(A' parte.)

Se pode ouvir-me...

FARO.

Hei mister de fallar-lhe neste instante.

1.º SOLDADO.

Urge a guerra, Senhor?..

FARO.

E como nunca,  
Os hollandezes levam por diante  
Seus audazes projectos. Não contentes  
De saquear Olinda, elles pretendem  
Que Pernambuco inteiro se avassalle.



Stamos prestos, a guerra continúa,  
Calabar é preciso.

1.º SOLDADO.

Co'a fortuna !  
Flammengos atrevidos, que eu não possa  
Matal-os todos de uma só rajada!...

2.º SOLDADO.

Vamos ver Calabar.

FARO.

Voltai depressa.

Fico ancioso.

1.º SOLDADO.

Não duvido.

(Alto.)

Avante !

(Sahem os Soldados.)

### SCENA III.

FARO E DEPOIS ARGENTINA.

FARO, só

Eis-me só... ella viu-me... hei de encontral-a.  
Quero vel-a tambem, quero fallar-lhe...  
Não posso mais estar n'ausencia della...  
Hoje ou segue-me ou deixo-a.

(Apparece Argentina.)

Que ventura !

Argentina, eis-me aqui, eis-me a teu lado.

(Segura-lhe as mãos.)

Um beijo nestas mãos...

(Beijando-as.)

Um terno abraço...

ARGENTINA.

Senhor !...

FARO.

Recusas?... Oh! bem desgraçado,  
Bem desgraçado sou!... Neste momento,  
Em que devo partir para o combate,  
Foges, foges de mim ?...

ARGENTINA.

Partir ! quem disse ?...

Será certo, Senhor ? Partis de novo,  
Deixando-me sosinha, abandonada,  
Sem um risc sequer dos vossos labios,  
Sem uma doce lagrima dos olhos ?...  
E eu inda esta vez fico sepulta  
No horror da solidão? Inda a saudade  
Tem de pungir-me o peito ?...

FARO.

E' necessario,  
E' forçoso, Argentina. Tú bem sabes  
Que quem manda quer ser obedecido.  
Eu não tenho vontade.

ARGENTINA.

E' que não amas !  
Por mim deixáras uma vez a guerra,  
Por mim tú fôras sup'rior a tudo,  
Se mais que tudo o meu amor valesse.

FARO.

O teu amor—acaso inda duvidas  
Que seja para mim a propria vida ?  
Por quem, senão por ti, corro ás batalhas  
Para trazer os louros da victoria ?  
Por quem, se não por ti, venho arriscar-me,



Podendo ser por Calabar malquisto,  
Podendo ser talvez injuriado?  
Que queres tú que eu faça?...

ARGENTINA.

Não me fujas,  
Não me abandones, Faro!...

FARO.

Porque preço  
Queres assim comprar o meu delicto?...

ARGENTINA.

Que dises?... teu delicto?

FARO.

Sim. Deveres  
De soldado, eis-aqui quanto violo.  
Delinquindo, hei de ter bem justa pena.

ARGENTINA.

Então, nem um só raio de esperança!...  
Nem um signal de amor, nem uma prova  
De que desejas ter-me por esposa?

FARO.

Argentina, que dises? Não prosigas;  
Não prosigas, Amor, que me desvairas.  
Estás disposta a ser a minha esposa?...  
Então, segue-me..

ARGENTINA.

Que! não te percebo.

FARO.

Seguir-me é ser feliz, minha Argentina;  
E' transpor os umbraes do templo augusto  
Onde tú deves acceitar meus votos.

ARGENTINA.

Que dizes, Faro? é isto? Então, depressa,  
Que venha Calabar, que nos escute,  
Que nos condusa...

FARO.

Oh! Deus!... é um engano.  
Calabar não assente aos meus desejos.

ARGENTINA.

Que pensas? que loucura! O teu character,  
O teu nome, o teu posto, não exigem  
Que sejam respeitados?... Não conheces,  
Não conheces de certo quanto é nobre,  
E quanto é digno Calabar!

FARO.

Conheço,  
Conheço-o como tú, minha Argentina.  
Suas altas façanhas, os seus feitos,  
Vão muito alem da fama que os pregôa.  
Mas ignoras, miserrima innocente,  
Que trata-se de ti mais do que julgas?  
Ignoras que esses labios, que esses olhos,  
Que essa belleza virgem que te esmalta,  
Podem ter despertado affecto ignoto,  
Grande, immenso, qual sinto no meu peito,  
No peito d'elle? !...

ARGENTINA.

Basta!... Enlouqueceste,  
Enlouqueceste, Faro!...



FARO.

Quem dissera !...

ARGENTINA.

De Calabar o affecto não conheces;  
 Longe vai do que pensas. No sossobro  
 Em que viu-se a minha alma, quando á terra  
 Baixou meu pobre pai, a voz que ouvi-lhe  
 Foi de outro pai que o Ceu me deparára.  
 A mão, que á triste orphan desvalida  
 Elle deu a beijar, foi mão paterna,  
 Onde imprimi-lhe o osculo de filha.  
 O trato que depois, sempre, até hoje,  
 Hei delle recebido, é trato amigo,  
 Puro, liso e singelo. E quem n'ó crêra ?  
 Quem já viu Calabar por outro affecto,  
 Senão por gloria, suspirar um dia ?  
 Quem já lhe ouviu dos labios uma falla  
 De amor senão a patria? Quem nos olhos  
 Já lhe enxergou um raio dessa chamma,  
 Que vem do coração, que abrasa o peito ? ...  
 O muito que por mim tua alma sente  
 Póde occupar talvez a phantasia  
 Creando imagens que a rasão dissipa.  
 Por ti somente, Faro, eu sou amada,  
 Bem como só por ti desejo a vida !

FARO.

Leio a sorte ditosa no que dises;  
 Dam-me palavras taes a flicidade,  
 Mas não destróes assim minhas suspeitas.

(Apaixonadamente)

E' natural, bem sei... quasi forçoso!  
 Quem pode ver-te, Amor, que amor não sinta?  
 Quem, vivendo contigo, as mesmas auras  
 Podendo respirar que tu respiras,  
 Pisando a mesma terra, os mesmos arcs

Bebendo, ao por do sol, em fresca tarde  
 Colhendo as mesmas flores, na alvorada  
 Dos passaros ouvindo o mesmo canto,  
 Quem, invejando o amor da natureza,  
 Não sentirá por ti bater-lhe o peito? ...  
 Não culpo Calabar, não, Argentina.  
 Branco ou negro, do homem neste mundo  
 O coração é o mesmo. Nem tam pouco  
 Quero exprobrar-te o crime da belleza.  
 Tudo está, meu Amor, em convencer-te  
 De que deves seguir-me.

ARGENTINA.

Só por isto?

Só por suspeitas vans queres que eu deixe,  
 Sem mais diser-lhe, quem me tem valido?  
 Que abandone este lar, onde os meus dias  
 Tenho passado, á sombra da piedade? ...  
 Que fuja emfim, de Calabar n'ausencia,  
 Como a ré do juiz, sob o pretexto  
 De ser por elle amada? E por que preço,  
 Por minha vez pergunto—e por que preço  
 Queres comprar assim o meu delicto?  
 Para, no fim de rapidos instantes,  
 Deixares-me sem dó, marchando á guerra?

FARO.

Por esse preço, então, cré-me, Argentina,  
 Eu ficarei.

ARGENTINA, com satisfação.

Que dizes?.. A meu lado

Tu ficarás, não é?..

(Pausa de reflexão.)

Meu Deus!..

(Com resolução.)

Não quero.



FARO.

Não te entendo, Argentina... Que disseste?..

ARGENTINA.

E' grande o meu amor?.. tu bem conheces.  
A minha gratidão não será menos!

FARO.

Nesse caso, Senhora.....

ARGENTINA.

Que esperemos  
Calabar. Tu dirás, e por meu turno  
Eu lhe direi tambem—Senhor, amamo-nos!

FARO.

Depois?....

ARGENTINA.

Elle ha-de dar-nos sua benção;  
Sua benção, que préso e que respeito,  
Como a do pai que Deus me havia dado.

FARO.

Se recusar?....

ARGENTINA.

Insistes?.... Nesse caso,  
Acompanho-te, Faro!...

FARO.

N'um momento,  
N'um momento; percebes?...

ARGENTINA, com pesar.

N'um momento!..

FARO.

Obrigado, Argentina.... Nova vida  
Déste-me agora nesta só palavra!...

ARGENTINA.

E cumprirás a tua?...

FARO.

Eu t'o prometto.

### SCENA IV.

Os DITOS E CALABAR. ( CALABAR, ENTRANDO COM AR  
PRASENTEIRO, CARREGA SUBITAMENTE O SEMBLANTE. PAUSA  
DE MUDA CONTEMPLAÇÃO.)

FARO.

Busco-te, Calabar, para fallar-te..  
Mas, antes me dirás—o que ha de novo?..  
(Ouve-se o rufo de tambores.)

CALABAR, seccamente.

Eis que responde o rufo dos tambores!..  
(Com fingida brandura.)

O que me queres tu?...

FARO.

Primeiramente  
Annunciar-te os planos do Flammengo,  
Diser-te, e aconselhar-te...

CALABAR.

Basta, Faro.

Foste serodio em traspassar-me a nova  
De que para o Pontal segue o inimigo,



Vamos em breve oppor-lhe resisten cia:  
O signal bem ouviste.

FARO.

Neste caso...

CALABAR,

Apresta-te tambem. A guerra chama:  
Não ha rasão que deva demorar-te.

FARO.

Sabes que eu bem conheço os meus deveres.

CALABAR.

Nem al eu disse nunca em teu desdouro.

FARO.

Entendo, Calabar. Mas é que ás vezes  
Uma força maior, ah! quem duvida?  
Pode sustar o braço do soldado...

CALABAR.

Em defeza da patria, oh! nunca, nunca!...  
(Pequena pausa.)

Pênsaste nisto, Faro?.. não te creio.  
Pensar em ser traidor!.. idea horrivel!..  
Não se viola assim um juramento  
Sem grande offensa a Deus!..

FARO.

E' bem verdade.

(A' parte.)

Que disse?.. ante Argentina!.. oh! imprudente!

(Alto.)

Sei, Calabar, que é justo o que me dises;

Sei que o soldado que nasceu p'r'a guerra,  
Jamais deve evita-la. Mas que importa,  
Que val o que devemos quando n alma  
Sôa mais forte ainda o que sentimos?..  
Que valem o clamor e a voz da honra,  
Da honra do soldado, quando a vida,  
Quando o amor, Calabar....

CALABAR.

Que dises, Faro?..

(Accentuando a palavra.)

Amor!.. Amor no peito do soldado!..  
Metéoro fatal que os olhos cega,  
Como o clarão ignifero do raio!..  
Amor!..

(Olhando á furto para Argentina.)

Extingue-o, se no peito o sentes!

(Com animação.)

Ama o zunir das balas no combate!  
Ama, como eu, o lampejar dos ferros,  
O fumo asphixiante das bombardas,  
O estrondo do canhão, o pó cinzento  
Que o exercito levanta, o horror e o pranto,  
O sangue e a morte!..

(Mudando de tom.)

E a gloria! e a gloria, Faro!

Ama, como eu, a gloria e a liberdade!  
E a patria!..

(Ironicamente.)

A patria! a liberdade!..

(Com amargura.)

Engano!

Mentira tudo!..

FARO.

Calabar!.. e dises?..



CALABAR.

O que disse, não sei... não sei... confesso.  
Apenas... que... já vem chegando a hora  
De acompanhar os nossos para a guerra!  
Apresta-te, mancebo!

FARO.

Num momento.  
Mas, antes, Calabar, quero pedir-te,  
Pedir-te, sim, que ouças Argentina,  
Que me ouças também...

(Movimento de Calabar.)

ARGENTINA, á parte.

Oh! ceos, eu tremo!..

CALABAR, *ancioso*,

Disci... fallai, fallai...

ARGENTINA, *com candura*,

Senhor, amamo-nos!

CALABAR, *como fulminado*.

Nunca! nunca!.. jamais!.. é impossivel!

(Mudando subitamente de tom.)

Quero diser...

(Fingindo calma.)

Agora... neste instante..

Quando devemos só cuidar na guerra.

Depois... depois...

(Com raiva concentrada.)

Amis-vos, não?..

ARGENTINA, á parte.

E' crível

O que me disse Faro... Oh! que supplicio!..

FARO.

Accedes, Calabar?..

CALABAR, *refreando-se*.

Oh! que direito

Tenho eu para me oppor? Sois ambos livres..

Livre é o coração... Sois um do outro...

Não é assim?...

FARO.

Então?...

CALABAR.

Um só conselho,

Se é que posso dal-o, eu vos daria.

(Asedando gradualmente a expressão)

Primeiro que donosos galanteios  
Hajais de coroar, deixai que findem  
As empresas bellicas dos nossos,  
Que nesta occasião, entre os perigos,  
Esquecem-se de amor, curam da patria!  
Um nobre coração não ha, que ouvindo  
O clangor da trombeta em crise horrenda,  
Sopre de longe o fumo dos combates  
Para aspirar das flores o perfume!  
De vosso pai, Senhora, a sombra inulta  
Vaga talvez no meio desses campos  
Em busca de um punhal para vingal-o!

(Argentina treme.)

Essa espada, Senhor, que vos cingiram  
P'ra defender os fóros de uma gente,  
Ainda não banhou-se em sangue imigo,



Nem um só palmo conquistou de terra!...

(Faro adianta-se ameaçador.)

Offende-vos acaso o que vos digo ?

E' a franquesa rude do soldado,

Mas é tambem a força da verdade.

(Amargamente.)

O duro Calabar, talvez sentindo

Muito mais do que vós, nunca dos labios

Deixou cahir de amor uma palavra !

E é que não amasse ?! desgraçado !...

(Arrebatadamente.)

Desconheceis o affecto do mulato ?

Negais-lhe coração, negais-lhe alma ?!

Tudo o que tendes, brancos, tambem tenho !

Alma ás vezes melhor do que é a vossa,

Coração que se esmalta de virtudes,

São igualmente dotes que nos cabem!

(A' Faro, em particular)

E' que amava em segredo! Immenso, ardente,

Como este sol que queima os nossos bosques;

Occulto, como a serpe que se enrosca

No cavo tronco de floresta opaca;

O amor que aqui senti, que sinto ainda,

Stá recalcado pela mão de ferro

De uma vontade de homem !

(A' parte, com compunção.)

Que tremenda

Revolução se opera na minh'alma!

Ella o ama !!!

(Pausa de meditação.)

FARO, em voz baixa.

Argentina, inda duvidas ?

ARGENTINA.

Meu Deus, valei-me !...

FARO.

Cumpre a tua jura !

Eu te espero, não faltes !

ARGENTINA

Oh ! que sina !

FARO, batendo no hombro de Calabar.

Desperta, Calabar ! Eu te precedo...

Guerra ! guerra de morte !...

(Dando as mãos a apertar.)

Aos hollandezes !...

CALABAR, apertando-lhe as mãos.

Guerra ! guerra !

(A' parte.)

Por quem, só Deus o sabe!?...

(Faro sahe.)

SCENA V.

CALABAR E ARGENTINA. (PAUSA.)

CALABAR, á parte.

Eis-nos sós. Tanta vez que assim nos vemos...

E eu jamais lhe disse uma palavra,

Uma palavra só do amor ardente,

Que agora em labaredas me incendia!...

Miserrimo de mim !... perante uns olhos

Tremo, qual nunca do medonho fogo!...

(Com pungente exclamação.)

Argentina !!



ARGENTINA, *assustada.*

Senhor!

(Indo a ajoelhar-se.)

Eis-me prostrada

Aos vossos pés!... Aqui quero que desça  
O perdão para mim, se sou culpada.

CALABAR, *levantando-a.*

Culpada! que dizeis? ah! levantai-vos.  
Culpado fôra Deus, se crime houvesse  
Em termos coração!... Eu não te accuso.  
Como tu és, são todos. Para amarmos  
E' que no Ceo scintillam as estrellas,  
E' que na terra as flores desabrocham!  
Ante o quadro gentil da natureza  
Tudo respira amor, amor é tudo.  
Deste nosso paiz nas densas mattas  
Eu vi as mesmas feras se ameigando.  
Certo dia, na pista do inimigo,  
Pelos invios silvedos entranhei-me.  
Duas pequenas onças reclinadas  
Uma n'outra, lambendo-se, beijando-se,  
Eu encontrei ali. Tremendo ao vel-as,  
Pude logo fugir-lhes sem ser visto.  
Cegava-as o amor, como nos cega.  
Eu mesmo tenho amado, ó Argentina!!  
Eu, que, nascido á sombra das florestas,  
Quasi indomita féra me suppunha,  
Desconhecendo amor, tambem me curvo  
A' soberana lei que os entes regel...  
No meio da refrega encarniçada,  
Em que só fumo e sangue respirava,  
Uma como fragrancia, um doce aroma  
Senti que vinha deleitar-me o olfato.  
Era uma joven, pallida-morena,  
Que, como uma visão de amigo sonho,  
Tinha ante mim!... Não pêsá-me dissel-o:

Foi a primeira vez que tive medo!...  
E eu nunca lhe disse que a adorava!  
Nunca, Argentina! os labios do mulato  
Temeram descerrar-se! Quem dissera  
Que as suas vozes fossem escutadas,  
Que os seus protestos fossem attendidos?...  
Como ao leão das selvas, um rugido  
Era o unico som que lhe escapava!...  
Então valeu-me o amor duro da guerra!...  
Como um suspiro—escuto os sons estridulos  
Dos ferros que se batem no conflicto!  
Como um olhar furtivo—a luz vivace  
Do fogo que nas laminas reflecte  
Como a luz do relampago nos mares!  
Como uma nota angelica e magoada  
De labios de mulher, o arquejo extremo  
Do moribundo em vomitos de sangue!  
Como o perfume roseo da coroa  
De nupcias, o bafo pestilente  
De cadaveres mil que enchem os campos!  
E' um amor horrivel! não? Embora.  
Assim o quer a sorte, assim o queres,  
Tu, Argentina!!

ARGENTINA.

Que! meu Deus! que escuto?  
Que me diseis, Senhor?! Não vos entendo...

CALABAR.

Assim deve de ser! Linguagem nova  
E' esta que me ouvis! Pois bem, Senhora;  
Resumindo o que sinto neste instante,  
Direi por fim com a força de minh'alma:  
Argentina, eu te amo! !...

ARGENTINA, *estremecendo*

E' impossivel! !..



Oh! meu Deus!... soccorrei-me!... estou perdida!...

CALABAR, brandamente

Perdida!... que disseste?... Nos meus braços  
Já receiaste os golpes da fortuna?  
Já te dobraste ao sopro da tormenta?  
Linda, mimosa flor, quem te ha valido  
Nestes amargos transes da existencia?  
Quem te ha prestado a sombra caroavel  
A que foges do sol, que as flores cresta?

(Mudando de tom.)

Será que me despreses, Argentina?!  
Será que sejas de outro?!... Oh! desvario!...

(Comsigo mesmo.)

Amei-a como pai!... foi um engano:  
Era outro amor o que eu lhe consagrava!  
Ante ella emmudeci.... fatal silencio!...  
E' tarde agora!...

(Com força.)

Ou sempre havia sê-lo?!...  
Astro horrendo lusio sobre o meu berço;  
E negro, como era, me imprimira  
A sua cor!... Assim nasce o mulato!....

(Arrebatadamente.)

E tu, mulher, me julgas pelo rosto,  
Ou pelo que por ti hei practicado?!...  
Decide-te!...

ARGENTINA, com angustia.

Senhor!... quereis ouvir-me  
Palavras que não devem, que não podem  
Retratar fielmente o que ora sinto?!...  
Que valêra diser-vos que vos amo,  
Se ha muito o coração hei dado a outro?..  
Perdoai-me... talvez sou criminosa...  
Porem maior delicto certo fôra

Mentir a quem merece-me a verdade!...

(Com candura.)

Mas eu vos amo... Sim, eu vos adoro;  
Adoro-vos, Senhor, como uma filha  
Que por seu pai a Deus constante roga!..

CALABAR.

Basta, basta, por fim... O subterfugio  
De que vos soccorreis, quasi me indigna!..  
Que quer diser, Senhora, o amor de filha?..  
Ephemero e fugaz como o sorriso  
De labios infantis, pobre de aroma,  
E' desbotada flor, que n'um só dia  
Nasce pela manhan, e á tarde morre!..  
Falta-lhe a seiva, o orvalho matutino,  
O ardor do sol... A seiva é a esperança,  
Que faz reverdecer flores ja murchas...  
O orvalho... são as lagrimas sentidas  
Que verte o coração, nadando em goso...  
O ardor do sol é a chamma bemfaseja  
Que, rebentando d'alma, a vida aquece!..  
Eis o amor que desejo... ardente e forte,  
Irrequieto e audaz como o oceano,  
Grande, infinito, immenso como o espaço!...  
Eu vi a luz á sombra das florestas,  
Onde o vento sibila e a fera ruge!..  
Criei-me ao som das vagas espumantes,  
Que lutam peito a peito co'os rochedos!..  
Hoje, adormeço ao pé de annosos troncos,  
Ou escutando o silvo das serpentes,  
Ou recordando a orchestra das batalhas!...  
Meu amor deve ser como o meu genio,  
Como o meu coração, como a minh'alma!..  
Soberbo e altivo, indomito e tyranno,  
Que uma vez posto em lucta, ou vence ou morre!..

(Moderando-se.)

Mas eu não quero impor-te os meus affectos,  
Não, Argentina... Quero que me falles



Co'a voz da candidez que te ennobrece...  
 Não me amas como pai?... Pois bem: escuta,  
 De placido e suave que nascera  
 Esse bom sentimento, que me votas,  
 Muda-lhe facilmente a natureza;  
 Crê-te esposa, deixando de ser filha!...  
 Dá-me um riso de amor... sim, Argentina...  
 Que lagrimas de amor te tenho eu dado!...  
 Dise... dise...

ARGENTINA, *timidamente.*

Senhor, um juramento  
 Ante os Ceos, ante Deus... me liga a Faro....  
 Perdão....

CALABAR, *exaltado.*

Perdão!... Maldito o que perdôa  
 Quem o condemna á morte nesta vida!..  
 Perdão!.. e para quem?... para esse indigno,  
 Esse vil e covarde aventureiro,  
 Que alem da patria as affeições me rouba?!  
 Traidor!.. infame!... Longe dos perigos,  
 Longe da guerra, em ocio criminoso,  
 Deixando a espada—qu'inda mal lhe deram—  
 Enferrujar-se dentro da bainha;  
 Vem perturbar os sonhos innocentes  
 De uma virgem tam bella, e sedusi-la!..  
 Perdão!.. e para quem?... p'ra quem dictou-me  
 A sentença fatal que me aniquila?!  
 P'ra ti, que neste instante, me respondes  
 C'o um desengano atroz?!..

(Pequena pausa.)

Pois bem, Senhora:  
 Antes assim, conheço o meu futuro...

(Com amarga ironia.)

Sereis feliz, não é?... Nos braços d'elle,  
 Vereis brilhar no Ceo lindas estrellas,

E rebentar do chão mimosas flores!..  
 Do passarinho o canto matutino  
 Irá vos despertar no roseo leito!...  
 A' noute, quando a lua prateada  
 Espargir seu clarão por sobre a terra,  
 Ou nas margens de um rio, ou nas collinas,  
 Desprendereis suspiros, brandos, ternos,  
 De amor e de esperança!.. Unidos ambos,  
 Ambos ligados por um laço eterno,  
 A mesma sorte levereis no mundo  
 De goso e de ventura!.. Então lembrai-vos  
 De Calabar maldito!.. Aos Ceos por elle  
 Uma oração singela e piedosa  
 Vós mandareis de certo....

ARGENTINA, *com aprasimento.*

Oh! sim... de certo.  
 Por vós, por vossos dias...

CALABAR, *atalhando.*

Por minha alma,  
 Por minha alma!.. que então serei ja morto!!

ARGENTINA.

Oh! não, jamais, jamais... Deus ha de ouvir-me.  
 Vós...

CALABAR, *idem.*

Irei para a guerra em continente!...  
 Mais bravo que um leão, mais indomavel  
 Que um tigre, as minhas garras afiadas  
 Irei pregar no peito do inimigo!...  
 Depois, cansado ja de acerba lida,  
 Em que derramarei um mar de sangue,  
 Virão tomar-me fraco, sem alentos,  
 E me farão subir o cadafalso!..



Irei tranquillo, placido, e sereno,  
Não duvideis, Senhora... irei contente!...  
Vosso amante ha de ter já succumbido!...  
Não sereis minha, não?! não sereis d'elle.

ARGENTINA, aterrada.

Meu Deus!... meu Deus!...

(Ajoelhando-se)

Senhor, por piedade!...

Disei-me que mentis... que tam perverso  
Ah! não sereis assim... que a vossa filha  
Não matareis, meu pai! oh! sim, disei-me...

(Pequena pausa.)

Mudo estais? oh! então...

(Com firmesa.)

Sois um tyramno!...

Se mal vos fiz, em mim deveis punil-o...

Eis-me ante vós, descarregai o braço!

Feri-me, se podeis... quem vos impede?...

E' meu o crime?... seja minha a pena!

Uma fraca mulher nunca fez medo...

Tendes-me aqui, não fujo... Valoroso,

Intrepido guerreiro, erguei a espada!...

Cravai-a neste peito criminoso!...

Avante! avante!... Falta-vos coragem?

Nunca se ouviu que Calabar tremesse...

Eia, Senhor, matai-me!...

CALABAR.

Nunca!... nunca!...

Morto fai eu por ti... que mais tu queres?

Elle o será por mim!... Morte por morte!

ARGENTINA, á parte.

Como salvai-o, ó Deus?!...

(Pausa. Alto.)

Pois bem, ouvi-me:

De mim, dissestes, pende a vossa vida...  
Vós me amparastes... Sou-vos devedora!...  
Bem o conheço... Então um só instante  
Dai-me p'ra meditar... depois...

CALABAR.

Que dizes?...

Sim, Argentina, vai... Oh! esperança!...

Tomas de novo posse da minh'alma...

Eu espero por ti...

(Argentina, sahe.)

SCENA VI.

CALABAR, E DEPOIS OS DOUS SOLDADOS.

CALABAR, só.

Será possível?...

Cresce a tormenta, ou extingue-se de todo?...

Vel-a, gosai-a... oh! doces pensamentos

Que nunca o pensamento me deixastes!...

A minha sorte agora está pendente

De uma palavra sua, de um seu riso!...

Bem fraco leme és tu, rasão do homem!

Dever, a gloria, a patria, a liberdade,

Tudo é menos que amor!... Nem já me lembra

A hora do combate... Hei combatido

De mais. O coração tambem me falla;

Devo escutal-o um dia... Longe as gritas,

Os toques dos clarins, e os sons da guerra...

(Percorrendo a scena.)

Armas crueis, forjadas pelo interno,

Instrumentos de morte em sangue tinctos,

Ficai mudos ahi... eu vos detesto!

Echos horriveis do estampido ingente

Que as bellicosas machinas expellem,

Trocai-vos pelas auras que aeompanham



As saudosas canções de dous amantes!...  
Planos e ardis, que a mente desenvolve  
Para tomar de assalto os inimigos,  
Convertei-vos em sonhos encantados,  
Pela fagueira esp'rança da ventura!...  
Emfim, astros do Ceo, flores da terra,  
Naturesa gentil, eis-me comtigo!  
Maldito o que turbar-me a paz que enceto!...

(Entram os Soldados)

1º SOLDADO.

Senhor, um caso novo...

CALABAR, *atalhando.*

O que pretendes tu? Quem te chama?...

2º SOLDADO, *á parte.*

Está com febre.

1º SOLDADO.

Quem nos chama? diseis... Nós é que vimos  
Diser-vos que vos chamam...

2º SOLDADO.

Na verdade,  
Querem fallar-vos, sim. Quem, não sabemos.

CALABAR.

Então ide-vos...

1º SOLDADO.

Mas...

CALABAR.

Tenho ja dito.

2º SOLDADO.

A pessoa é suspeita... alguma trama  
Bem pode ser...

CALABAR.

Não temo. Que me querem?

1º SOLDADO.

E' segredo: nos disse o tal sugeito.  
E segredo, que muito importa á causa  
Portugueza...

CALABAR.

Talvez. Fasei que entre.  
(Os Soldados obedecem.)

### SCENA VII.

OS DITOS, E UM DESCONHECIDO.

1º SOLDADO.

Eil-o, Senhor.

(A' parte.)

Que cara!... não me agrada.

CALABAR.

Retirai-vos...

2º SOLDADO, *vacillando.*

Senhor...



CALABAR.

Ide-vos ambos.  
(Os Soldados sabem.)

O DESCONHECIDO.

Estamos sós, não é?...

CALABAR.

Haveis receio?  
Fallai, fallai. Que tendes a diser-me?

O DESCONHECIDO.

Então não vos importa quem eu seja?  
Melhor. Nem eu tambem vol-o diria.  
Venho a negocio... O mais, curiosidade...  
Sois Calabar, é certo. Conheci-vos  
Logo á primeira vista. Este desgarró,  
Este arreganho...

CALABAR, *atalhando.*

Nada de delongas  
Em cumprimentos futeis. Apressai-vos.  
Nestes tempos só falla-se de guerras.

O DESCONHECIDO.

Inda bem que vós mesmo haveis chegado  
Ao ponto. Nada mais e nada menos,  
Venho fallar-vos disso.

CALABAR.

O que ha de novo?

O DESCONHECIDO.

Que eu saiba, nada. Tudo está no mesmo.

Entretanto, é preciso... é necessario  
Que isto se acabe... Sim, que se decida.

CALABAR.

E neste caso, a quem houver mais força;  
Que a justiça, inda mal, não sei quem haja!  
Então, já conjecturo ao que viestes...  
Sois transfuga talvez, que...

O DESCONHECIDO.

Tomai tento!

Pensai melhor!...

(Moderando-se.)

Quem sabe?... Ouvi primeiro.

Não que eu maldiga o transfuga... Por vezes  
Podem haver rasões que nos obriguem...  
Transfugas, vemos nós em todo tempo  
Em todos os partidos. Tudo segue  
Pelas conveniencias do individuo.  
Mas é que não sou eu quem deve agora  
Usar deste recurso. O que valera  
A minha fuga, em prol deste ou daquelle?..  
Quem sou eu? Estes factos pesam muito  
Conforme as personagens que os praticam.  
Que val um janianes neste mundo?  
Se vós fugissois, lá era outra cousa...

CALABAR.

Que diseis, temerario?... E' uma infamia!

O DESCONHECIDO, *á parte.*

Espinhou-se?... Fallemos-lhe mais claro.

(Alto.)

Perdoai, Calabar... Sois esquentado!  
Quem ja chamou infames esses grandes,  
Grandissimos heroes, que tem deixado



Uma causa por outra?... Os seus coevos  
 Irritam-se, exasperam-se, excommungam:  
 Os vindouros, a san posteridade,  
 Admiram-lhe o valor, honram-lhe a fama.  
 O heroe nunca jamais deixou de sê-lo  
 Porque fugio de Roma p'ra Carthago.  
 E deixariaes vós, por tal motivo,  
 De ser o mesmo Calabar?..

CALABAR.

Enxergo  
 Finalmente a missão que te incumbiram.  
 Foste ousado de mais! E, por minh'alma,  
 Vieste a ponto. Queres subornar-me?..

O DESCONHECIDO.

Menos isto, Senhor... Eu fallo serio.  
 Guerreiros como vós não se subornam:  
 Convencem-se co'a força de argumentos,  
 Co'a logica...

CALABAR.

Pois bem. Disei primeiro  
 Quem vos mandou aqui?...

O DESCONHECIDO.

Van-Scopp.

Isto é o menos:

CALABAR.

Que garantias offerece?..

O DESCONHECIDO.

Postos, honras, fortuna...

(Tira um papel.)

Aqui vos trago

A sua assignatura. Se aceitardes,  
 Com ella firmaremos um contracto,  
 E obtereis o quanto desejardes.  
 O General não falta ao que promette:  
 Sendo certo tambem que cedo ou tarde  
 Ha-de colher os louros da victoria.

CALABAR, tomando o papel.

Bem vedes que me dou por convencido:  
 Dai-me o papel. Agora haveis diser-me  
 A quanto vão as tropas Hollandezas  
 P'ra calcular a gente que precisam.

O DESCONHECIDO, á parte.

Entendo-te, sagaz.. Tu não me embaças.

[Alto.]

A gente é muita: falta-lhe somente  
 Quem a dirija aos pontos vulneraveis  
 Dos inimigos lusos. Só nos falta  
 Um Calabar.

CALABAR.

Entendo. Que conheça  
 Melhormente o caminho p'ra corta-lo.

O DESCONHECIDO.

Justamente.

CALABAR.

Que trace e que desereva  
 As derrotas possiveis e provaveis.

O DESCONHECIDO.

Tal e qual.

CALABAR.

Que se opponha finalmente,



Com quanta força houver, ás forças lusas...

[O Desconhecido faz um signal affirmativo.]

Que venda a honra, e sacrifique a patria!..

O DESCONHECIDO.

Menos isto, Senhor... Stais enganado.  
Nós tambem temos patria, temos honra;  
Tal ou qual, esta, aquella, isto é o menos.

CALABAR, *rasgando o papel.*

Torna a Van-Scopp, indigno mensageiro;  
Da-lhe a noticia do que vés faser-se  
Da sua assignatura!..

O DESCONHECIDO, *confuso.*

E' muito arrojo!..

Senhor!..

CALABAR, *sorrindo-se.*

Bem fraca foi a tua logica!..  
Guerreiros, como eu, não se subornam;  
Vencem ou morrem!.. Vai-te, miseravel!

O DESCONHECIDO, *á parte.*

Perdi a aposta... Leva-me o diabo!

[Alto.]

Tu te arreponderás do que fizeste!..

(Entram os dous soldados.)

Então, por isso que vos desagrada...  
Posso ir sem risco?..

CALABAR.

Podes ir tranquillo.  
Dai passagem, soldados, ao enviado  
Do general Van-Scopp.

1º SOLDADO.

Um inimigo!..

2º SOLDADO.

Um Hollandez!..

CALABAR.

Affouto e resoluto.

Arriscou-se e perdeu!

O DESCONHECIDO.

Então?..

CALABAR.

Depressa

Parti!

[O desconhecido sahe.]

### SCENA VIII,

CALABAR, E OS DOUS SOLDADOS.

1º SOLDADO.

Partio!..

2º SOLDADO.

E nós, tambem partimos.

Eis-nos promptos, Senhor...

CALABAR.

Eu ja vos sigo.

[A' parte.]

E ella, que medita em meu destino!..  
Ella, que foi calcar antigo affecto,  
Para acolher o meu!.. Vou encontra-la.



Bôa ou má, quero ouvir sua resposta:  
Quero saber o que farei na guerra!..  
(Entra no quarto de Argentina.)

1º SOLDADO, *maliciosamente.*

Ouviste?.. Viste?.. E' certo o que eu te disse.

2º SOLDADO.

Deveras, Calabar...

1º SOLDADO.

Está perdido!  
Depois de velho, dar em namorado!..  
Quasi que não se lembra mais da patria!..

2º SOLDADO.

E quem ama tem patria?

1º SOLDADO.

Que é que dizes?..  
Dar-se-ha que tu estejas namorado  
De uma flammenga?... Cuida n'outro officio,  
(Mostrando as espingardas.)

Eis ali tua amante... Eia, suspende-a!  
(Seguram as espingardas.)

Dá-lhe um estreito abraço, um doce beijo...  
(Abraçam e beijam as espingardas.)

Ai! que cheiro, que aroma, que fragrancia  
De polvora! Por Deus, é mais gostoso  
Que alguns beijos que dão certas mulheres.

2º SOLDADO.

Ahi vem o homem...

[Retiram-se ao fundo.]

CALABAR, *entra, attonito, e com uma carta.*

Não!... lá não estava!..

(Correndo a scena.)

Aqui, talvez... Parece-me que escuto  
A sua voz. o som do seu sorriso...  
Creio sentir o magico perfume  
Dos seus cabellos...

(Pequena pausa. Mostrando a carta.)

Oh! isto é uma carta!..

E' para mim...

(Lendo-a.)

« Senhor, foi necessario,  
« Foi forçoso deixar-vos...

[Estremece.]

« Eu me aparto...  
« Pedistes um amor... que era impossivel!..  
« Adeus...

[Arquejando.]

« Adeus, meu Pai!»

(Com dolorosa exclamação)

Oh! Argentina!!!...

1.º SOLDADO, AO 2.º

Partio!.. ouves?..

2.º SOLDADO.

Partio!..

1. SOLDADO..

Senhor....

CALABAR, *como despertando.*

Stajs promptos?.

Vamos, vamos... Porém... ide primeiro...  
(Exaltando-se)

Depressa, ide busca-a!.. ide ligeiros!..



Viva ou morta, eu a quero!... Eia, soldados!..  
Trasei-me o seu amante... Vivo ou morto  
Eu o quero tambem!.. Ide após ambos!..  
Estais quedos?.. Não ides?.. Estais surdos  
A' voz de Calabar?..

(Pequena pausa) (Subitamente)

A minha espada?...

Dai-m'a, dai-m'a!....

(Tomando uma espada.)

1º SOLDADO.

Corramos ao combate!  
La punireis, Senhor, o crime de ambos!...

CALABAR, *querendo levantar a espada.*

Stá pesada!... não posso mais erguel-a!...  
Ao coração correu-me o sangue todo!...

1º SOLDADO.

Valor!.. Coragem!..

(Ouve-se o clarim.)

O clarim ja soa!..

2º SOLDADO.

O fogo vai romper...

[Chega á porta do fundo e dispára para fóra.]

1º SOLDADO.

Senhor, partamos

2º SOLDADO.

Morra o flammengo!...

1º SOLDADO.

Viva o lusitano!...

CALABAR, *com força.*

O lusitano!.. tredo, vil, covardel!..  
Caia sobre elle o raio da vingança.

[Brandindo a espada.]

Vêde outra vez a força do meu braço!..  
Reviveu, augmentou!.. Renhida e féra  
Vai ser a lucta agora!.. Tremam todos!  
Hollanda ou Portugal, senhores ambos,  
Ambos tyrannos, roubam-nos a patria!..  
Escravo aqui, alli, deste ou daquelle,  
Que importa?.. A escravidão é sempre a morte!  
Segui-me, amigos; vamos combatê-los!

1º SOLDADO.

O luso ou o holiandez?..

CALABAR, *dolorosamente.*

Dise, Argentina!

Dise tu, se outra vez me perguntarem!..

1º SOLDADO.

Tresvariais, Senhor?.. Que sonho horrivel  
Vos tolda a mente?.. Calabar perjuro!..

2º SOLDADO.

Traidor á patria!..

CALABAR.

A' patria?! oh! nunca, nunca!  
Por ella, amigos, vamos ao combate!

[Com intençaõ.]

Por ella, só por ella!...

OS DOUS SOLDADOS.

A' guerra! á guerra!..

CALABAR, *brandindo a espada.*

A' guerra! á guerra! estremecei, tyrannos!...

*Fim do primeiro acto.*





## ACTO II.

---

Quartel-general dos Holandezes. Uma sala com dous repositores no fundo. Portas lateraes. No centro, uma meza grande rodeada de cadeiras.

### SCENA I.

O 1º, o 2º, e o 3º OFFICIAL, ENTRANDO PELA DIREITA.

1º OFFICIAL, *sentando-se.*

Bofé, meus camaradas, stou moido,  
Mais moido por certo do que o polvo,  
Que deu-nos a jantar o commissario.  
Andei como um camello dos desertos!..  
Olé! que vos parece esta façanha?...

2º OFFICIAL.

Sempre foste um heroe!.. Perdeste a aposta,  
Mas trouxeste em retens uma deidade!..

3º OFFICIAL.

Bella como os amores!.,

1º OFFICIAL, *tirando um cachimbo.*

Ora viva!..



Pela maior deidade deste mundo  
Não ando, nunca andei nem meia legual...  
Quem fuma não se lembra de mulheres.

2º OFFICIAL.

Não diz assim aqui o nosso amigo:  
Fuma e ama co'a mesma assiduidade.

3º OFFICIAL.

Descubro na fumaça do cachimbo  
A verdadeira fonte da poesia.

1º OFFICIAL, *espreguiçando-se.*

Ja fallas em poesia!.. Co'a fortuna!..  
Ao mudares de terra, certamente  
Mudaste de character e de genio.  
Ora, viva!.. Não ha nada mais triste  
Que ver-se um hollandez feito poeta.

3º OFFICIAL.

Neste paiz tam bello, é muito facil:  
Basta encarar um dia a natureza,  
Basta ver um semblante bem moreno,  
Uns olhos bem quebrados, um sorriso...

1º OFFICIAL.

Alto lá! se quiseses fallar della,  
Mais respeito!...

2º OFFICIAL.

Que dises?... Nesse caso  
Estás apaixonado?...

1º OFFICIAL, *rindo-se.*

Apaixonado!...

Eu sou mui serio: trouxe-a p'ra negocio.  
Sempre havia lucrar alguma cousa  
Da perigosa empresa em que metti-me.

2º OFFICIAL.

E como cumprirás um tal projecto?  
Quanto queres que valha essa donzella?  
De que te servirá?

3º OFFICIAL.

Inda perguntas?  
De uma fiel e terna companheira.

1º OFFICIAL.

Essa é boa!.. La temos a poesia..

[Levantando-se.]

Ora escutai-me. Fui, como soubestes,  
Ao pé de Calabar a ver com geito  
Se me fôra possivel subornal-o.  
Foi-me avêssa a fortuna... que remedio?  
Apostei o successo, e me ganhastes.  
A logica falhou-me; os argumentos  
Ficaram redusidos á poeira.  
O mulato é mais duro e mais teimoso  
Que o mais teimoso e duro crocodilo!  
Deste modo escapei-me desesp'rado,  
Mandando quasi tudo aos mil diabos.  
Eis enfim que a fortuna me protege.  
Encontro dous amantes que fugiam,  
De quem, não sei. O rispido tonante,  
Que acompanhava a bella, de repente  
Saúda-me com um tiro de pistola,  
Crendo talvez que eu fosse-lhes no encalço.  
Vendo-me salvo, dei-lhes a resposta:  
Fui mais certo, a bala o alcançara.  
Então aproximei-me: da donzella  
Fiz-me logo senhor; e do mancebo



Não quiz mais indagar; deixei-o morto.  
Agora ouvi-me—como aproveitei-me  
Deste successo. Ao general ancioso  
De tudo investigar, de saber tudo,  
Particpei o caso, figurando  
Novas exactas do que vai no campo  
Inimigo, contadas pela moça.  
Folgou com isto, tendo-me emprasado  
Para trasel-a agora ante o conselho.  
Sabeis de tudo.

2º OFFICIAL.

Estás ameaçado,  
Sendo assim, de uma bella recompensa.

3º OFFICIAL.

Sigismundo não deixa estes serviços  
Sem um premio qualquer.

1º OFFICIAL.

Confio nisto.  
Senão, mando aos diabos a tal moça,  
Que nunca sustentei mulher em casa.

2º OFFICIAL.

Peiores animaes tens sustentado...  
Assim não fosse o tempo em que vivemos...

1º OFFICIAL.

Que farias então?...

2º OFFICIAL.

Responde, amigo.

3º OFFICIAL.

Eu?... Que lembrança exotica tiveste!...  
Vá que seja: dar-lhe-hia um doce beijo...

1º OFFICIAL.

Em mim?...

3º OFFICIAL.

Não: na donzella.

1º OFFICIAL.

E' outro caso.

Então faço contigo um bom negocio.  
Se nada me render a tal moçoila  
Com Sigismundo, dou-t'a por bem pouco:  
Contento-me que pagues o trabalho  
Que tive de trasel-a.

3. OFFICIAL.

E' muita cousa.

Parvoalho fora eu, se desesp'rasse  
De logral-a tambem, agora ou logo,  
Ou mais cedo, ou mais tarde... não ha pressa.  
A moça ha de chegar para nós todos.

2º OFFICIAL.

Quasi que tenho pena dessa joven!

1º OFFICIAL.

Chora se queres... Era o que faltava...  
Elles não fazem menos quando podem.  
Essa cafila vil de lusitanos,  
Ainda assim não pagam o que devem!

2º OFFICIAL.

Mas ella é brasileira.

1º OFFICIAL.

*Idem per idem,*



Como nos diz aquelle missionario.  
 Tu bem sabes que sempre, em nosso damno,  
 Une-se o portuguez ao brasileiro.  
 Esqueces-te que nunca nos pouparam?...  
 Recorda-te somente da perfidia,  
 Da crueldade atroz, que esses damninhos  
 Practicaram comnosco á pouco tempo!  
 Junto de Olinda, ao pé das olarias,  
 Apertados da fome, iamos todos  
 Colher alguma fructa por sustento.  
 Que haviam de faser os taes mestiços?!  
 Por ordem de Mathias de Albuquerque,  
 Emboscaram-se então por entre os soutos,  
 Para virem após sobresaltar-nos!  
 Assim fiseram... lembras-te?... De rojo  
 Cahiram sobre nós—desprevenidos,  
 E, co'a sanha de feras indomaveis,  
 Mataram sua sêde em nosso sangue!!

2º OFFICIAL.

E' bem verdade!...

1º OFFICIAL.

Então... viva quem vence!

**SCENA II.**

Os DITOS E SIGISMUNDO VAN-SCOPP.

SIGISMUNDO, *entrando, pára, e inclina-se levemente perante os Officiaes: estes correspondem ao cortejo.*

1º OFFICIAL.

Saude ao General!

(Pequena pausa.)

SIGISMUNDO.

Tendes sabido

Alguma novidade?

1º OFFICIAL.

Alem da nova,  
De que ja sois senhor, nada sabemos.

SIGISMUNDO.

E essa muito importa ao bom successo  
 Das nossas empresas, se alcançarmos  
 Saber a rota que o inimigo segue,  
 E as traças que imagina. Necessario  
 E', primeiro que tudo, conhecermos  
 A quanto monta o numero das armas  
 De que podem dispor. Se conseguirmos  
 Que tal informação nos seja dada,  
 Teremos avançado um grandio passo  
 P'ra de todo ganharmos a victoria.

1º OFFICIAL.

E quem, meu general, inda ignorando  
 As traças do inimigo, ao vosso lado  
 Pode temer a sorte dos revezes?..  
 Quem comvosco batalha um só momento,  
 Enxerga bem de perto a luz da gloria!

SIGISMUNDO.

Não chamarei lisonja o que me dises;  
 Mas ardor juvenil, ou inexp'riencia.  
 Nesta grande conquista que empr'endemos  
 Mais val a astucia bem elaborada,  
 O ardil, a manha, que o rénhido fogo.  
 Tal nos ensina a practica da Europa,  
 Quer no que tem as paginas da historia,  
 Quer no que dão as regras da milicia.  
 Do grande capitão da antiga Roma,  
 De Cesar, sempre a maxima foi esta,  
 Como em seus Commentarios estudamos.  
 A' par do grande braço, a grande mente!



Esta, mais do que aquelle, o Macedonio  
Invicto coroou de immensos louros;  
Esta, a Cicero deu o consulado;  
E, desde a mais remota antiguidade,  
Considerada foi como o palladio,  
Que fez de Ulysses general famoso.  
Quem nos pode affirmar, se vencedores  
Nós não fomos ja sob outros planos?..  
Theodoro Wandenburg, ousado e bravo,  
Qual não se nega, ha sido infructuoso,  
Talvez por temerario em demasia.  
A sorte vai da sorte de tental-a.  
Por isto ha de ser outro o meu systema:  
Muito pensar, p'ra muito conseguirmos.

1º OFFICIAL.

Como seja, Senhor; não cessaremos  
De respeitar-vos muito, e obedecer-vos.

SIGISMUNDO.

A obediencia leva a grandes feitos;  
E' filha do dever, que honra o soldado,  
E' filha do valor que illustra os homens.  
Obedecer é sempre a norma augusta  
Das maiores acções que o mundo admira.  
Senão a mim, obedeei á patria!  
Quem obedece á patria, alcança a gloria.  
Tal á posteridade impõe seu nome  
Quem só escuta a voz dos seus deveres.  
Proximo exemplo tendes do que digo:  
Jamais o olvideis; é santo exemplo.  
Sahe da Bahia—Oquendo, acompanhado  
Da frota de Castella, em direitura  
A Pernambuco. Então, de sobreaviso,  
Tratamos de apressar a nossa armada  
Grossa de velas, rica de artilheiros.  
Della se encarga Patres, o valente,  
O destemido Cabo, a quem a gloria

Ha muito houvera lhe exornado a fronte.  
Chegado o ensejo, investem as armadas,  
Ambas de furia igual sendo impellidas,  
Ambas sedentas do contrario sangue!  
Em breve os elementos se revoltam,  
Tomando as negras cores do conflicto!  
Ao trom da artilheria o pego treme!  
No denso véu do fumo o ar se envolve!  
Fusila o fogo, a terra bebe horrores!..  
Após estado tal, ri-se a victoria  
Para o inimigo... os Batavos succumbem!  
Que fez o Cabo illustre? Desesp'rado  
De prospero successo, ao ver as chammas,  
As grossas labaredas, que estralavam  
Da nossa armada, como uma fogueira  
Que se houvesse acendido sobre os mares,  
O famoso Adrião, o egregio Patres,  
Toma o estandante, cobre-se com elle,  
E, em vida amortalhando-se na honra,  
P'ra sepultar-se atira-se nas ondas!...

1º OFFICIAL.

Foi uma acção bem digna de memoria!

2º OFFICIAL.

Foi, como bem dissestes, um exemplo  
Que deve ser por todos imitado.

3º OFFICIAL.

Foi um sublime feito nunca visto,  
Que nunca mais veremos!

SIGISMUNDO,

Que injustiça  
Fases assim aos nossos companheiros!..  
Qual de vós, ao saber que a patria o exige,



Iguaes façanhas, feitos similhantes  
Não cumprirá de certo?... A valentia  
Tem distinguido os nossos avoengos;  
Distingue mesmo agora os Hollandezes,  
E ha de distinguir nossos vindouros.  
Nem debalde procuro quem n'ó prove.

(Ao 1º Official.)

Tu, meu bravo guerreiro, ha pouco déste  
Uma lição de animo esforçado.  
Entraste os arraiaes dos inimigos,  
Arriscando-te assim a succumbires  
Perante Calabar.

1º OFFICIAL.

Senhor...

SIGISMUNDO.

Não minto.

(Ao 2º Official.)

Tu por mais de uma vez tens te mostrado  
Digno filho de um pai que honrou a patria.  
Como elle, ja no prelio recebeste  
Honrosas cicatrises.

2º OFFICIAL.

Como herança,  
Tenho-as em muito.

SIGISMUNDO, ao 3º Official.

Nem menor parcella  
De gloria—cabe a ti, gentil manecbo,  
Pobre de idade, rico de coragem:  
Nas batalhas navaes, que temos dado,  
Nunca tremeste, sempre te exaltaste!

3º OFFICIAL.

E' a grata saudade do meu berço,  
De meu paiz natal, que alguma força  
Dá-me ao braço, Senhor...

SIGISMUNDO.

São vossos brios.

Comvosco, emfim, valentes camaradas,  
Não ha temer phalanges aguerridas,  
Nem o furor de naves portuguezas.  
Confio nisto. Agora, o resultado  
Será o que aprouver á Providencia.

1º OFFICIAL.

Que temos a faser? Senhor, disei-o.  
Stamos aqui p'ra sermos cumpridores  
Fieis do que mandardes.

SIGISMUNDO.

Um momento.

Aguardo pelo fim de uma mensagem,  
Que commetti ao senso de um amigo,  
Como vós sois, discreto e corajoso,

1º OFFICIAL.

Depois, Senhor?...

SIGISMUNDO.

Iremos para a guerra;  
Marcharemos seguros á victoria.



SCENA III.

Os DITOS, E o 4º OFFICIAL.

4º OFFICIAL,

Ceguei por fim... Alviçaras, amigos!  
Saude, General!..

SIGISMUNDO,

Chegaste á pontô.  
Que novas trazes?..

4º OFFICIAL.

Bôas, muito bôas.  
Bagnuolo vos responde nesta carta.  
(Dá-lhe uma carta.)

Os OUTROS OFFICIAES.

Bagnuolo?!..

SIGISMUNDO, *com intenção.*

Sim, amigos, sim—Bagnuolo!..  
Eu vos deixo, e não tardo.  
(Sahe)

1º OFFICIAL, *depois de pausa.*

Então, deveras

stiveste com Bagnuolo?..

4º OFFICIAL.

Tam deveras,  
Tam certo como a Calabar fallaste.

1º OFFICIAL, *apertando-lhe a mão*

Toca, amigo!.. Nós cá nos entendemos.  
Foste feliz, já sei: vieste armado  
De um cartapacio em guisa de resposta..  
O homem he....

4º OFFICIAL.

Bonito, bem disposto,  
Meão na altura....

1º OFFICIAL.

Nada. Não pergunto  
Do physico; pergunto unicamente  
Do moral.

4º OFFICIAL.

Oh! então, não sei que diga.  
O homem, he affavel, prasenteiro....

1º OFFICIAL.

E o meu, sanhudo e fero como um tigre!

4º OFFICIAL.

Recebeu-me com modos delicados,  
Com gentis ademanes....

1º OFFICIAL.

Co'a fortuna!  
E o meu cortou-me logo os argumentos,  
Rio-se da minha logica... Maroto!...

4º OFFICIAL.

Offereceu-me almoço .. e grande almoço !..  
Deu-me um bello cachimbo, optimo fumo !..



1.º OFFICIAL.

E o meu quasi remette-me aos diabos,  
Sem fumo e sem cachimbo !..

4.º OFFICIAL.

Finalmente  
Bagnuolo he um verdadeiro gentil-homem !

1.º OFFICIAL.

E Calabar, não ha quem o duvide,  
He um refinadissimo tratante !..

SIGISMUNDO, *entrando.*

Que disieis, senhores ?...

1.º OFFICIAL, *adiantando-se.*

Que a fortuna  
Parece estar por nós...

SIGISMUNDO.

Depois veremos.  
Por ora tenho algumas esperanças.  
Bagnuolo diz-me, em termos lisongeiros,  
Que o successo da causa he duvidoso,  
E que talvez... nos seja favoravel.

2.º OFFICIAL.

E tendes confiança ?...

CALABAR.

Não vos digo.

2.º OFFICIAL.

O astuto conde pode atraiçoar-nos;  
O italiano he perfido por genio.

4.º OFFICIAL.

Mas he tambem amigo do dinheiro.  
Muito gostou do mimo que lhe destes:  
Por gratidão, se quer...

SIGISMUNDO.

Fique ao futuro  
Diser ou não se fomos avisados.  
Em todo o caso, devo agradecer-te  
A pressa e o resultado da mensagem.

4.º OFFICIAL.

O meu dever, Senhor, antes de tudo....

SIGISMUNDO.

Não são todos que bem o comprehendem,  
Raros são os que bem o desempenham !...  
Vamos agora ver se conseguimos  
Que essa mulher, por vós aprisionada,  
Preste-se a dar noticia, inda pequena,  
Do que prepara o animo inimigo.  
Em tal occasião, he necessario  
Tingir o aspecto em cores rigorosas,  
E carregar um tanto o sobreceño.  
O porte marcial bem concertado  
Muito impõe aos espiritos imbelles.

(Ao 1.º Official.)

Desejo que ante nós, neste momento,  
Condusas a mulher que nos trouxeste.  
(O 1.º official tira uma chave, e dirige-se á porta da esquerda.)

Demos ao acto a formã de Concelho,  
P'ra mais solemne ser a conferencia.  
Sentemo-nos, Senhores.  
(Sigismundo toma a cabeceira da mesa, e os officiaes os lados.)



1.º OFFICIAL, *abrindo a porta, á parte.*

He agora...

Se esta mulher desmancha-me os projectos,  
Ai! não me escapa da primeira bucha!...

(Alto para dentro.)

Vinde, Senhora... aqui vos aguardamos,

(Indo a sentar-se.)

Parece que ja treme antes de ver-nos !..

**SCENA IV.**

OS DITOS, E ARGENTINA. ESTA' PALLIDA, TREMULA E PESAROSA.

SIGISMUNDO, *com ar austero.*

Vinde, Senhora, vinde ante o Conselho,  
Que para vos julgar vedes reunido.

(Movimento de Argentina.)

1º OFFICIAL, *á parte.*

Resistirá, ou não ?..

SIGISMUNDO.

O vosso nome ?..

ARGENTINA.

Argentina.

1º OFFICIAL, *a parte*

Argentina!.. Bem bonito!

SIGISMUNDO.

Não tendes pai ou mãe?..

ARGENTINA, *com angustia.*

Senhor, sou orphan!

SIGISMUNDO

Sois casada ou solteira?

(Pequena pausa; Argentina vacilla)

1. OFFICIAL, *á parte.*

A rapariga

Parece que é das taes do meio termo...

SIGISMUNDO

Senhora, respondei!

ARGENTINA, *pungentemente*

Que vos importa,

Que vos importa á vós?..

SIGISMUNDO.

Sede prudente,

Sêde prudente, se quereis ser livre.

ARGENTINA

Livre!.. livre, sem elle?! oh! dai-me a morte!

1º OFFICIAL, *á parte*

Peior! peor!.. a cousa se atrapalha!...

SIGISMUNDO, *á parte*

Parece amar.... Vejamos se a esperança...

(Alto)

Não procureis a morte antes de tempo;



Sois muito moça, tendes formosura,  
 Podeis alimentar sonhos dourados...  
 Ora, vamos... Dizei-nos com franquesa  
 O que vos perguntamos. Tendes medo  
 Do nosso aspecto, bellico, intratavel?..  
 Crêdes estar em frente de juizes,  
 Que vos apontam já para o supplicio?..  
 Crêdes que somos, nós os hollandezes,  
 Monstros sem fé, apóstolos do sangue?..  
 Tal, se alguém vo-lo disse, é só mentira.  
 Somos, pelo contrario, justiceiros;  
 E muita vez, á sombra da equidade,  
 Amigos do perdão, mais que da pena.  
 Podeis fallar sem medo... Se disserdes  
 Tudo quanto sabeis, em continente  
 Vereis raiar o sol da liberdade,  
 Vereis—quem sabe?—o filho, o pai, o esposo!..

## ARGENTINA.

O filho... oh! que ventura se o tivesse!..  
 Fôra-me um anjo em horas de agonia,  
 Linda estrella, que em noites de tormenta  
 Devêra allumiar o meu caminho,  
 E aclarar-me as trevas da existencia!..  
 O pai!.. o pai!.. valera-me igualmente...  
 Fosse elle vivo, e a misera Argentina  
 Teria a f'licidade no seu rosto  
 Velho, e tostado ao sol da nossa terra!..  
 Teria um lenitivo ás suas maguas  
 No pranto que das faces lhe cahisse!..  
 Teria um sustentac'lo poderoso  
 Para ampara-la contra os infortunios!  
 O esposo!.. aíl.. que ferida vós me abristes!..  
 Devia tél-o agora nos meus braços...  
 Fiando de mim só sua ventura...  
 Dando-me os seus affectos, seus extremos...  
 Por mim sacrificando a propria vida!..  
 (Como allucinada)

Mas eu vi-o cahir!.. estrondo horrivel

Foi o signal que veio dos infernos!..  
 Uma nuvem... depois, um ai sentido  
 De moribundo... sangue!.. um mar de sangue!  
 Vi-o cahir!.. depois... não vi mais nada...  
 Minha fraca rasão me abandonára!..

## 1º OFFICIAL, á parte

Ainda bem!.. não pode conhecer-me...

(Alto)

Não tem que perguntar: foi vossa gente,  
 Que vos privou assim do vosso esposo!  
 Os lusitanos vivem destas cousas.

## SIGISMUNDO.

Deixa-me proseguir... Pois bem, Senhora;  
 Stamos já inteirados do successo,  
 Que deu motivo aos vossos dissabores.  
 Não os creiais despídos de remedio,  
 Que algum remedio poderemos dar-lhes.

## ARGENTINA, desanimada.

He impossivel, oh!.. he impossivel!..

## SIGISMUNDO.

Eu vos prometto dar o que perdestes...  
 O filho, não... o pai, da mesma sorte...  
 Mas o esposo, Senhora...

## ARGENTINA, com praser.

Que dissestes?..

O esposo?...

(Tristemente)

Ah! dorme já o somno eterno!..

## 1º OFFICIAL.

He falso, he falso, sim... palavra de honra!



ARGENTINA

Meu Deus! meu Deus! he falso? não he morto?..  
Discei, discei, Senhor....

SIGISMUNDO.

Dise, que o sabes.

1º OFFICIAL, á parte

Custo a mentir... porem não ha remedio.

(Alto)

He vivo, sim, Senhora... muito vivo!  
Gosa boa saude, o vosso esposo...

ARGENTINA.

E quem, quem o salvou?.. Onde está elle?..

1º OFFICIAL.

Quem o salvou, fui eu... Ficai tranquilla..  
Está, neste momento, descansando  
Dos seus trabalhos...

ARGENTINA, com satisfação

Ah! que f'licidade!...

Então... depressa, vamos encontra-lo...

SIGISMUNDO.

Ouvi-nos antes, logo sereis livre.  
Faz-se mister sabermos o que existe  
De facto e de intenção por entre os vossos,  
Que os torne contra nós mais poderosos.  
Que planos tem?.. que gente? que derrota  
Devem seguir agora?... Eia, discei-nos!

ARGENTINA.

Que perguntais, Senhor?.. Não vos entendo...

(Pequena pausa)

Mas... he verdade.....

(Com intelligencia)

Entendo-vos de sobra!...

Quereis que contra os meus, que contra a patria,  
Eu vos informe acerca dos projectos,  
Que tem por fim guarda-la e defendê-la!  
Quereis que, atraiçoando os meus patricios,  
Eu vos diga: Senhores, trucidai-os;  
A' minha voz, guerreiros, extingui-os?!  
Oh! bem cara me fica a liberdade!..  
Dais-me, para gosa-la, um só momento;  
Depois, matando-a toda nesta terra,  
Me entregareis tambem ao captiveiro!!

SIGISMUNDO, atalhando.

Tem-te, mulher!.. Não chames nossas iras,  
Justas agora, agora estimuladas!..  
Repara bem, que somos neste instante  
Teus juizes, teus unicos senhores!  
Ao mais leve signal que nós façamos,  
Subirás os degrãos do cadafalso!..

ARGENTINA, aterrada

Oh!.. Sancto Deus!...

SIGISMUNDO, brandamente.

Pensai no que dissestes:  
Fostes precipitada na resposta.  
Que val diser o que vos perguntamos,  
Se, em troco, a liberdade concedemos?..  
Livre sereis, Senhora, p'ra gosardes  
Quanto pode a mulher gosar no mundo!..  
Que vos importa a patria, quando escrava  
Quisessemos fase-la?... A f'licidade  
Vossa, do vosso sexo, só consiste  
Em ter um coração terno e extremoso,  
Por outro coração correspondido.



Renunciais assim a dita immensa,  
Que vos offerecemos?..

ARGENTINA, *com resolução.*

Renuncio!

1º OFFICIAL, *soerguendo-se.*

Que dissestes, mulher?.. E o cadafalso?!  
E esse esposo infeliz que vos reclama?!

ARGENTINA, *contrariada*

Por Deus!.. por Deus!..

(Pequena pausa)

O esposo?!.. qu'inda vive?!..

(Nobremente)

Eu fôra delle indigna, se aceitasse  
Essa permuta ignobil que propondes!..  
Falla agora por mim a san memoria,  
Que de meu pai conservo. Em minhas veias  
Gira o sangue do indigena valente,  
Que pelo seu paiz perdeu a vida!..  
Sou brasileira, deverei ser livre!  
Prefiro, sempre, a morte ao captivo!..

SIGISMUNDO

Não gastarei contigo mais palavras.

(Ao 1º Official)

Seja reclusa até que sôe a hora  
Do supplicio.

(O 1º Official vai a conduzir Arg.)

ARGENTINA.

Meu Deus! . por piedade,  
Dai-me valor, Senhor, dai-me coragem!..

(Sahê por onde entrou. O Official fecha a porta)

1º OFFICIAL, *com força*

Merece a morte, sim, merece a morte!..

2º OFFICIAL.

Talvez que ainda....

3º OFFICIAL.

O horror dos tratos pode...

4º OFFICIAL.

Decida o General.

SIGISMUNDO.

Confio a prèsa

A quem a capturou.

1º OFFICIAL, *idem.*

Então a morte!

OS OUTROS OFFICIAES.

A' morte!.. á morte!..

SIGISMUNDO, *levantando-se*

Acaba-se o conselho.

(Os Officiaes indo á levantar-se)

## SCENA V.

OS DITOS, UM SOLDADO, E DEPOIS CALABAR.

O SOLDADO.

Um homem, que se diz desconhecido,  
Pede uma conferencia.



SIGISMUNDO

Que appareça.

(Torna a sentar-se, e os officiaes. O Soldado sahe)

SIGISMUNDO

Não presumo quem seja...

2º OFFICIAL.

He bem possivel

Que algum espia...

SIGISMUNDO.

He muito atrevimento...

3º OFFICIAL.

Um mensageiro...

4º OFFICIAL.

Ou antes um resgate...

1º OFFICIAL, á parte

Já stou desconfiado co'a fortuna...

(Entra Calabar, embuçado em um grande manto pardo.)

CALABAR, *solemnemente.*

Eis-me ante vós!... Saude aos hollandezes!

1º OFFICIAL, á parte

Esta voz!..

SIGISMUNDO, *com altivez.*

Não sabemos quem nos falla.

Quem quer que sejas, deves, sem rebuço.  
Diser teu nome, e o fim a que vieste!

CALABAR, *accentuando*

Quereis saber meu nome?..

(Mudando de tom)

Sobre a terra

Com c'racteres de sangue está escripto!..

Depois, une-se ao echo das ruinas,

Ou ao murmurio tetrico e pezado

Das agoureiras aves do sepulchrol!..

Quereis saber meu nome?.. Se o proferem,

Lançam-lhe maldições!.. Se algum o escuta,

Parece ouvir o epitheto da morte!..,

SIGISMUNDO

Então és?! . . . .

1º OFFICIAL, *erguendo-se e apontando*

Calabar!!..

(Levantão-se todos. Pausa de admiração)

CALABAR, *descobrimdo-se*

He o mulato!!....

He o mulato, sim, horrído e triste,

Indomito e feroz como a procella,

Que solevanta as ondas do oceano!!..

Tremeis de mim?.. Sentai-vos.

SIGISMUNDO, *sentando-se*

Continúa.

(Os officiaes sentão-se.)

De que animo vieste a procurar-nos?..

Quem te mandou? que queres? que pretendes?



CALABAR.

Minha vontade só, he quem me impelle!  
Quiz, e bastou. Que quero, e que pretendo?..  
O que pretendes tu, ó Sigismundo ?

SIGISMUNDO.

Vingar a patria, conquistar a gloria !

CALABAR.

Não te valhas de titulos pomposos  
Para encobrir a sêde do dominio.

(Movimento dos hollandezes.)

A gloria e a patria—futeis subterfugios!—  
São palavras vãs de sentido,  
Que morrem como os sons que as acompanhão.  
São, muita vez, um distico solemne  
Sobre as cinzas da alma e o pó das crenças!...  
A gloria he como um sonho que se extingue  
Ao despertar de um longo pesadêlo!  
A patria, aqui, alli, he o mundo inteiro,  
Quando a negra ambição domina os homens!

(Pequena pausa.)

Venho abraçar, Van-Scopp, o teu partido!  
Eis aqui o meu fim.

SIGISMUNDO.

Será possível ?

Aos nossos, Calabar, ja recusaste  
Os teus serviços...Hoje....

CALABAR.

Acreditai-me.

Como corre o tufão do sul ao norte,  
Corro eu na terra ao grado de caprichos!  
Que val, que vos importa—o que fui hontem?  
Hoje serei dos vossos.

1º OFFICIAL, á parte.

Convenceu-se!..

Não ha nada melhor que ser de todos.

SIGISMUNDO.

E amanha, quem diz, quem nos garante,  
Que inda serás o mesmo? . .

CALABAR.

Sigismundo!!..

(Mudando de tom.)

Tens bastante rasão no que me dizes:  
Quem sou eu para ser acreditado ?  
Um impostor, ou um aventureiro!  
Um soldado traidor, que ha desertado !  
Um transfuga infiel que vende a patria !....  
Como o quizerdes, nobres hollandezes.  
Occulte Calabar os seus motivos  
De traição e perfidia, o mais que importa?..  
Se vem d'alma o poder que anima o braço,  
Respeite o braço quem não sabe d'alma.

(Mão no peito.)

Ha um segredo aqui, grande e profundo,  
Que nunca aos homens se fará patente!....  
Tem-se visto no meio de batalhas  
Feros, que brandem mãos desconhecidas,  
Juncar de mil cadaveres os campos!..  
Será meu ferro assim . . . . Depois, a morte  
Leva consigo ao pó do esquecimento  
O nome e a fama de quem foi tam bravo!  
Não indagueis a causa que me impelle;  
Não indagueis o dia que foi hontem,  
O de hoje, o de amanha! . . . .

SIGISMUNDO.

Tudo mysterios! . .

Mas nós necessitamos quem te abone . . . .



CALABAR.

Não basta o que me ouvistes, hollandezes ?  
Não basta que me olheis ? . Em cada ruga  
Do meu semblante lê-se uma sentença  
De exterminio e de morte aos lusitanos ! . .  
Quereis um juramento . ? . Oh ! nada vale . . .  
Quem um só quebrantou, quebranta muitos.  
Que posso eu vos dizer ? . . que posso dar-vos ? . .  
Esta espada . ? . .

(Tira a espada.)

Tomai, eu vo-la entrego !

SIGISMUNDO.

Que val ? . . que diz ? . .

CALABAR.

He o ferro que banhou-se  
No vosso sangue em prelios repetidos !  
Eil-o!.. dai-me outro ferro acostumado  
A se tingir no sangue lusitano !  
(Atira a espada.)

SIGISMUNDO.

Eu quero acreditar no que promettes.  
(Dando-lhe uma espada.)

Eis, Calabar, a espada de um Flammengo. !  
Com ella....

CALABAR, tomando a espada.

Baterei as tropas lusas !  
Derramarei com ella um mar de sangue !  
Com ella morrerei ! . . .

SIGISMUNDO, aos officiaes.

Stais satisfeitos ? . .

1º OFFICIAL.

Ainda não. Com ella, antes de tudo,  
Decepe Calabar a vil cabeça  
Dessa mulher, que aos lusos subtrahimos,  
E á morte condemnamos ! . . .

2º OFFICIAL.

Que !.. Carrasco?!...

CALABAR.

Tudo, tudo serei ! . . . Minha vingança  
Deve assim começar ! . . . Em breves horas  
Vereis cahir a victima na terra ! . .

SIGISMUNDO.

Depois ? . . .

CALABAR.

Aos lusitanos ! ! . .

SIGISMUNDO, levantando-se.

Sem demora !..

[Os officiaes levantão-se.]

CALABAR, brandindo a espada.

Calabar ja vos disse ! . . .

TODOS.

Aos lusitanos ! . . . . .

Fim do acto segundo.





### ACTO 3.

Interior da Fortaleza do Rio Grande. No fundo, correm dous muros, inferior e superior, unidos por uma ponte de taboas, em seguida da qual desce uma escada até á scena. Ao pe do superior, cujas ameias se avistam, está uma gurgita. Em baixo, na scena, um banco comprido, e uma meza velha.

#### SCENA I.

O GOVERNADOR, E PEDRO MENDES.

O GOVERNADOR.

Haveis pensado bem no que dissestes? . .  
Calai-vos, capitão! . . .

MENDES.

Oh! nunca! nunca!

Vós arriscais assim a fortaleza.  
Os Flammengos não dormem; o perigo  
Cresce por toda parte; e os defensores  
Deste pobre paiz vão acabando! . . . .  
E não acreditais no que vos digo? . . . .  
Repito-vos, Senhor: á esta hora  
Dirigem-se p'r'aqui os inimigos!



O GOVERNADOR.

Sempre vos conheci phantasiando  
Cousas que não existem. Não importa.  
Deixai chegar as tropas hollandezas;  
Dareis co'a vossa espada alguns gilvazes,  
E todos correrão cheios de espanto !! . .

MENDES.

Entendo-vos, Senhor... Não será tanto,  
Como diseis co'as vossas ironias.  
Porem talvez de mim corra o inimigo,  
Mais que de vós. Ao menos não me consta  
Que lhe fisesseis ja virar as costas . . . .

O GOVERNADOR.

He que sois mui novel nisto de guerras . . .  
Chegastes hontem, quando á muito tempo  
Eu cá stou. Por novel, sois timorato.

MENDES.

Timorato ! . . por Deus, sou previdente.  
E vós, governador, sois um cobarde ! . . .

O GOVERNADOR.

Indigno ! . . que proferes ? . . Não te assustam  
As minhas iras ? . . .

MENDES.

Só me causam riso.  
Comvosco, pelo menos, sou valente.

O GOVERNADOR, *puchando a espada.*

Desafiáis-me, então ? ! . .

SCENA II.

Os DITOS, E JAGUARARI.

O GOVERNADOR.

MENDES, *ao governador.*

Se vos parece....

(Pequena pausa.)

O GOVERNADOR, *embainhando a espada.*

Não. He melhor ás vezes ser prudente.  
Outro quero que seja o teu castigo . . . .  
Viste, Jaguarari ? . . .

JAGUARARI, *seccamente.*

Cousa nenhuma.

O GOVERNADOR.

O capitão acaba de insultar-me !

MENDES.

Acabo de lembrar-lhe os seus deveres.

O GOVERNADOR.

P'ra isto, tão somente, tem direito  
El-Rei e o General . . . .

MENDES.

Nada conhecem.  
El-Rei e o General, quando souberem  
Que haveis licenciado os seus soldados  
Em conjuncturas taes, hão-de punir-vos !  
Os inimigos batem-nos ás portas,  
E nós estamos baldos de presidio!..



JAGUARARI.

Tendes razão, mancebo.

O GOVERNADOR.

He tudo um sonho.

Os inimigos andam mui distantes . . .

JAGUARARI.

Mas podem n'um momento accommetter-nos.  
Tendes razão, mancebo.

O GOVERNADOR.

Será crível

Que contra mim tendes vos conjurado?...

Um donzel, assustado e temeroso...

Um velho, já caduco, sem cabeça!...

(Movimento de Jaguarari e de Mendes)

MENDES.

Tem-te, cobarde!.. tem-te, miseravel!..

JAGUARARI, *com calma.*

Tem-te, mancebo. A falta de respeito

Ao teu superior he grande crime.

Modera-te, resigna-te comigo.

Sabe o governador o que practica:

Sua cabeça vale mais que todas.

MENDES.

E eu quisera ver quanto ella pésa,

Separando-a do corpo co'este ferro!

O GOVERNADOR.

Um dia haveis chorar estes arrojós!..

Debalde pretendeis que a authoridade  
Perca a força moral. Não me arreceio.  
Estou superior ás ameaças,  
A' vossa opposição, á vossa lingua...

[Retira-se com ar soberbo]

SCENA III.

JAGUARARI, E MENDES.

MENDES.

Vêdes, Jaguarari, como isto corre?  
Tudo nos diz, que cedo, muito cedo,  
Teremos de ceder aos hollandezes.  
Os bons guerreiros tem desaparecido;  
Estes no campo, victimas da morte;  
Aquelles, n'algum carcere sepultos,  
Privados, como tu, de erguer o braço  
Em pról da patria!.. Nada mais nos resta!

JAGUARARI.

E o que faser, meu filho?—Assim te chamo,  
Porque podias sê-lo—E que remedio  
Temos nós p'ra tamanha desventura?..  
Tu és inda inexperto e muito moço;  
Não sabes o que vai, por entre os nossos,  
De egoismo e traição, de má vontade,  
Como talvez não votem aos contrarios!..  
Queres desta verdade um vivo exemplo?..  
Olha bem para mim!.. Vê-me este corpo  
Alquebrado e pendido para a terra,  
Como a dormir o somno derradeiro!..  
Vê-me estes olhos fundos e pisados,  
Por onde correm lagrimas amargas!..  
Vê-me estas cans que cobrem-me a cabeça,  
Que alvejam-me no rosto!.. nem a idade,  
Nem o remorso foi!.. A aleivosia,  
A injustiça dos homens, me acurvaram!



MEENDES.

Pudéram mais que o fogo dos combates!..  
Muita vez o leão inclina a juba,  
Vendo crescer a sombra da folhagem!..

JAGUARARI.

Não fui leão; mas nunca errei a setta.  
Desde os primeiros annos adestrado,  
Jamais curvei o arco sem destino,  
Jamais visei o alvo sem tocá-lo!..  
Vistes Jaguarari tremer de medo?..

(Animando-se)

Pisa o conquistador com pé soberbo  
As plagas do Brazil. Dominio estranho  
Querem trazer aos incolas d'America.  
Fallei á tribu, e disse com imperio:  
« Tupá deu força ao braço do tapuia  
« P'ra deffender a terra do seu berço! »  
E o tapuia depressa acompanhou-me,  
Mais veloz do que a lebre pelos bosques.

(Com sentimento)

Deixamos tudo; a sombra caroavel  
Da mangueira ao sopé do ribeirinho;  
O módulo suave que soltava  
O sabiá de cima das palmeiras;  
Os cantos saudosissimos que á noute  
Ao som do maracá se desferiam;  
O ai sentido, a queixa lamentosa  
Que vem o Paraná trazer ás praias;  
A voz augusta e sancta do Piaga  
Que, em nome de Tupá, fallava ás tribus;  
Tudo, tudo deixamos!.. Pela patria  
Erguemos logo o rigido tacape,  
Primeiro que a janubia o ar ferisse!..  
Porem do que nos serve o que fazemos?..  
Eu fui para este carcere atirado,  
Como se houvesse sido um criminoso!

E então porque? Porque sube vingar-me!  
Porque varei, de um subito arremesso,  
Quem tentou polluir a minha honra!..

MEENDES.

Quiseram que o indigena valente  
Soffresse mudo a affronta?! Que vileza!!

JAGUARARI

Quiseram que o indigena perdesse  
O que, perdido, faz perder a vida!..

MEENDES.

Fallai, Jaguarari.

JAGUARARI

He uma historia,  
Que só resume em si acorbos males,  
E faz-me verter lagrimas de sangue!..

(Pequena pausa)

Tinha uma filha, bella e tam formosa,  
Como somente em sonhos apparece.  
Dava por ella o ar que respirava,  
O resto dos meus dias e—he crime?—  
Dava por ella até a eternidade!..  
Tu não sabes, mancebo, o que se passa  
No coração de um pai, quando contempla  
N'um filho seu a sua vida inteira...  
Sonhos da mocidade, alimentados  
Pela chamma vivace da esperanza;  
Amor de outr'ora, candido e suave,  
Como a flôr, como o aroma das campinas;  
Desejos e ventura, a f'licidade,  
A f'licidade, emfim, tudo desperta,  
Tudo nasce ao sorriso de uma filha!..  
Nem, para mim — soldado aventureiro,



Ora aspirando o fumo das refregas,  
 Ora bebendo as lagrimas da patria,  
 Maior resignação, maior conforto  
 Eu poderia ter. Minha Argentina!—  
 Disia-lhe eu, se vinha dos combates,  
 Cuberto de suor, banhado em sangue:—  
 Enxuga-me esta frente, minha filha;  
 Pensa-me estas feridas!—No seu collo,  
 Assim disendo, languido cahia.  
 Então, depois de um breve e doce somno,  
 Eu recobrava as forças, e de novo  
 Partia para a guerra. Comprehendes?..  
 Era feliz no meio da desgraça....  
 Tinha o que pode ter um pai no mundo....  
 O mais...não sei: assim he sempre a vida! . . .  
 Pois escutai-me agora. Amiudadas  
 Vezes, entrava em minha pobre casa  
 Um companheiro d'armas lusitano,  
 Que nunca deu motivo de suspeita...  
 Não lhe sabia as manhas que occultava!  
 Um dia, em que espalhou-se que eu devêra  
 Fazer longa jornada, o fementido  
 Procura-me, fingindo que ignorava  
 A tal partida. Então, á minha filha  
 Propõe a infamia, á troca de riquezas!..  
 Ella sempre o repelle, até que á força  
 Quer elle deshonra-la!... Nesse instante,  
 Não podendo eu partir naquelle dia,  
 Eis que chego ao logar onde elles luctam!..  
 Apenas me aproximo, escuto as vozes  
 Da minha pobre filha, que bradava  
 Por soccorro!.. Apressei-me... quasi cego.  
 Custei a conhecer o vil relapso...  
 Elle tremeu ao ver-me!.. Em continente  
 Eu despedi-lhe ao peito aguda setta!..  
 Titubeou... cahio!.. Não me arrependo.  
 Quem he que se arrepende, si ergue o braço  
 Para vingar a affronta que lhe fazem?...  
 No dia immediato sem detença,

Corri á guerra, ao toque do rebate...  
 Fui então capturado, como indigno,  
 Como assassino, incurso em pena infame!..  
 Aos meus serviços devo esta clausura;  
 Porque, disseram, fôra commutada  
 Pela prisão a morte. Oh! antes esta!..  
 Aqui mais de mil mortes hei soffrido!  
 Mais de mil mortes vale este segredo,  
 Onde não posso ver a minha filha,  
 Onde não sei si vive, ou si finou-se!..  
 Peior não he a lugubre morada,  
 Em que vive Anhangá rangendo os dentes!..

MENDES.

Haveis, Jaguarari, ha muito tempo  
 Ganhado jus ao meu acatamento.  
 Heroe no prelio, heroe na desventura,  
 Eu vos respeito, indigena valente! . . .  
 Si me fosse possivel libertar-vos,  
 Oh! pagaria presto esse tributo  
 A' vossa honra, aos vossos sentimentos.

JAGUARARI.

Obrigado, mancebo. Haveis comigo  
 Quanta bondade nunca houveram outros.

MENDES.

Não chegaram talvez a conhecer-vos,  
 Como hoje eu vos conheço; não, de certo.  
 Quem, a não serdes vós, neste momento  
 Inda jasêra aqui, entre estes muros?  
 Quem, habitando nesta fortaleza,  
 Que, bem sabeis, não tem nenhum presidio,  
 Deixaria jamais de abandona-la,  
 Tam fracas sendo as portas e as muralhas?  
 Dos presos, que comvosco aqui stiveram,  
 Qu'inda devêram star, que he feito delles?



Ficastes vós. E o vosso carcereiro  
Aonde está? quem he? quem? . . .

JAGUARARI.

Sou eu mesmo.  
Os homens, como nós, não se regulam  
Senão segundo as leis da consciencia.  
Quem me prende, mancebo, não he esta  
Muralha, ou fortaleza; he, sim, a ordem  
Que deu-me o general. Devo cumpri-la.  
Assim, neste logar que me apontaram,  
Embora triste, embora desgraçado,  
Ha-de Jaguarari passar seus dias,  
Até cahir no pó da sepultura!..

MENDES.

Deus não permittirá que assim succeda.  
Quem sabe se estareis, em breve, livre?  
Se em breve abraçareis a vossa filha?..

JAGUARARI.

Ja não me resta a minima esperança!..

MENDES.

Não ha rasão p'ra assim desesperardes.  
Eu, entretanto, vou nestes contornos  
Buscar alguma nova, que vos traga  
Algum conforto.

(Sahe.)

SCENA IV.

JAGUARARI, E DEPOIS CALABAR.

JAGUARARI, só.

Vai, nobre mancebo;

Tão nobre como os teus antepassados,  
Como foram os lusos de outras eras! . . .  
Os de hoje . . . oh! ja não vivem para a gloria?  
Perverte-os a cubiça, a sede de ouro . . . . .

(Pausa.)

Quem me dará noticias de Argentina? . . .  
Pobre filha, tam bella e tam formosa,  
Tam infeliz! . . . Quem sabe se inda existe? . . .  
Oh! pesada existencia a que hei levado!  
Oh! miserrimo pai que tenho sido! . . .  
(Cahe com desanimo em cima do estrado, e deixa pender a  
cabeça. Calabar, galgando as ameias do forte, salta com  
cautela, e vai até á gurita.)

CALABAR, *espreitando.*

Está sem sentinella . . . eu ja previa.  
Que silencio! . . . Está tudo solitario.  
Se não o encontro . . . . .

(Avistando Jaguarari.)

Um homem! . . será elle? . . .

(Desce a escada de vagar.)

He força aventurar-me . . . . Prosigamos.

JAGUARARI.

Sinto passos . . . .

[Levanta-se.]

Quem he? . .

[Vendo Calabar.]

Tupá! . . que vejo? . . .

Calabar! . . Calabar!! . . Será possivel? . . . .

CALABAR.

Jaguarari! . . .

JAGUARARI, *com alegria.*

Depressa...nos meus braços...



(Abraçam-se.)

Vejo enfim um amigo de outro tempo;  
Um fiel companheiro de batalhas,  
Um leal e constante....

CALABAR, *atalhando.*

Oh! não prosigas....  
Eu nada sou, medindo-me contigo....  
Mas, primeiro, dirás: onde esta gente,  
Que deve defender a fortaleza?..

JAGUARARI, *distrahido.*

Quantos mezes lá vão que não nos vemos!...  
Dise-me, Calabar, oh! sim, de pressa,  
Tens visto minha filha?... Onde está ella?...

CALABAR.

Não sei . . . não sei . . . parece . . .

JAGUARARI, *ancioso.*

Acaba, acaba . . .

CALABAR.

Parece que partio . . . . .

JAGUARARI, *aterrado.*

Partio ! . . . p'ra onde? . . .

CALABAR.

Não sei dizer . . . . . ignoro . . . . .

JAGUARARI, *com angustia.*

Oh! desventura !..  
Ja m'o dizia o coração presago ! . . . . .  
[Cahe no estrado. Pausa.]

CALABAR, *com intenção.*

Quantos males te hão feito os portuguezes ! . . . .

JAGUARARI, *com pesar.*

He verdade . . . he verdade ! . . . .

CALABAR, *continuando.*

Em campo aberto  
Foste com a tua tribu defendê-los,  
Foste ajuda-los a ganhar victorias;  
Depois, estás por elles condemnado  
A respirar sepulto em vil masmorra ! . .

JAGUARARI.

Dizes bem, Calabar ! . . .

CALABAR.

Por muitas vezes  
Pendeu de ti a sorte do combate,  
E sempre, com teu animo esforçado,  
Seguraste o triumpho aos lusitanos;  
Hoje estás expiando o teu delicto,  
Delicto que traduz-se por coragem,  
Por feitos de valor, de heroicidade ! . . . .  
He muito ingrata a gente a quem serviste !

JAGUARARI.

Muito, muito ! . . .

CALABAR.

Por elles esqueceste,  
Por elles renegaste os sãos prazeres,  
Que o indigena desfructa, á sombra amena  
Dos nossos bosques, longe das insídias,



Da maldade dos homens; como homem,  
Sacrificaste o pai, perdeste a filha ! . . .

(Jaguarari põe as mãos na cabeça.)

Depois deram-te o premio dos sicarios.  
O ergastulo perpetuo, o horror, a morte ! ! . . . .

JAGUARARI, *levanta-se com impeto.*

He uma sina horrenda ! ! . .

CALABAR, *com firmeza.*

He uma infamia ! ! . .

[Pausa.]

JAGUARARI, *placidamente.*

Prosegue, Calabar . . .

CALABAR.

Quem nos escuta ?

JAGUARARI.

Quem ? . . O Governador não pode ouvir-nos.

CALABAR.

Elle onde está ? . .

JAGUARARI.

Eu sei ? . . E que te importa ? . .

CALABAR.

Não quero que me veja . . . .

JAGUARARI.

E que motivo ? . . .

CALABAR.

Sabê-lo-hás, depois. Ouve primeiro:  
Preciso que me digas, como amigo,  
Quanto val o presidio deste forte.

JAGUARARI.

Val o governador, que vale nada,  
Um joven capitão, que vale muito,  
E um preso, que sou eu.

CALABAR.

Porem as portas  
Estão todas trancadas, e por isto  
Resolvi-me a subir pelas ameias.

JAGUARARI.

Foste atrevido, e mais que temerario ! . .  
Jamais houve quem tal emprehendesse.  
E que forte rasão poude impellir-te  
A tão grande perigo ? . . .

CALABAR.

A de fallar-te.

JAGUARARI.

Então sabias que . . . .

CALABAR.

Que estavas preso.



JAGUARARI.

E o porquê, não sabes? . .

CALABAR.

Sei de tudo.

JAGUARARI.

Então . . . que vens fazer? . .

CALABAR.

Persuadir-te

A acompanhar-me.

JAGUARARI.

Que! . . Trouxeste ordem

Do General? . .

CALABAR.

Dispensoa.

JAGUARARI.

Que quer isto dizer? . . Eu não te entendo . . .

CALABAR.

O General e a ordem nada valem  
Diante da vontade inabalavel  
De Calabar! . . Entendes? . . .

JAGUARARI.

E's um louco.

Ainda não perdeste essa ousadia,  
Que tanta vez custou-te muito caro?..  
Inda és revel aos teus superiores?..

CALABAR.

Jamais os tive em animo e vontade;  
Hoje nem mesmo os tenho em jerarchia.  
Sou livre como as ondas do oceano,  
Como o sôpro dos ventos no deserto!

JAGUARARI, *ancioso.*

Calabar, Calabar, o que fizeste?..  
O que és agora?..

CALABAR

Um transfuga!

JAGUARARI

Que escuto, oh! gran Tupá?!..

Que escuto?!..

[Pausa]

Foste traidor aos teus, traidor á patria?!..

Tu desertaste?!..

CALABAR, *amargamente.*

A patria! a patria!.. he sempre vil escrava!  
Victima da cubica e da rapina,  
Nós pugnamos por ella, e os lusitanos  
Supplantam-lhe a cerviz, como senhores.  
Os meus somente são os brasileiros;  
Sois vós, vós os indigenas da terra,  
Senhores natos de um paiz immenso,  
Redusidos a servos de estrangeiros!..

JAGUARARI.

Calabar! Calabar!..

CALABAR

Não me respondes?..



Que jus tem ao Brazil os hollandezes?  
 Nenhum, dirás: nenhum, direi comtigo:  
 Pois assim são também os lusitanos.  
 Aventureiros ambos, alentados  
 Só pela sede de ouro e de riquezas,  
 Ambos querem mandar pela conquista!  
 Hollanda e Portugal são nesta guerra  
 Abutres eslaímados que se agarram  
 Por sugarem o sangue do gigante!..

JAGUARARI.

Calabar! Calabar!..

CALABAR.

Não me respondes?..  
 Quem he Jaguarari? Braço guerreiro,  
 Que, não por si, combate por estranhos!

JAGUARARI, *no mesmo tom.*

Quem és tu, Calabar?..

CALABAR

Um vil escravo  
 Que serve a quem melhor o recompensa!..

JAGUARARI.

Tremo, tremo de ouvir-te!..

[Pausa]

E o que tens feito?..  
 Que louros, Calabar, tens recolhido?..  
 Que gloria? que renome?..

CALABAR

Isto he um sonho

P'ra quem, como nós outros, tem vivido  
 Sujeitos ao poder do captiveiro.  
 Renome tem o que liberta a patria,  
 O que lhe arranca o jugo de tyrannos!  
 Que tenho eu feito? Tudo que he possivel;  
 Tudo que faz um tigre desesp'rado,  
 Famelico, voraz, sanguisedento!..  
 Em frente dos ferozes hollandezes,  
 Hei parecido o anjo do exterminio,  
 Ceifando vidas, espalhando mortes!..

(Com emphasis)

Perante nós, de um panico tomada,  
 Iguarassú revolve-se no saque;  
 Soffre profanações e crueldades;  
 E, quando já vasia de despojos,  
 Recebe o fogo que a reduz á cinzas!..

JAGUARARI, *com força.*

Foste tu, Calabar!..

CALABAR.

Rio Formoso  
 Guarda cinco navios carregados,  
 Que ao portuguez os animos altéam:  
 Chegamos nós, soltamos a metralha,  
 E vão á pique se afundar no pégo!..

JAGUARARI.

Feste tu, Calabar!..

CALABAR.

Em continente,  
 Ganhamos os tropheos nos Afogados;  
 E—mal Rimbach succumbe na peleja!—  
 A ilha audaz que rende-se á conquista,  
 He Itamaracá! Nas Alagôas



Ateamos sem dò um incendio horrivel!..  
Ainda hapouco, em frente á Parahiba,  
Dez navios submergem-se no abysmo,  
Mil cadaveres bóiam sobre as ondas!...

JAGUARARI, *com explosão*

Foste tu, Calabar?!...

CALABAR, *com ancia*

Não m'ò perguntas!..  
Fui eu, Jaguarari, sim, fui eu mesmo!..  
Foi este braço quasi amortecido,  
Foi este coração quasi gelado!...

(Pausa. Mudando o tom)

Estás disposto, ou não, a acompanhar-me?..

JAGUARARI.

Não!.. He melhor morrer. Prefiro a morte.  
O arco dos indigenas se dobra,  
A alma nunca!..

CALABAR.

Enganas-te, guerreiro:  
O indigena correu aos nossos braços.  
Os Janduis, em tribu numerosa,  
Combatem pela causa dos Flammengos.

JAGUARARI.

Os Janduis?!.. Que dises?..

CALABAR.

E tu, eia, decide-te!.. partamos...

A verdade.

JAGUARARI

Não!

CALABAR.

Queres que a fortuna te aban done?..

JAGUARARI

Sim!

CALABAR.

Oh! velho!.. e a filha que procuras?..

JAGUARARI, *afflicto.*

A filha?! a filha?!..

CALABAR

Sim, a tua filha..

Parte comigo, que a verás em breve..

JAGUARARI.

Tu dises, Calabar?.. Mas essa filha  
Partio, disseste...

CALABAR.

Foi uma surpresa  
Que aprouve-me faser-te. Queres ve-la?..  
(Segura Jaguarari pelo braço, e sobe com elle a escada, que le-  
va á muralha. Aponta para baixo.)  
Ei-la ali!..

JAGUARARI, *exclamando*

Oh! Tupà!.. Minha Argentina!..



ARGENTINA, de fora.

Meu pai, meu pai!...

(Jaguarari, descendo com pressa a escada, pára subitamente no meio da scena, denotando lutar com sentimentos oppos-  
tos. Pequena pausa.)

CALABAR, batendo-lhe no hombro.

Sigamos...

JAGUARARI, com heroico esforço.

Não.

CALABAR

Que dises?..

JAGUARARI.

D'aqui p'ra defender a minha gente!..

CALABAR.

Então, Jaguarari, vais ver agora  
Como se rende mais a fortaleza  
Do Rio Grande.

(Sobe a escada, e do alto das ameias dá um signal para fóra,  
tocando uma pequena corneta, que trasia pendente do cin-  
to.)

JAGUARARI, comprehendendo, com força.

Calabar suspende!..

Pára, traidor!..

(Correndo a scena. Ouve-se um sussurro de vozes da parte ex-  
terior.)

Soldados, apressai-vos!..

(O barulho augmenta-se progressivamente.)

SCENA V.

OS DITOS, E O GOVERNADOR.

O GOVERNADOR, *espantado*.

Que he isto?..

JAGUARARI

Os inimigos que accommetem!..  
Meu arco?.. as minhas flechas?.. esta espada,  
(Tomando a espada do governador)

Esta espada, Senhor...

(Sahe o governador. A' Calabar)

Traidor!.. infame!..

(Querendo subir a escada)

CALABAR, apontando uma pistola

Tem-te, Jaguarari!.. Nem mais um passo!..

(Ouve-se o tinir de espadas, alem de grandes pancadas nas  
portas)

JAGUARARI.

Vill!.. covarde!..

(Entra o governador com outra espada)

Senhor, stamos perdidos!..

O GOVERNADOR

Os nossos lá se batem... Soccorramos...

(Encaminha-se á porta, que, entre o som de um tiro, cahê es-  
trondosamente. Um troço de hollandezes invade a scena e  
desarma o governador. Jaguarari, erguendo a espada, vai  
ao encontro dos invasores, e recua, vendo Argentina, que  
entra com elles. Os soldados espalham-se, sahindo e entran-  
do. Calabar tem descido para a scena.)



SCENA VI.

OS DITOS, ARGENTINA E A TROPA.

ARGENTINA, *lançando-se nos braços de Jaguarari.*

Meu Pai!.. meu Pai!..

JAGUARARI, *deixando cair a espada*

Que vejo?.. Minha filha?!..  
Minha Argentina aqui?! Minha Argentina.....

(Cerrando-a nos braços, e beijando-a)

CALABAR, *aos soldados.*

Cessai de pesquisar... Sois vencedores!..

(Mostrando o governador)

Levai-o preso....

JAGUARARI

Não... irá comigo.

(Com virulencia)

Mas, antes, Calabar, nos batteremos!..

(Querendo investir Calabar, os soldados seguram n'ó com arremesso, e Argentina interpõe-se)

ARGENTINA.

Meu Pai, meu Pai, salvou-me do carrasco!..

JAGUARARI, *com dor.*

Ah!...

(Uns soldados levam o governador preso. Ficam outros.)

CALABAR, *aos soldados.*

Postai-vos agora nos lugares

Da guarnição. He nossa a fortaleza.  
Ide alguns enterrar esse cadaver...

JAGUARARI

De quem?.,

CALABAR.

Do capitão.

JAGUARARI, *com pena.*

De Pedro Mendes?!..

Morreu!.. morreu!..

(Com raiva)

Vós sois uns assassinos!..

(Movimento dos soldados)

CALABAR, *aos soldados.*

Parti, parti...

(Os Soldados sahem)

Nós somos assassinos?..

Sabes, Jaguarari, o que disseste?..

Os assassinos dão-te a liberdade.

Eia, podes seguir...

JAGUARARI

A liberdade?!..

A liberdade!..

(Resolvendo-se)

Sim: quero vingar-me!..

Vamos, filha...

CALABAR, *detendo-a.*

Jamais...

JAGUARARI

O que disseste?



CALABAR.

Com ella, si for nossa a tua tribu!

[Movimento de Jaguarari]

Será, Jaguarari, pequeno o preço,  
Porque quero comprar os teus serviços?..

JAGUARARI, *nobremente*

Pequeno, mui pequeno. Não ha preço  
Que compre a minha honra. Neste caso,  
Eu renuncio o dom da liberdade...  
Aqui, ó filha, ficarei contigo.

ARGENTINA.

Pai do meu coração, pai da minh'alma,  
Depois de tanto tempo separados,  
Eu não posso estranhar esta linguagem,  
Esta resolução que haveis tomado.  
Quereis ficar comigo?.. Eu bem preciso  
Do vosso amparo.... Sou tam desgraçada!..

JAGUARARI, *pungentemente*

Desgraçada... Argentina, minha filha!..  
Eu bem previa!.. Só, abandonada,  
Comeste o amargo pão da caridade,  
Soffreste muita vez a dor da fome!..

ARGENTINA, *idem*

Tudo, tudo soffri na vossa ausencia,  
Na vossa ausencia, ó pai, que eu crêra eterna!..  
Porem deixemos... Sabereis de tudo...  
Agora só se trata de partirdes...

JAGUARARI.

Partir!.. partir!.. deixar-te?! oh! nunca, nunca!

ARGENTINA

O que diseis, meu Pai?.. Não vos conheço . . .  
Eu stou acostumada aos infortunios,  
Sei soffrer, como vós. Quando a desgraça  
Sepultou-vos aqui, nesta masmorra,  
E fez-vos supportar acerbos males,  
Eu tambem supportei males sem conta,  
Dores crueis que o peito dilaceram . . . .  
Parti, parti, meu Pai!.. Aqui ao menós,  
Eu vos trarei constante na memoria;  
Ora, vendo o logar em que dormieis,  
Ora, julgando ouvir a vossa falla . . . .  
Parti, parti, meu Pai!.. Tende coragem!  
Não me deixastes vós pela clausura?  
Deixai-me agora pelo amor da patria!

CALABAR, *reprehendendo-a.*

Senhora! . . . .

ARGENTINA.

Que quereis? . . .

CALABAR.

Vosso silencio . . . .

ARGENTINA.

O meu silencio cala os vossos feitos,  
E eu quero celebra-los. Pai querido,  
Fui pelos Hollandezes condemnada,  
E Calabar livrou-me do supplicio! . . . .  
Quiseram impudicos deshonor-me,  
E Calabar livrou-me da deshonor! . . . .  
A' Calabar, respeito! . . aos hollandezes . . . .

JAGUARARI, *atalhando.*

Guerra! guerra de morte! . . .



CALABAR.

Morte horrivel,  
Hãveis de achar no campo lusitano ! . . .

ARGENTINA.

Nunca, nunca ! . . .

CALABAR.

A vantagem nos pertence . . .  
Os lusos tem de todo se extinguido ! . . .

ARGENTINA.

Jamais ! . jamais ! . . .

CALABAR.

Ao toque do rebate  
Assustão-se, apavorão-se, succumbem,  
Como ao signal horrifico da morte ! . . .

ARGENTINA.

Parti, parti, meu Pai ! . . .

CALABAR.

Partis p'rá sempre ! . . .  
Trocai-vos o adeus da eternidade ! . . . . .

(Argentina estremece.)

JAGUARARI.

Filha, filha, esta idea he dos infernos ! . . .  
Vêr-te, depois de dias tam penosos,  
Vêr-te, e no mesmo instante abandonar-te ! . . .  
Partir ! . . partir ! . . quem sabe ? . . para sempre ! . .  
Nunca ! nunca ! . . .

(Dolorosamente.)

Estou velho, estou cansado . . .  
Em ti consiste a minha f'licidade . . .  
Serei feliz, com tanto que te abraçe ! . . . . .  
Si muita vez maldisse esia morada,  
He que longe de mim tu existias ! . . .  
Perem . . . hoje não posso . . . não, não quero,  
Não quero mais deixar-te ! Aqui sosinhos,  
Embora presos, nós seremos livres !  
Livres tambem de ingratos e traidores ! . . .

ARGENTINA, *com animação.*

Livres ! . . livres ! . . diseis. E a patria ? ! escrava ! . .  
A patria que vos chama e vos implora ?  
Que vos amosta o peito assignalado  
Por feridas mortaes ? . que vos aponta  
Para os seus pulsos rouxos das algemas ? . .  
Que, emfim, vos ameaça horrivelmente  
Com a sua maldição ? . . . Eu estremeço ! . . .  
Não tendes fé, meu Pai ? Tende coragem !  
Correi, correi de pressa ao vosso posto !  
Fallai, como sabeis, á vossa tribu !  
Depois . . . vinde com ella libertar-me ! . .  
Eu espero, meu Pai . . . Eu vos espero ! . . . .

JAGUARARI, *com enthusiasmo.*

Filha, filha, Tupá veio inspirar-te ! . .  
Calabar, Calabar, eu te agradeço,  
Eu te agradeço o dom da liberdade !  
Corro, corro á abraçar os Portuguezes . . . .

CALABAR, *com sinistra intenção.*

Senhora, haveis burlado os meus projectos ? !  
He a fatalidade ! ! . . . .

JAGUARARI.

Eis minha filha . . . .

(Apertando com confiança as mãos de Calabar.)



Serás seu pai, durante a minha ausencia.  
Eu confio de ti . . . . .

(Abraçando Argentina.)

Adeus, ó filha ! . . . .

Adeus, minha Argentina ! . . . .

ARGENTINA, *com um estremo esforço.*

Pai querido ! . . .

Adeus ! . . adeus ! . . . .

(Jaguarari parte acceleradamente. Argentina, acompanhando-o ate á porta, volta pallida e desanimada a cahir no estrado. Calabar fecha immediatamente a porta.)

CALABAR.

Partio !.. partio !.. deixou-a !..

(Com prazer satânico.)

Estava escripto ! . . . He minha... finalmente! . . . .

[Apontando e adiantando-se para Argentina.]

*Fim do terceiro acto.*



## ACTO 4.

---

Immediações do acampamento lusitano. No fundo, outeiros, e arvoredo. A' direita, uma grande cruz antiga, assentada sobre uma escadaria. A' esquerda, ruínas, que se prolongam até ao ultimo plano. He noute. No decurso do acto a lua tem gradualmente sobido.

### SCENA I.

O 1º E O 2º SOLDADOS, SENTADOS AO PÉ DAS RUÍNAS, SEGURAM, CADA UM UMA GARRAFA DE VINHO.

1º SOLDADO, *sacando a rolha.*

Se assim não for, estamos mal servidos.

2º SOLDADO, *idem.*

Faltam copos... Emfim, la vai á tua...

1º SOLDADO.

Vivamos todos!..

(Bebem)

Huum!.. Sabe á ambrosia!..

(Pequena pausa)



Sempre te conheci amando o vinho...

2º SOLDADO.

Em falta de mulheres, que remedio?.,

1º SOLDADO.

Tudo he amor, não achas?..

2º SOLDADO.

Mais ou menos.

Ama-se até o cano da espingarda!..

1º SOLDADO.

Isto he comigo... Entendo-te, velhaco...  
Recordas-te?..

2º SOLDADO.

Que dia!...

1º SOLDADO.

Oh! he verdade.

Foi o dia fatal em que o damnado  
Do Calabar deixou-nos por Flammengos!..

2º SOLDADO.

Que gosto depravado!—por Flammengos!..

(Bebe)

1º SOLDADO.

Antes este, que dises?..

[Bebe]

2º SOLDADO.

Certamente.

[Pequena pausa]

1º SOLDADO.

E quanto mal tem feito á nossa causa  
Esse traidor!..

2º SOLDADO.

Deixa-lo... Hade pagar-nos.

[Bebe]

1º SOLDADO.

Não a ti.

[Bebe]

2º SOLDADO.

Nem a ti...

1º SOLDADO.

Depois veremos...

Zombou de nós!..

2º SOLDADO.

Mentio-nos, promettendo

Seguir-nos, e depois!..

1º SOLDADO.

Fez-se de véla;

Foi procurar fortuna co'os diabos!..

2º SOLDADO.

Ouvi diser que foi, porque devia  
A' justiça...

1º SOLDADO.

Talvez... he bem possivel.

Aquella cara sempre pareceu-me  
Carranca de velhaco; aquelles olhos



Eram olhos de onça; aquella bôca  
A' modo que queria devorar-nos!..

2º SOLDADO.

Vade retro, Satan!..

[Bebe]

1º SOLDADO.

Bebe com tento...,

Olha que...

[Bebe]

2º SOLDADO.

Dises hem... Já te percebo:  
Depois torna-se o somno mui pesado...

1º SOLDADO.

E lá se vai a patria pelos ares!..

[Levantam-se de chofre]

Olé!.. com mil diabos!..

2º SOLDADO.

Não ha nada..

Alto! firme!..

1º SOLDADO.

A' direita! á esquerda! marcha!..  
Stamos promptos; não ha quem nos agunte.

2º SOLDADO.

Desta vez vão-se todos os Flammengos!..

1º SOLDADO.

Ah! se os pégo de geito!..

2º SOLDADO.

Não te assustes.  
Hão de morrer aqui; palavra d'honra!

1º SOLDADO.

Vá lá... Façamos mais esta saude...

2º SOLDADO.

Prompto...

1º SOLDADO.

Prompto?.. A' saude...

2º SOLDADO.

Acaba, vamos:.

1º SOLDADO, *vendo a lua.*

D'aquelle astro gentil, que vem nascendo!..  
[Bebem]

## SCENA II.

OS DITOS, FARO, E DEPOIS MATHIAS DE ALBU-  
QUERQUE.

FARO, *entrando pela direita.*

A' ponto vim. O general, que he delle?..

ALBUQUERQUE, *entrando pela esquerda.*

Aqui me tens.

[Aos soldados]

E vós, ide ás barracas.

[Sahem os soldados]

Que novas trazes? Viste os inimigos?..  
Falla, falla com siso e com cautela.



## FARO

Cautela e siso tive em evita-los.  
 Eu, conhecendo ha muito Porto-Calvo,  
 Aproximei-me logo, sem receio,  
 Cuberto e protegido pela noute.  
 Então a um velho amigo dirigi-me;  
 Sebastião do Souto appareceu-me,  
 E, como eu desejava, por miúdo,  
 Contou-me o pé de guerra em que o inimigo  
 Até agora está. Facil empresa  
 He derrota-los todos, se soubermos  
 Aproveitar o ardil que Souto lembra.  
 Acham-se os hollandezes neste instante  
 Em posição aos nossos favoravel.  
 Acresce que, bem longe de preverem  
 A nossa emigração, dormem no ocio,  
 Dominados da crapula e do vicio.  
 Alem do mais, alguns hão desertado,  
 Rarefasendo assim suas fileiras.

## ALBUQUERQUE.

Antes de proseguires, ouve um pouco.  
 Esta causa não foi, nem he de siso,  
 Para suppormos facil a victoria;  
 Esta só circumstancia nada vale  
 Para julgarmos fracos os Flammengos.  
 Se para nós alguns tem desertado,  
 Os nossos para lá tem feito o mesmo.  
 Por isto muito e muito hemos perdido...  
 Por isto, após incriveis soffrimentos,  
 Minguada a guarnição, minguada a força,  
 La desertam os vis napolitanos,  
 Para vermos, cubertos de vergonha,  
 Render-se Nasareth. Não te recordas?  
 Por isto, quando, em hora malfadada,  
 Passou-se Calabar p'ra os hollandezes,  
 A estrella, que por nós sempre brilhára,  
 Passou tambem a ser escura estrella!

Assim, a deserção, de que fallaste,  
 Nada adianta ao caso em que nos vemos.  
 Si nisto he que esse ardil se fundamenta,  
 Bem vês que não podemos abraça-lo.

## FARO.

Haveis rasão em tudo que dissestes;  
 Mas he que não se funda tam somente  
 O ardil, de que usaremos, nesse facto.  
 O principal, Senhor, he que os Flammengos  
 Não nos suppõem aqui neste momento:  
 Estão desprevenidos, descuidados,  
 E em tal situação, que facilmente  
 Nós poderemos ir-lhes ao encontro.  
 Grande que seja o exercito contrario,  
 Grande numero temos de guerreiros,  
 Que de bom grado aqui nos acompanham:  
 Grandes somos tambem no animo ousado;  
 E, quando se proclama o amor da patria,  
 Maiores que o hollandez, que o mundo inteiro!

## ALBUQUERQUE.

Era outro o tempo, Faro, em que valia  
 Esse grande penhor de grandes feitos.  
 O amor da patria he hoje uma mentira!  
 Legenda augusta dos primeiros tempos,  
 Quando o braço seguia a acção dos labios,  
 He hoje uma palavra que se solta  
 Sem tradusir os sentimentos d'alma.

## FARO.

E quem, Senhor, os nossos companheiros  
 Ha por tam longo tempo sustentado?..  
 Crêdes que sejam só os interesses  
 Pequenos e mesquinhos?.. He verdade  
 Que temos visto erguer-se muitas vezes  
 A perfidia, a traição, o odio, a inveja;



Mas, quando taes deslustres apparecem,  
 Outras tantas façanhas resuscitão.  
 Inda está bem impresso na memoria  
 O que, perante nós, ha pouco tempo,  
 Cingio Estevão Vaz de alto renome.  
 Quando o Batavo altivo trabalhava  
 Por arrancar-nos fóra desses pontos,  
 Que, á Nasareth contiguos, lhe vedavam  
 Sua aproximação, co'a espada em punho  
 Esse nobre mancebo, em prelio ardido,  
 Só parou ante a morte pela morte,  
 Cahio morrendo, não morreu cahindo!..

ALBUQUERQUE, *continuando*

E quando sabe o golpe que a ferira,  
 Mal enxugando o pranto dos seus olhos,  
 Vem Maria de Souza, e aos outros filhos  
 Mais moços inda, diz heroicamente:  
 He morto vosso irmão no ardor da guerra:  
 O fim que teve deu-lhe honroso nome;  
 Quero que sorte igual vos acompanhe...  
 A patria he a vossa mãe neste momento...  
 Marchai p'r'a guerra, filhos!..

FARO.

E de prompto  
 Partiram-se a cumprir a voz materna!..

ALBUQUERQUE

Foi de veras um feito que nos honra!..

FARO.

E não acreditais no amor da patria?..

ALBUQUERQUE

He que raros assim eu tenho visto,

Bem raros ha que tenham tal quilate.  
 Tu és um delles, sim; mas onde os outros?..  
 João Fernandes Vieira, eu bem conheço  
 Que faz uma excepção no que respeita  
 A só cuidar de si, deixando a patria.  
 No forte de São Jorge, o moço illustre  
 Principiou mostrando que nascera  
 Para cumprir no mundo egregios feitos.  
 Henrique Dias lembra-me igualmente,  
 Que pode oppor a força do seu braço  
 A quanta força houver dos hollandezes.  
 Esse crioulo audaz e destemido  
 Herdou de Deus um animo tamanho,  
 Qual, nunca em mór quantia, o branco teve.  
 Segue-se Camarão, seguem-se outros...  
 São outras excepções... Porem o caso  
 Não he tão facil como se figura:  
 O ardil precisa de homens que o pratiquem;  
 Estes he que eu não sei onde encontra-los,  
 Que abonem, co'a exp'riencia dos seus annos,  
 Co'as noticias que tenham destes sitios,  
 Co'a vida marcial, um bom successo.

FARO.

Podemos muito bem contar com Souto;  
 Patriota fiel, sinsero amigo,  
 Eu creio, general, nos seus esforços.

ALBUQUERQUE.

A tua fé garante o resultado?..

FARO.

Este pertence a Deus. Em todo caso,  
 Cumpre que sem delonga decidamos.  
 P'ra tomarmos de subito os Flammengos,  
 Não temos de marchar nem meia legua.  
 Aqui, como sabeis, bem pouco dista  
 Das fortificações de Porto-Calvo.



ALBUQUERQUE.

He de mister quem saiba conduzir-nos,  
Sem que possa o inimigo suspeitar-nos.

FARO.

Eu posso me incumbir desta tarefa...

ALBUQUERQUE

E quem ha de guardar estas familias  
De emigrados fieis que me acompanham?..  
Por toda parte surgem hollandezes,  
E, como bem conheces, nesta altura  
Podem tambem surgir e trucidar-las.  
He difficil tomar um dos partidos...  
Difficil, quasi, sim, quasi impossivel!..

SCENA III.

OS DITOS, E JAGUARARI.

JAGUARARI, armado.

Mathias de Albuquerque, eu vos saúdo!..

ALBUQUERQUE E FARO

Jaguarari!..

JAGUARARI, com calma

Lembraes-vos do meu nome?..

ALBUQUERQUE

Tu devêras estar agora preso...

JAGUARARI,

Devêra, e não estou!

ALBUQUERQUE

Quem libertou-te?

JAGUARARI.

Quem, ao tomar de um golpe a fortaleza,  
Fallou-me: vai lograr a liberdade!  
Calabar.

ALBUQUERQUE E FARO

Calabar!..

JAGUARARI, com emphasis.

Neste momento  
Sopra o fogo, ergue o ferro, espalha a morte!..  
Ao som das maldições que lhe dirigem,  
Vai fincando o estandarte dos Flammengos  
Por sobre as possessões dos Lusitanos!..

(Pequena pausa de espanto)

ALBUQUERQUE

Que infausto nuncio és tu!.. que novas trazes!..  
Jaguarari, não basta o que soffremos?..

JAGUARARI.

Não sei. Por ora escuta-me, Albuquerque.  
Cada dia, mais cheias e mais densas  
Vão-se tornando as hostes hollandesas.  
Alem dos Janduis, mais aliados  
Indigenas tem ido offerecer-se.  
Eis que, por fim, do meio dos Palmares  
Os temerosos negros se levantam!  
Ante elles o Zumbi, sciltando um brado,  
Impelle-os contra nós de fouce erguida!..



ALBUQUERQUE

E tu, será que queiras compraser-te  
Em nos encher de susto e de vergonha?!

JAGUARARI

De vergonha, talvez; de susto, nunca...  
Ou já não sois quem fostes n'outro tempo,  
Ou tendes tanto susto quanto eu tenho!...

ALBUQUERQUE.

E entretanto estamos arriscados,  
Perdidos quasi, ao pé dos inimigos!..  
Estás, Jaguarari, estás vingado  
Do que soffreste!..

JAGUARARI

Não; ainda he cedo.  
Vingança, qual eu quero que me caiba,  
Ver-me-heis tomar em breve...

ALBUQUERQUE

O que pretendes?.

A que vieste?..

JAGUARARI.

Vim co'a minha tribu  
Offerecer-te força em pról da patria!..

ALBUQUERQUE.

Jaguarari, que dises .? .

JAGUARARI.

A verdade.

Fallei a Calabar como vos fallo.  
Custou-me muito caro, oh ! . muito caro ! . . .  
Custou-me, em meu logar, em negro carcer,  
Deixar minha Argentina, minha filha ! . . . .

(Mão no peito.)

FARO, á parte, commovido.

Inda ella existe, oh ! Deus ! . . . quasi esquecida ! . . .

JAGUARARI, animando-se.

Mas eu não duvidei, com sacrificio,  
Dar á patria o que a patria me pedia . . .  
Batalhei uma vez ao vosso lado;  
Mathias de Albuquerque, eis-me convosco !

ALBUQUERQUE, estendendo a mão.

Eia ! Jaguarari, uma homenagem  
Te presta o general ! . .

JAGUARARI.

Não a rejeito.

(Apertando-lhe a mão.)

Quero assim esquecer as injustiças,  
Que obráram contra mim os lusitanos !

ALBUQUERQUE.

Terão de envergonhar-se; eu acredito;  
Terão de envergonhar-se, quando virem  
Voltar ao prelio a victima innocente,  
Que intentaram cobrir de negro opprobrio ! . . .  
Hão-de mirar-se em ti, nobre guerreiro ! . . .

JAGUARARI, atalhando.

Basta, Albuquerque. O tempo he precioso.



Pensemos em ganhar o que perdeu-se . . .  
Onde pára o inimigo ? . .

ALBUQUERQUE.

A poucos passos  
Daqui. Vieste a ponto, que partimos.  
Agora tudo está remediado;  
A Providencia quiz favorecer-nos.  
A ti, Faro, commetto a ardua empresa  
De defender as vidas e a fazenda  
De todas estas miseras familias.  
E tu, Jaguarari, que bem conheces  
Todos estes logares que nos cercam,  
Deves co'a tua tribu acompanhar-me,  
Que vou tomar de assalto os inimigos ! . .

FARO.

Prompto sempre a cumprir as vossas ordens,  
Eu ficarei, Senhor.

JAGUARARI.

E nós, partamos ! . . .  
Tupá nos guia: vamos sem demóra.  
Por traz deste arvoredo ha um caminho,  
Por onde iremos ter a Porto Calvo,  
Sem que ninguem suspeite a nossa marcha.  
Partamos, Albuquerque . . . .

ALBUQUERQUE.

Sim, partamos ! . . . .

SCENA IV.

FARO, E DEPOIS OS 2 SOLDADOS.

FARO, so. Pausa.

Foram-se destemidos á peleja,

Foram-se a procurar louros de gloria ! . .  
E eu fiquei votado ao esquecimento,  
Que para o esquecimento fui nascido ! . .

(Pausa.)

Não sei que estranho e triste sentimento  
Veio assenhorear-se da minh'alma,  
Ao ver Jaguarari ! . . Lembrei-me della ! . . .  
Della, que, tanta vez, tantas palavras  
De amor me fez ouvir ! . . Pobre Argentina ! . . .  
Mal eu sabia que inda fosse viva . . . .  
Oh ! barbaro que fui ! por minha causa  
Ha-de ter padecido muito e muito ! . . .  
Perdão, perdão, meu Deus ! . . Velai por ella ! . .

(Entram os soldados.)

1.º SOLDADO.

Que he isto, capitão ? . . Que historia he esta ? . .  
La vai o General co'a sua gente,  
Mandando que ficassemos comvosco ? ! . .

FARO.

A sua gente ? . . Dise: a nossa gente.  
Somos todos irmãos . . . que importa o resto ? . .  
Quando uns vão, outros ficam.

2.º SOLDADO.

Não entendo.

Por estas e por outras he . . . .

1.º SOLDADO.

Silencio !

Agora fallo eu, que sou mais velho.  
Capitão ! . . capitão ! . . .

FARO.

Ficais comigo:

Pêsa-vos isto ? , .



1.º SOLDADO.

Não . . . Mas he . . . . Dizei-me:  
O que fazemos nós, aqui ficando ? . . .

FARO.

Guardamos, defendemos as familias  
Que nos acompanharam . . . .

1.º SOLDADO.

Dais licença ? . . .  
Isto está parecendo uma patranha . . .  
Capitão, capitão, eu desconfio . . .  
Não creio em militar que deixa a guerra  
P'ara defender familias.

2.º SOLDADO.

He verdade.  
Familias temos nós, e lá ficaram;  
Se he mister defender, defendo a minha.  
Vou-me embora, está dito: vou-me embora.

FARO.

Nenhum de vós, amigos, vai direito  
No que me diz. A guerra he como um drama,  
Cujos papeis dividem-se por todos.  
Desempenhemos bem os que nos derem;  
Menor não he a gloria que nos cabe.

1.º SOLDADO.

Capitão, capitão ! . . . . Estou calado.

2.º SOLDADO.

Agora eu . . . La vai o meu discurso.  
Capitão, capitão, ha muito tempo

Que nós andamos todos á matroca,  
Sem jamais conseguirmos cousa alguma;  
Este attribue á torça do inimigo  
As derrotas que temos supportado;  
Aquelle exclama, cheio de fofice:  
« Quem nos tem contrastado em nossos planos,  
He Calabar ! . » — Historias . . . não he isto.

1.º SOLDADO.

Assim, rapaz; não cortes essa lingua.

2.º SOLDADO.

Ouvi-me, capitão. Antes de tudo,  
Stamos assim por falta de dinheiro.  
A tropa, si procura mantimentos,  
Ninguem lh'os dá. Decrescem nossas forças,  
Porque nos redusimos á penuria ! . .

FARO.

Que dises ? . . .

1.º SOLDADO.

Capitão, deixai que falle.  
Este rapaz promete; he de esperanças.

2.º SOLDADO.

Prometto ?.. O que eu prometto he, por minh'alma!  
Arrenegar o jugo de Castella ! . . .

FARO.

E ousas ? . . .

1.º SOLDADO.

Capitão, ousamos to dos !  
Quem he que não se dóe, e não se queixa  
Desse dominio vil de usurpadores ? ! . . .



FARO.

Tomai tento, soldados . . . Se vos ouvem ! . . .

(Como em segredo.)

Fallai, fallai mais baixo . . .

2.º SOLDADO.

Não nos ouvem.

1.º SOLDADO.

E não diremos nós o que sentimos ? . . .

FARO, *idem*.

Um dia . . ha-de chegar . . . de independencia ! . .  
Tende fé, Portuguezes ! . .

1.º SOLDADO.

São palavras . . . .  
O pendão das Hespanhas não se abate ! . . .  
Abatêram-se as Quinas lusitanas ! . . .  
Felippe só quer ouro ! . . .

FARO.

Sêde cautos . . . .

1.º SOLDADO.

Que morramos, ou não, pouco lhe importa . . . .

2.º SOLDADO.

Depois crescem os odios, as intrigas;  
Vem desgostos, e vem as injustiças . . . .

1.º SOLDADO.

Por fim de contas, vem o italiano;

E nós nada valemos, nada somos,  
Porque se mette em tudo o estrangeiro ! . . . .

FARO.

E nada mais . . . . Ja basta de t'ramêla . . . .  
Soldados, eu tambem devo fallar-vos ! . . . .

1.º SOLDADO.

He justo, capitão.

FARO.

Pois escutai-me.  
Vamos correr em torno estes logares,  
Que á nossa guarda foram confiados.

1.º SOLDADO.

Alto ! frente ! . . Estou prompto.

FARO.

Acompanhai-me.

(Vam-se.)

SCENA V.

Calabar e Argentina. Calabar, disfarçado, e conduzindo Argentina pela mão, espreita cuidadosamente o sitio. Argentina, pallida, com os cabellos soltos, mostra-se abstracta, e como dominada por uma idea fixa.

CALABAR.

O sitio está deserto deste lado . . . .

(Apontando para a esquerda.)

Aqui, onde prolongam-se as ruinas,  
He que talvez se tenham acoutado . . . .  
(Aproxima-se á Cruz, e faz Argentina sentar-se nos degrãos.)



Com estes trajes devo parecer-lhes  
 Algum perdido e pobre forasteiro.  
 Esta mulher, crerão ser minha esposa . . .  
 O mais, que val ? . . . Meu fim neste momento  
 He ver se he verdadeiro o tal boato  
 De haver chegado gente de outras partes.  
 Quem quer que seja, quero conhecê-la . . . .

(Pausa. Dá com os olhos em Argentina. A lua, que tem se encuberto com os arvoredos, projecta sobre ella uma parte da claridade por um resquicio da folhagem.)

Como está bella assim ! . . . O astro da noute  
 Veio beijar-lhe as faces ! . . .

(Apaixonadamente.)

Argentina ! . . .

(Pausa.)

Quasi me punge o coração de vê-la ! . . . .

(Pausa.)

ARGENTINA, *leva a mão á testa.*

He fogo . . . . he fogo ! . . .

(Levando-a ao coração.)

He gèlo . . . . .

CALABAR.

Miseravel !

Miseravel que sou ! . . . Nem um sorriso,  
 Nem uma voz dos labios, nem um gesto,  
 Que seja para mim ! . . Oh ! desgraçado ! . . . .  
 Ou muda, ou condemnando-me aos infernos !

ARGENTINA, *enxergando a lua.*

Ja vem rompendo o dia . . . . o sol desponha . . . .  
 Ei-lo que vem bater-me sobre o rosto . . . .  
 Parece que me abraça . . . . .

(Pequena pausa.)

Sinto frio . . . .

CALABAR.

Cruenta sina, a minha ! . . Estrella infausta,  
 Que me trouxeste um horoscopo nefando,  
 Maldita sejas tu ! ! . . .

ARGENTINA, *com satisfação,*

Suave brisa  
 Sinto brincar-me aqui entre os cabellos . . . .  
 O halito de Deus ! . . . . tem um aroma,  
 Como a rosa dos prados ! . . . Que doçura !

(Parecendo despertar.)

Não tenho nada . . . Estou . . . eu estou boa . . .

(Levanta-se.)

CALABAR.

Torna a si . . . Vai fallar, vai maldiser-me ! ! . .

ARGENTINA, *olhando em torno.*

Um campo . . . um arvorêdo . . . umas ruinas . . . .  
 Aqui . . . he uma cruz ! . . Que f'licidade ! . .  
 O lenho do Senhor que me apparece  
 Na solidão ! . . Meu Deus, sêde bemdito ! . .  
 Estou só, stou feliz, estou tranquilla . . . .

(Dando com Calabar, espanta-se, e recua.)

Que vejo ? . . Horror ! . . .

(Pausa. Como procurando reconhecê-lo.)

Ês tu ? . . és tu ? . . Cobarde,  
 Vil, infame, traidor ! . . monstro dos monstros ! . .  
 Perjuro ! . . renegado ! . . algoz da patria ! . .

CALABAR.

Argentina, Argentina, por piedade . . . .

(Mudando de tom.)

Mulher, sou teu senhor ! . . és minha escrava ! . .  
 Contêm-te ! . . .



ARGENTINA, *animando-se.*

Tu trahiste os teus patricios,  
Foste vender-te ao ouro do estrangeiro ! . . .  
Tu levantaste as armas contra o peito  
Dos teus irmãos ! . . Indigno, tu cravaste  
No coração da patria agudo ferro ! . .  
Tu atulhaste os campos de mil mortos ! . .  
Tu fiseste do chão um mar de sangue ! ! . . .

CALABAR.

Emmudece, mulher ! . . Poupa-me as iras ! . . .

ARGENTINA, *idem, á mais.*

Tu cuspiste nas faces de um amigo  
O fel da ingratidão ! . . De um pobre velho,  
Que fiára de ti, que te entregára  
Sua extremosa filha, tu zombaste,  
Vingaste-te, cruel, como se vinga  
O espirito satânico das trevas!..  
Tu deshonoraste o pai como um cobarde,  
Deshonrando-lhe a filha!.. Miseravel!..  
Maldição sobre ti!.. Abra-se o inferno  
Para tragar-te em vida o corpo e a alma!..

(Com um supremo esforço.)

Meu Deus!.. minha rasão!.. eu morro, eu morro!..

(Cahê desanimada sobre os degrãos.)

CALABAR.

Cahio... perdeu de novo os seus sentidos...  
Está prostrada... Bem: aproveitemos  
O ensejo, para ver se me he possível.....  
(Depois de espreitar a scena, desaparece pelas ruinas. Longa  
pausa.)

SCENA VI.

ARGENTINA, E DEPOIS FARO.

ARGENTINA, *só, tentando erguer-se.*

Oh! que dor!.. que martyrio!..

(Sentando-se)

E não se acaba

Esta vida cruel!..

(Levanta-se.)

Ah! se eu pudesse..

Se eu não tivesse medo... a mortel! a mortel!..

(Ajoelha-se nos degrãos da Cruz.)

Perdão, perdão, meu Deus!.. Eu não sabia,  
Não sei ainda o que me sahe dos labios!..  
Não sei o que me aperta os seios d'alma,  
Que cega os olhos, e transtorna a mente!..  
Perdão!.. perdão!.. meu Deus!..

(Pausa. Parece orar em silencio. Faro vem descendo um ou-  
teiro.)

Tende piedade

De meu querido Pai!.. Senhor, piedade....  
De minha terna mãe, ó Virgem Sancta,  
Que ao vosso lado vive eternamente,  
Ouvi os rogos!.. dai-me a vossa benção!....  
Por elle, que talvez ja não exista.....

(Parece continuar a sua oração em segredo)

FARO, *parando no meio da scena.*

Um vulto!.. uma mulher nestes logares!..  
Está rogando a Deus pela sua alma!..  
Vejamos.

(Aproxima-se, e vendo Argentina estremece. Esta recua as-  
sustada e tremula.)

Ceos!.. quem és?.. tu... Argentina?!..

(Pausa de praser e de anciedade)



ARGENTINA, fallando á custo.

Faro!.. Faro!.. Estou louca... he impossivel..

(Apertando a cabeça.)

Eu vi-o cahir morto... He sua sombra!..

FARO.

Argentina, Argentina, he a verdade...  
Desfallecido apenas, fui de prompto  
Levado a uma choça, onde os cuidados  
De duas almas sans e bemfasejas  
Seguraram-me a vida e a saude.  
He teu esposo, sim... elle te abraça...  
O teu amor defende-me da morte!..

ARGENTINA.

Esta voz... esta voz?... eu a conheço...  
Não és phantasma ou sombra?!.. E eu te enxergo?!  
Respiras, vives, fallas?... E eu te escuto?!..  
Dise, dise, outra vez...

FARO, com effusão.

Minha Argentina!..

ARGENTINA, reconhecendo-o.

Faro! Faro!..

(Precipita-se nos seus braços.)

FARO, estreitando-a contra o peito.

Argentina!.. minha esposa!..

(Pausa.)

ARGENTINA, como despertando.

Porem... onde estou eu?... onde?..

FARO.

Em meus braços,  
P'ra nunca mais, Amor, nos separarmos!

ARGENTINA.

Faro, Faro, és tu mesmo?... desgraçado!..

(Soltando-se dos seus braços.)

Vai-te, deixa-me, foge, não me digas,  
Oh! não me digas nada!..

FARO.

Não te entendo...

Que queres tu?... que pensas?.. que receias?..

ARGENTINA, com vagar.

Perdôa, se eu disser o que não deva...  
Tenho soffrido tanto... tantos golpes!..  
Por vezes a rasão me desampara...  
Que foi que perguntaste?... Espera... espera...  
(Procurando lembrar-se. Pequena pausa.)

FARO, á parte.

Alienada... Oh! Deus! que sorte horrivel!..

ARGENTINA, com voz sumida.

Receio... que nos vejam; que te digam:  
Foge, foge d'aqui p'ra muito longe!..  
Foge dessa mulher, que sobre a fronte  
Traz impresso o ferrete da ignominia!..

FARO, com magua.

Que discs, Argentina?... Que loucura!..



ARGENTINA, *continuando.*

Penso... penso que o amor, que me votaste,  
He hoje uma lembrança do passado,  
Que ha de tornar-se negra no futuro!..

FARO, *com sentimento*

Meu Deus!.. meu Deus!..

ARGENTINA.

Que quero? perguntaste:

Quero que para sempre me abandones...  
Que para sempre deixes Argentina...  
Que o nosso amor arranques da tua alma..  
Que da memoria risques o meu nome!..

FARO, *apaixonadamente.*

Basta... basta... Porem... he impossivel!..  
Que quer diser, Amor, abandonar-te  
Quando, como uma estrella, me appareces,  
Depois de negra e horrivel tempestade?  
Que quer diser—deixar-te para sempre,  
Deixar minha Argentina nesta vida?!..  
Que o nosso amor arranque da minh'alma?!  
E que teu nome risque da memoria?!  
Não posso, não... jamais... he impossivel!..  
Amor nascido em horas de infortunio,  
E em horas de infortunio alimentado;  
Quando apenas por nós soprava a briza,  
Ou modulava o passaro dos bosques;  
Amor, que ha superado mil revezes,  
Que ha transposto os perigos da existencia,  
Sorvendo da saudade o fel amargo  
Té esgotar o calix da desgraça;  
Não he amor que acabe n um momento,  
Nem que succumba ao som de uma palavra!  
Nome, que eu repetia por deshoras,

Entregue á solidão, vagando incerto  
Per meio das campinas, onde o pranto  
Vinha alagar-me o rosto, ao ver da lua  
A claridade pallida na terra,  
Ao ver os astros fulgidos da noute  
Fingindo a luz vivace dos teus olhos;  
Nome que os meus ouvidos escutavam  
Na viração da tarde, ou no murmurio  
Do limpido regato, ou no vagido  
Das buliçosas ondás do oceano;  
Nome que eu imprimi no fundo d'alma,  
Como no fundo d'alma foi impresso  
O nosso amor por Deus, oh!.. não he nome,  
Que eu possa mais risca-lo da memoria  
Senão na fria pedra do sepulchro!..  
Dise, Argentina, dise que não queres,  
Que não desejas mais que eu te abandone;  
Dise, dise uma vez...

ARGENTINA, *pungentemente.*

He impossivel!..

FARO.

Nunca, nunca escutei-te esta palavra,  
Quando do meu amor eu te fallava...  
Que devo agora eu crer deste impossivel?..

[Mudando de tom.]

Será que, na verdade, o vil ferrete  
Da ignominia alguém haja estampado  
Na tua frente?!..

[Como fulminado.]

Oh! Deus!.. idéa horrivel!..

Tu, Argentina, tu?!..

(Pequena pausa.)

Onde estiveste?..  
P'ra onde foste quando me deixaste?...  
Responde, falla... Quero, quero ouvir-te.



ARGENTINA, *delirando.*

Não sabes?... O conselho se prepará...  
Os juizes... lá votam-me ao supplicio!..  
Depois um grande vulto, horrendo e fero,  
Appareceu-me!.. sabes?... era elle!..  
Depois disse: Partamos, estás salva....  
Partimos.... e depois abrio-se a porta  
Da fortaleza... Alli, meu Deus, que vejo?!  
Um velho... que cerrou-me nos seus braços!  
Chamava-se meu Pai!... foi solto e livre...  
Então as portas todas se trancaram....  
Eu não sahi, fiquei.... diante d'elle!....  
Depois uma vertigem.... quasi morro!..  
Então...

(Tremendo.)

Abre-se o inferno, sahe o monstro!..  
Dirige-se p'ra mim!...

(Com dolorosa exclamação.)

Estou perdida!....

FARO

Que escuto, grande Deus?... Mas elle, elle,  
Elle, disc, quem era?...

ARGENTINA.

Não conheces?..

Era o genio satânico que um dia  
A mão de Deus erguêra dos abysmos!..  
Dobre, pe vido e crú... Sim, era elle!...

FARO.

Algum fero hó, uandez?... algum sicario?...

ARGENTINA.

Vendeu a patria co, mo o renegado!

Vendeu o braço como o mercenario!  
Vendeu a honra como o assassino!..

FARO.

Tremo... tremo de ouvir-te!.. Acaba, acaba....

ARGENTINA.

De irmão tornou-se barbaro inimigo!..  
De pai que fôra fez-se meu carrasco!  
Tomou-me a mão do abysmo da miseria  
Para atirar-me ao abysmo da deshonra!..

FARO, *com explosão.*

Infame!...

AMBOS.

Calabar!!!...

(Calabar apparece.)

ARGENTINA, *vendo-o.*

Meu Deus!...

(Corre a abraçar-se com a Cruz.)

FARO.

He elle!!!...

SCENA VII.

Os Ditos, e Calabar. Dirigindo-se este á Argentina, Faro a-  
dianta-se e interpõe-se. Pausa de muda e acerba contempla-  
ção.

FARO, *accentuando.*

Calabar!!!.. Calabar!!!...

CALABAR, *á parte.*

Oh! importuno!..



FARO.

Encontrei-te, por fim!... Eis-nos agora  
Frente á frente!... Que dizes deste encontro?...

CALABAR.

Que seja breve. Tenho nesta hora  
Deveres a cumprir.

FARO.

Tu, renegado?!  
Tu fallas de deveres?! tu, relapso?!  
Tu tens outro dever alem do crime?!..

CALABAR.

Que dizes, insensato?.. Não receias?..  
Não tremes ante mim?...

FARO, *com amarga ironia.*

Oh!.. he verdade...  
He preciso curvar-me ás vossas ordens...  
Prostrar-me aos vossos pés como um vassallo...  
Tremar ao vosso olhar como um captivo!..  
Nem he de se estranhar. O vicio ufano  
Põe muita vez o pé sobre a virtude!..  
Fallai, Senhor, fallai... que humildemente  
Irei executar vossos mandatos.  
Como escravo que sou, basta que eu veja  
Que se confrange o vosso sobreceño,  
Para medir a sorte que me espera!..  
Perdão... perdão... serei obediente.  
Quereis que eu me retire do combate  
A que me liga um santo juramento?...  
Quereis que eu me apresente aos inimigos,  
E lhes proporcione aquelles meios  
Que podem conduzi-los á victoria?...  
Quereis que eu venda a patria á peso de ouro,

Sem me ferir a macula de infame?...  
Fallai, fallai... Serei obediente.

CALABAR.

Em outra occasião he bem possivel  
Que eu possa ouvir-vos...Hoje tenho pressa...  
(Querendo dirigir-se á Argentina.)  
He preciso leva-la....

FARO, *com força.*

Nunca!.. nunca!..

CALABAR.

Ainda, temerario?....

FARO.

Sempre! sempre!...  
Não comprehendes tu que não se perde  
A fortuna de ver-te e de encontrar-te?..  
Não sabes que por ella, sim, por ella,  
Por mim tambem, por tudo quanto existe,  
Por tudo quanto diz —amor e patria —  
Eu não posso deixar-te sem vingar-me?..

(Com intenção.)

Não sabes que uma espada, que me derão,  
Ainda não banhou-se em sangue imigo,  
Nem um só palmo conquistou de terra?..  
Não sabes que he mister desembainhá-la  
Para tingir-se agora no teu sangue?...  
Esqueceste-te já, oh! não te lembras,  
Que, apertando-te as mãos da despedida,  
Eu fallei-te uma vez co' estas palavras;  
Guerra, guerra de morte?!...

CALABAR.

Aos hollandezes!

Então disseste.



FARO.

Sim; e nesta hora  
Cumpro o que disse: guerra aos hollandezes!  
Tu, mercenario vil, que és seu soldado,  
Por elles me darás o sangue, a vida!..

CALABAR, *com calma, e intenção.*

Pensa, pensa melhor no que me dises...  
Eu nunca procurei beber teu sangue...  
Engano-me... Talvez... Quero diser-te:  
Eu não procuro mais beber teu sangue...  
Eu não procuro mais eortár-te a vida!..

FARO.

Entendo, Calabar!.. eu bem te entendo!...  
O tigre, quando dilacera a presa,  
Quasi deixa um instante de ser féra.

[Mudando de tom.]

E tu, alem de tigre, és traíçoero!  
E's um cobarde, sim, és um cobarde!..  
Eu sei que essas conquistas que tens feito,  
Ou que por ti hão feito os hollandezes,  
São obras da traição, da falsidade,  
De ardis que a tua mente te suggere,  
Fiado em conheceres nossos planos  
Quando para os Flamengos desertaste,  
Fiado em conheceres os logares,  
A posição, e os lados vulneraveis  
Do exercito dos lusos. Que conquistas!  
Eu sei que essas victorias decantadas,  
Que os teus procuram sempre com cuidado  
Preconisar e erguer na voz da fama,  
Não passam de triumphos vergonhosos,  
De feitos sem valor, sem honra e lustre,  
Só filhos da perfidia, Que victorias!..

CALABAR.

Por isso queres tu perfidamente  
Embaraçar-me os passos impedindo  
Que eu siga o meu caminho?.. Louco intento!  
Vamos, Senhora...

FARO.

Tenho decidido  
Fazer o que já disse, Que direito  
Podes ter sobre ella?..

CALABAR.

Igual direito  
Ao que, si me aprouver, neste momento  
Posso ter sobre ti.

FARO.

O de conquista?!..  
Accito, Calabar. Porem, primeiro,  
Terás esse direito pela força.  
Não foi assim que te apossaste della?..  
Não foi assim, verdugo da innocencia,  
Que tu lhe conquistaste o que no mundo  
Pode ter a mulher de mais sagrado,  
A honra?!..

CALABAR.

A honra?.. Cala-te...

[A' Argentina, com ar reprehensivo.]

Senhora?!

ARGENTINA, *distrahida, e com candura*

Estou resando... aqui... aos pés do lenho  
Do Salvador...



FARO, *com sentimento*

Perdida! desvairada!..  
Não ves, infame?!

[Em tom supplicante.]

Dá-lhe, si puderes,  
Dá-lhe a honra e a rasão, que lhe roubaste!..  
Por essa cruz que serve-lhe de amparo,  
Com que ella se abraça, por tua alma,  
Por tua mãe, por seu repouso eterno,  
Dá-lhe...

[Apontando para Argentina.]

Dá-lhe o porvir, a f'licidade,  
A f'licidade minha, de nós ambos...

[Pequena pausa.]

Sonho, sonho de amor que me fugiste,  
Realidade atroz que me appareces!!

[Mudando de tom.]

Irrevogavelmente — a morte, a morte!!..

[Tira duas pistolas do cinto.]

CALABAR.

Debalde... Eu não preciso do teu sangue.

FARO, *rancorosamente.*

Eu preciso do teu!!..

CALABAR, *á parte.*

Fatalidade!

E a minha gente espera-me anciósa...  
E crescem os perigos, e não sabem...

FARO.

Dispõe-te, Calabar!

(Offerecendo-lhe as pistolas.)

A minha espada.

Não acharia a tua...

CALABAR.

Não a trouxe...

E, como vês, uma arma de covardé...

FARO.

Servirá de matar outro covarde!..

CALABAR.

Insistes, imprudente?..

FARO.

He o destino...

CALABAR.

O teu?..

FARO.

O nosso!..

CALABAR.

O meu não está completo...

Si he necessario, digo-te: nest' hora  
Eu já devera estar co'os meus soldados,  
Que estão ameaçados de um assalto!..

FARO, *com segurança.*

Nesta hora hão-de todos ter cahido  
Sob o nosso poder!  
[Ouvem-se tiros. Movimento de Argentina.]

CALABAR, *espantado.*

Que estrondo he este?!



FARO.

São homens que se batem:.. Esta hora  
Foi marcada por Deus para os conflictos!!

[Os tiros augmentam.]

CALABAR, *desorientado.*

Será?.. serà?.. traição?!

FARO.

Uma por outras!..

Sê tu leal; o exemplo te compete!..

(Offerece-lhe de novo as pistolas.)

CALABAR.

Jamais! . jamais!..

[Espalha-se um grande clarão pelo fundo da scena.]

Compete-me salva-los!..

[Querendo partir.]

FARO, *apontando-lhe uma pistola.*

Nem um passo!..

[Calabar estaca, rangendo os dentes. Ouve-se uma grande descarga.]

ARGENTINA, *do alto da escadaria*

Estourou a tempestade!..

Relampagos! trovões! a terra treme!..

CALABAR, *arrebata a pistola.*

Dá-m'a! dá-m'a!...

ARGENTINA, *correndo para os dous.*

Por Deus, por Deus, suspende!..

FARO.

Retira-te, Argentina!.. He impossivel!..

(Os dous postam-se na devida distancia)

ARGENTINA, *correndo a scena.*

Soccorrei!.. Soccorrei!.. Vinde. . depressa!..

VOZES, *de dentro.*

Morra o Flamengo! Viva o Lusitano!..

[Calabar dispára; Faro cahe, chegando tambem a disparar a pistola.]

### SCENA VIII.

Os Ditos, Jaguarari, à frente da sua tribu, Soldados lusitanos, e Povo. Calabar he aprisionado pela tribu. A scena fica toda illuminada. A lua tem subido acima do arvoredo. Argentina, chegando-se a Faro morto, dá uma grande gargalhada, e sobe ao alto da escada da cruz.

JAGUARARI, *correndo.*

Gloria!.. gloria!..

(A Calabar preso)

Cahiste, finalmente!..

[Vendo Faro morto]

Morto!.. morto!.. por quem?..

[Aponta para Calabar]

E minha filha?..

[Calabar aponta para Argentina]

Argentina!.. Argentina!..

[Argentina dá uma gargalhada]

Minha filha?!..

Que escuto, grande Deus!.. Ella está louca!..

[Indo, com os braços abertos, a subir os degrãos]



ARGENTINA, *detendo-o, com mysterio.*

Silencio!.. Ajoelhai-vos!..

[Jaguarari ajoelha-se machinalmente. Argentina com uma mão sobre a cabeça do pai, aponta com a outra para a cruz]

Todos.

A' fogueira!..

[Calabar, fazendo um ultimo esforço para soltar-se, recua horrorisado.]

*Fim do acto quarto.*



## ACTO 5.

Carece. No fundo um portão, e, superiormente, tres aberturas ovaes engradadas de ferro. Em meio da scena um pilar, e ao pé um tamborête baixo. Calabar algemado apparece deitado sobre umas palhas.

---

### SCENA I.

CALABAR, só. DÃO DEZ HORAS.

CALABAR, *soerguendo-se.*

Ainda não!... Só falta-me uma hora!...  
E como corre o tempo!.. subitâneo,  
Como a luz do relampago!.. Veloce,  
Mesmo quando he contado como eu conto,  
Minuto por minuto!..... E o que he a vida?...  
Minuto na extensão da eternidade.....  
Relampago fugaz, que brilha e morre  
Entre os roucos rugidos da tormenta!....

(Pequena pausa.)

Só resta-me uma hora!... Tanto tempo  
De paz e de ventura sobre a terra  
Não teve Calabar!... Nascido apenas,  
Fui atirado ao seio da indignacia  
Para provar-lhe o fel gôta por gôta!...  
Meus prazeres da infancia, foram sonhos...



Vi-os quando, alta noute, freclinado  
 Nos troncos da floresta, a minha mente  
 Phantasiava um berço sobre a relva  
 De minha pobre mãe acompanhado...  
 Eu me sorria ás vezes ao seu pranto,  
 Que em bagas sobre as faces me cahia;  
 Ella dava-me um osculo piedoso,  
 E, talvez ja prevendo o meu futuro,  
 Gemia e soluçava!.... A juventude  
 Não me apontou mais lèda!... Ao começa-la,  
 Veio logo da morte a fouce horrenda  
 Sobre essa infeliz mãe!... Entrei de lucto  
 Aonde os outros entrão adornados  
 De galas!.. no jardim da mocidade  
 Sentei-me triste á sombra de cyprestes,  
 Vendo os outros colher jasmins e rosas!...  
 Criei-me desta sorte... entre amarguras!  
 Mirando o rosto esqualido da fome,  
 Vendo o dèdo cruel que me apontava  
 A còr que eu tinha, como recordando  
 A còr do meu destino... Que sentença!...

(Ergue-se.)

Não ha logar no mundo p'ra o mulato  
 Alem do que lhe aponta o captiveiro?!...  
 Era grande a injustiça... revoltei-me!  
 Quiz tambem ser participe dos gosos  
 No opiparo banquete da existencia...  
 Cabeça e braço foram instrumentos,  
 Que em toda a lucta sempre me serviram;  
 Cabeça e braço derão-me a victoria!....  
 Cahi, por fim.... Porem o que he que importa?  
 Eu devêra cahir, agora ou logo,  
 Ou hoje ou amanha, ou cedo ou tarde....  
 He do homem cahir ante o destino;  
 Cumpriu-se o meu....

[Mudando subitamente de tom.]

Cumprio-se?... quem o disse?...

(Dando dous passos.)

Quem disse que eu devêra retirar-me

Das scenas deste mundo?..

(Ouve-se o rufo de tambores.)

UMÁ VOZ, de dentro.

—Eis a sentença

Imposta a Calabar ante o conselho:  
 « Mathias d'Albuquerque, por direito  
 Que lhe confere El-Rei, ha resolvido:  
 Hoje, quando soarem onze horas,  
 Seja o reo condusido ao cadafalso,  
 Por traidor e revel; sua cabeça  
 Será pelo carrasco decepada  
 Perante a multidão; em continente  
 Ha-de ser o seu corpo esquartejado,  
 E após na praça dentro da fogueira  
 A' cinsas redusido. » Está assignada.—

CALABAR, mordendo os ferros.

Subir ao cadafalso!... Miseraveis!..  
 Que eu não possa quebrar estas algemas!..  
 Que eu não levante o braço um só momento!..  
 Que eu não encontre um ferro neste carcer!..  
 Iria esmigalha-los nessa praça,  
 As turbas e o carrasco! De um só golpe,  
 Derrubaria a machina de morte,  
 Que para mim houveram levantado!!...

(Pausa.)

Mathias d'Albuquerque e os seus sequazes  
 Applaudem com praser o meu supplicio,  
 Como espectac'lo digno de ser visto!!...  
 La vem a multidão apressurada,  
 Confusa e curiosa, á procurar-me!..  
 O sacrificio he bello, he magestoso!..  
 Correm todos a ver como o cutélo  
 Sobre a victima cahe; como decepa  
 Uma cabeça humana; como róla  
 Pelos tintos degraós do cadafalso!....  
 Então alguns sorriem de contentes;



Outros, mais compassivos, se retiram  
P'ra contarem aos filhos uma historia,  
Que acaba n'um exemplo sanguinoso!....

(Exclamando.)

Homens, que me enxotastes atrevidos  
Da lauta mesa, em que vos assentaveis;  
Mulheres, que zombastes do mulato,  
Porque ousou mostrar-vos a sua alma  
Em extasis de amor; séde malditos!!..

(Pausa.)

Estou cansado ja de tanta lida...  
Morrer, sim, he melhor. Que val o mundo?..  
Quem não provou nenhum dos seus praseres,  
Não pode ter saúdade dos seus males....  
Ella... tambem... parece-me que he morta....

[Com amargura.]

Morta!.. morta Argentina!... Desgraçado!..  
Que idea, Calabar, que idea horrivel  
Vem perseguir-te á beira do sepulchro?!..

[Com sentimento.]

N'outro tempo eu a vi, bella e formosa,  
Cheia de vida, rica de esperanças!...  
Quem disse que morreu?! Não he possivel.  
Perderem sua luz tam lindos olhos...  
Perderem sua côr tam rubros labios...  
Parar, emmudecer, e ficar fria,  
E não soltar um riso, uma palavra,  
E deitar-se depois n'um chão de vermes!..  
E p'ra sempre dormir!.. Oh! impossivel....  
Argentina não morre, não... A terra  
Não póde consumir tanta belleza!  
Ella vive!.. ella vive, eu bem o sinto....  
Vive para chorar a minha morte!..  
Vive para ajuntar as minhas cinzas!...

[Como cahindo em si.]

Miserrimo de mim!... He tudo um sonho....  
Talvez, soando a hora do supplicio,

A sua voz se ajunte ás outras vozes  
Em concerto infernal, para bradar-me:  
Maldição! Maldição!...

[Cabe no tamborete.]

**SCENA II.**

Calabar, e Jaguarari. Este, entrando, pára em distancia, e  
depois dirige-se a Calabar para tirar-lhe as algemas.

CALABAR, levantando-se,

Soou a hora?..

JAGUARARI.

Ainda não.

CALABAR.

Que queres?.. O que fazes?..

JAGUARARI, solta-o.

Ignoras, Calabar, que me incumbiram  
De ser teu carcereiro?.. Fui eu mesmo  
Que impetrei tal favor, e consegui-o.  
P'ra isto dirige-me em continente  
Ao General, disendo: A minha tribu  
Foi, Senhor, quem prendeu o criminoso;  
Agora a mim compete vigia-lo,  
Guardá-lo até á morte!..

CALABAR.

Eu comprehendo!  
Ninguem mais do que tu deve querê-la;  
Não quiseste fiar a minha guarda  
Senão de ti!. Percebo: és justiceiro...

JAGUARARI.

Sou grato, Calabar...



CALABAR, *amargamente.*

Vens exprobrar-me  
Quantos crimes eu tenho commettido?!

JAGUARARI.

Venho tirar-te os ferros, e livrar-te!.

CALABAR.

O que?.. Jaguarari?!..

JAGUARARI.

Graça por graça.  
Não foste tu, que um dia, conquistando  
A fortaleza, em que eu estava preso,  
Disseste-me: Estás livre?—he o que eu faço:  
Co'a liberdade pago a liberdade.

CALABAR, *abraçando-o com força.*

Jaguarari!..

JAGUARARI.

Não tens que agradecer-me...  
Nem supponhas que eu faço deste modo,  
Porque deseje ver-te novamente  
Alistado nas filas lusitanas.  
He que os guerreiros, matam-se na guerra;  
A morte do patib'lo he p'ra os sicarios!..

CALABAR, *apertando-lhe as mãos.*

Indigena!.. soubeste doutrinar-me!..  
Agora ouve tambem. O que disseste,  
Quando eu offereci-te a liberdade?  
Pediste-me uma ordem que não tinha...  
Eu tambem quero ver a que me trases.

JAGUARARI.

Que dises, Calabar?., que me respondes?..

CALABAR

Aquillo que tambem me respondeste.  
Não he melhor que diga todo aquelle  
Que tal souber= o indio e o mulato  
Não ficaram devendo cousa alguma?!

(Como em segredo)

Sabes tu quem eu sou? Sabes, guerreiro,  
A quem vieste dar a liberdade?..

JAGUARARI.

Não és tu Calabar?..

CALABAR.

Oh! não prosigas...  
Quanto horror, quanto mal diz esse nome  
Eu já pareço ler no teu semblante!..  
E és tu que vens livrar-me do supplicio?..  
E's tu, pai de Argentina?..

JAGUARARI, *dolorosamente.*

Que proferes?..  
Minha filha, oh! não falles, não, não falles!..  
Mesquinha e infortunada, neste instante  
Ou ri ou chora, ou canta ou se lamenta!..  
Privada da rasão, poucos momentos  
Abre os olhos á luz, para fallar-me...  
Então me diz; meu Pai, meu Pai, valei-me!..  
Está meu coração vertendo sangue!..  
Um fogo horrivel queima me a cabeça!  
Tenho febre de morte!..—E desfallece...  
[Limpaudo as lagrimas]

Outras vezes, pergunta: Onde está elle?..



Fugio? fugio? morreu?.. E de repente  
Desata uma estrondosa gargalhada,  
Que vem me retumbar no fundo d'alma!..

CALABAR, *commovido.*

Depois?..

JAGUARARI.

Nada me diz... nada lhe entendo...

[Como despertando]

Porem... já me esquecia... minha filha  
Ficou em meu logar na fortaleza...  
Até que eu a deixasse, nada tinha...  
Tu, si la não ficaste, pelo menos  
Deves saber de tudo que passou-se...  
Si poudeser o golpe inesperado  
De outra vez separar-se dos meus braços!..  
Depressa, Calabar, dise-me, conta...

CALABAR.

Ella veio comigo, e só comigo,  
Que eu de outrem não queria confia-la.

JAGUARARI.

Então, o que causou-lhe essa loucura?  
Calabar, Calabar, dise o que sabes...  
Por favor, meu amigo...

CALABAR, *á parte.*

Seu amigo!...  
Oh! torturas horriveis, que me apertam  
Os seios d'alma, á voz do meu delicto!...

(Alto, com resolução.)

Vais ver, Jaguarari, como ha perdido  
Tua filha a rasão. Não te apavores.  
Antes porem eu devo referir-te

O que dispoz-lhe o mal, ou deu-lhe origem.  
Esperarei assim que chegue a hora  
Da minha execução!.. É só por isto  
He que eu tenho esperado; e só por isto  
He que eu, com estas mãos, não hei poupado  
A'sturbas o espectaculo da morte!...  
Não. Subirei tranquillo o cadafalso...  
Tranquillo?.. inda não sei; ella he que sabe...  
Escuta-me. Na noute, em que a perfidia,  
Ou a crueza barbara dos lusos  
Votou-te ao carcer, quasi desesp'rada  
Foi Argentina até ás nossas tendas  
Em procura do pai, que lhe disseram  
Haver morrido. Então nos meus joelhos  
Eu a vi prosternada; e, como ainda  
Ignorassemos todos teu destino,  
Levei-a á minha casa, onde por mezes  
Ella viveu isempta de perigos.  
Dei-lhe pão e vestidos; dei-lhe tudo  
Qual tu, Jaguarari, houveras dado....

(Pausa)

JAGUARARI.

Prosegue, Calabar... Acaba, acaba...

CALABAR, *com emoção.*

Somente mais que tu dei-lhe um affecto,  
Que o coração de um pai não tem p'ra dá-lo:  
Amei-a!...

JAGUARARI, *attonito.*

Calabar!!

CALABAR.

Não disse tudo.

Argentina inspirou-me um sentimento



Igual á adoração; sim adorei-a!  
Imagem tão formosa, nos altares  
He só que eu tinha visto!.. Dei-lhe um culto  
Igual ao que se vota á Divindade!..

JAGUARARI, *com afflicção*

Não sei que pense... Calabar, prosegue...

CALABAR.

Eu sei, Jaguarari, que te parece  
Loucura o amor que digo haver sentido;  
Porem desta loucura quem se isempta?  
Quem vive sem amar?.. Nem o mulato!..

JAGUARARI.

E minha filha, dise, e minha filha?..

CALABAR.

Havia dado o coração a outro!

JAGUARARI.

Depois?.. depois?..

CALABAR.

Por elle abandonou-me!..

JAGUARARI.

Que escuto? Oh! ceos, eu tremo!

CALABAR.

Abandonou-me!  
E eu jamais lhe disse uma palavra  
Do meu amor, senão na hora extrema  
Em que vim a saber dos seus projectos!..

JAGUARARI.

Depois?..

CALABAR.

Fui procurar os hollandezes!..  
Foi nesse dia, sim, foi nesse dia  
Que Calabar, o transfuga, passou-se  
A defender a causa dos Flammengos!..  
Elle era portuguez; tens entendido?..

JAGUARARI.

Será possível?.. tu?.. Oh! desgraçado!..  
Entendo, Calabar.. e te lamento!.,  
Elle era portuguez; e os portuguezes  
Fui eu a sustentar co'a minha tribu!..  
Do portuguez tomei um nome novo;  
Simão Soares—chamam-me!.. De resto,  
A san religião dos velhos indios,  
Dos meus avós, troquei por suas crenças!..  
Restava-me uma filha!.. E esse infame...

CALABAR.

Não logrou completar os seus desejos.  
Quando fugia ao lado de Argentina,  
Foi assaltado em meio do caminho  
Por um Flammengo...

JAGUARARI.

Então?..

CALABAR.

Foi capturada  
Tua filha, e levada ante a presença  
Do general Van-Scopp; ah! á morte  
Foi ella condemnada...



JAGUARARI.

Minha filha!..

CALABAR.

Ficou salva por mim; comprei-lhe a vida  
A' peso de dinheiro!.. resgatei-a.

JAGUARARI.

Calabar, meu amigo, eu te agradeço...

(Com pena e singeleza)

E foi por isto que ella amesquinhou-se,  
Que perdeu a rasão?.. Oh! dise, dise...

CALABAR.

Por isto, não... Um caso estranho, horrivel!..

JAGUARARI.

Meu Deus!.. meu Deus!..

CALABAR.

A mente já lhe errava,  
Quando vio a seus pés o amante morto!..

JAGUARARI.

Morto!.. morto por quem?..

CALABAR.

Foi justamente  
O que disseste ao ve-lo... Por mim mesmo.  
Era Faro...

JAGUARARI.

Que dises?.. Era Faro?..

Porem... minha Argentina?.. Por piedade:  
Minha filha infeliz?.. Acaba, acaba...

CALABAR:

Na hora em que deixaste a fortaleza  
Travou-lhe dos sentidos um deliquio;  
Então, aproveitando-se do ensejo,  
Um homem, que alli stava, deshonrou-a!..

JAGUARARI, *fulminado*,

Deshonrada!.. perdida!..

(Mudando de tom)

Não, não creio..;

(Querendo rir-se)

He cruel zombaria... não devêras  
Zombar assim de um pai...

(Pequena pausa. Leva uma mão à cabeça, e a outra ao peito)

Oh! infamada!..

(Com explosão)

Mas la... ninguem estava... bem me lembro...  
Apenas, sim... apenas era um homem...  
Esse homem... eras tu!..

CALABAR, *com angustia*.

Sim, fui eu mesmo!..

JAGUARARI, *indo a investir sobre Calabar*.

Infame!.. vais morrer!..

(Neste instante ouve-se a voz, que repete a sentença. Apparece um Padre, Jaguarari, vendo-o, pára e escuta. Finda a sentença, Calabar cahe no tamborête.)

JAGUARARI.

Ahi tens o confessor... Eu me retiro...  
Alcança a absolvição para a tua alma..

(Sahe)



## SCENA III.

CALABAR, e o PADRE. PAUSA.

O PADRE, *aproximando-se.*

Eis-me aqui, Calabar.. Eu nunca falto.  
 Nem deves recear minha presença,  
 Quando he força que deixes para sempre  
 A presença dos homens. Eia! escuta.  
 Vai findar para ti a vida humana...  
 Essas prisões da carne, essas cadeias  
 Do barro, vão solver-se e dissipar-se,  
 Bem como o fumo n'amplidão do espaço.  
 Então, alem do corpo, que o cutelo  
 Faz tombar sobre o chão, resiste á morte  
 O espirito subtil, que aos ares sobe  
 Para aninhar-se aos pés da Divindade.  
 Tens meditado nisto?.. Oh! sim, medita.  
 Ha, meu filho, no lapso da existencia  
 Dous principios oppostos que se batem,  
 O bem, e o mal: segundo os nossos actos  
 São moldados por este ou por aquelle,  
 Ha tambem nessa vida de alem-tum'lo  
 As penas e o perdão p'r' as nossas almas.  
 Sofre as penas—o reprobado, o damnoso,  
 O inimigo atroz da humanidade,  
 O impio finalmente, que rejeita  
 A lei de Deus, tornando-se precito:  
 Logra o perdão, porem, o desditoso.  
 Que havendo feito a Deus graves offensas,  
 Conhece-as, arrepende-se, prostrado  
 Diante do Senhor na hora extrema.  
 Aqui me tens, meu filho.

CALABAR, *erguendo-se.*

Padre, Padre,  
 O que me queres tu? Donde vieste?..  
 Quem te pediu palavras e conselhos?..  
 Quem te mandou fallar-me neste carcer?

O PADRE, *em tom solemne.*

Quem, ao marcar, no livro do destino,  
 A hora da viagem derradeira,  
 Mandou que o nosso espirito lavasse  
 O lodo impuro e vil dos seus peccados!..  
 Deus, elevado alem do firmamento,  
 Tendo a seus pés as nuvens e as estrellas,  
 Sustendo em sua mão todo o universo,  
 He caridoso pai, que não se esqueça  
 De visitar seus filhos sobre a terra.  
 Não crês, não te recordas do que digo?..  
 O Rei dos reis, descendo do seu solio,  
 Que, imaginado apenas, nos deslumbra,  
 Veio outr'ora nascer sobre um presepe,  
 Para legar aos homens um exemplo  
 De humildade e de amor; para dictar-nos  
 A lei da graça á voz da caridade,  
 E redimir assim o mundo inteiro!  
 Que pensas, Calabar?.. A lei de Christo  
 Toma o homem nos braços desde o berço  
 Até acompanha-lo á sepultura!  
 Quem quer que seja, o rei, ou o vassallo,  
 O rico, ou o pobre, o sabio, ou o ignorante,  
 Todos, todos procuram sua benção  
 P'r' a vida e para a morte! E tu perguntas  
 Quem mandou-me a fallar-te neste carcer?..  
 He só no pago augusto dos monarchas  
 Que a voz de Deus se casa co'os suspiros  
 Do moribundo? não: da mesma sorte  
 Vai o proprio Senhor á humilde choça,  
 Ao leito miseravel do indigente,  
 Do escravo, do infeliz, purifica-lo,  
 Para abrir-lhe os umbraes da vida eterna,  
 E dar-lhe eternamente a flicidade!  
 Então, porem, he força que o peccado  
 Procure a confissão... Na hora extrema  
 Arrepende-se val muitas virtudes!  
 Depois...



CALABAR.

Depois, a morte!...

(Pequena pausa)

Padre, Padre!..

Queres tentar-me, ou queres absolver-me?!..

O PADRE, *animando-se.*

Tentar-te, filho?! Que!.. assim tu fallas  
Ao ministro de Deus?..

(Com calma)

Não desesperes...

Em nome do Senhor, debes diser-me  
Quaes são teus crimes, quaes os teus peccados.

CALABAR.

Meus crimes e peccados?.. Não n'os tenho...

(Retrahindo-se)

Oh! que disse? esqueci-me... Sim, meus crimes  
São muitos e mui grandes... São terriveis!..  
Perjuro, seductor, ingrato, impio,  
Mercenario, revel, monstro dos monstros...

O PADRE, *atalhando.*

Confessa-os, Calabar...

CALABAR, *continuando.*

Genio das trevas!..

Assim ella chamou-me!.. Oh! Padre, Padre,  
Eu preciso de ti, sim, eu preciso  
De quem lhe vá diser: pobre Argentina,  
O teu cruel verdugo está sem mancha!..  
Confessou-se ante Deus, Deus perdoou-lhe!..  
Voltou de novo á patria e aos seus amigos;  
Voltou de novo ao seio da virtude

Co'a san Religião de Jesus Christo!..  
Perdôa-lhe tambem, victima innocua  
Do seu brutal amor!.. Dá-lhe um sorriso  
De venia e de piedade... Elle t'o pede!  
Elle he digno de ti... vai abraça-lo!  
Vai dar-lhe co'os teus olhos a esperança,  
Co'os teus labios a vida!..

(Mudando subitamente de tom)

A vida!.. a vida!..

A vida para mim!.. Oh! desgraçado!..

(Pequena pausa)

Padre, Padre, retira-te!..

O PADRE.

Não posso;

Não devo, Calabar: vim confessar-te...

CALABAR.

Tu não sabes ainda os meus delictos?  
Pretendes que os repita? O mundo inteiro  
Aponta para mim, disendo: vêde,  
Eis alli Calabar!.. Que mais tu queres?..

O PADRE.

Quero ouvir de ti mesmo os teus peccados;  
Que tu proprio me digas: absolvei-me!  
He esta a lei de Deus: ella consiste  
Em plantar a humildade em nossas almas  
Co'a franca exposição dos nossos erros!..  
Receias que os divulgue?.. Oh! impossivel.  
No tribunal da extrema penitencia  
O segredo he maior que o do sepulchro!  
O sacerdote guarda-o inviolavel,  
Occulto aos outros homens, mesmo quando  
Reservem-lhe o supplicio, ou dêem-lhe a morte.  
Attende, Calabar, ás minhas ~~vezes~~ vezes;



Quando fallo-te assim, quero somente  
A salvação eterna da tua alma.  
A penitencia lava as culpas todas;  
A absolvição conduz á flicidade!

CALABAR.

A flicidade?! Padre, que disseste?..  
A flicidade?! Que!.. Será possível?..

O PADRE.

Palavra do Senhor, verdade sancta!

CALABAR, *com aprasimento.*

Vê-la ainda uma vez!.. Sentir um raio  
Da luz dos olhos seus!.. Colher um riso  
Desses labios gentis!.. Cingi-la ao peito  
Em extasis de amor!.. Provar-lhe um beijo  
Em ancias de paixão!..

O PADRE, *atalhando.*

Oh! insensato!..  
Que pensamento avêso á flicidade  
Offusca-te a rasão?!.. Feliz na terra  
Não ha quem possa ser: de balde o pensas.  
(Pequena pausa)

CALABAR.

De balde!.. dises tu. Oh! Padre, Padre,  
E como me fallaste em flicidade?..  
Não sabes que p'ra mim só ella existe  
Onde existe Argentina?..

(Mudando de tom)

Oh! fado acerbo!..  
Devo sempre morrer?! Sentença horrivel!..  
E que valêra então que me absolvesses?

Quando Deus me perdoa, os homens fazem  
Que eu suba ao cadafalso?! Quando as vozes  
Do sacerdote querem absolver-me,  
As vozes do juiz vem condemnar-me?!..  
Quando perante os Ceos me regenero,  
Na terra heide soffrer a infamia e a morte?!..

(Com força)

Padre, Padre, retira-te!..

O PADRE.

Meu filho,

Erra o teu pensamento...

CALABAR, *atalhando.*

Padre, Padre,  
Retira-te, por Deus!.. Vai ver na praça  
O cutelo, a fogueira, o cadafalso!..

O PADRE.

Ajudai-me, Senhor!.. Filho!..

CALABAR, *idem.*

De balde.  
Se não me deixas, Padre, estou perdido  
De todo e para sempre!..

O PADRE, *com esperanza.*

Ainda vive!..  
Calabar, Calabar, a consciencial!..  
(Olha para o Ceo, e retira-se)



SCENA III.

CALABAR, E DEPOIS ARGENTINA.

CALABAR. *Pausa.*

A consciencia!...

(Mão no peito)

Falla-me bem alto!...

A flicidade, a vida!.. Que são ellas?..  
Palavras de ouro, sonhos encantados,  
Tudo vai, como eu vou, torpar-se em cinzas!..  
A morte não me pêsá, não; ha muito  
Eu a buscava em campos de batalhas  
Per meio de perigos!.. Só me pesa  
Não vê-la inda uma vez! não encara-la  
Com estes olhos já humidecidos  
Do gélo do sepulchro! não beija-la  
Com estes labios fervidos e ardentes  
Ao clarão da fogueira!.. Oh! sina horrenda!..

(Perturbando-se)

Morrer sem seu perdão!.. Morrer maldito,  
Maldito e abominado!.. Não, não quero.  
Quero diante della ajoelhar-me!..  
Banhar seus pés co' as aguas do meu pranto!..  
Pedir-lhe o meu perdão... por Jesus Christo!..  
Quero diser-lhe adeus, o adeus eterno!..

(Entra Argentina)

Ella?.. Ella!.. Argentina!...

ARGENTINA, *em desvairo.*

Não n'ó vejo!...

Fugio?.. fugio?.. não sei... e que me importa?..  
Eu já livre-me delle... estou tranquilla...  
Stou junto de meu pai... e que me importa?..

(Dando com Calabar)

Um homem!..

(Fitando a vista, e estremecendo)

Um cadaver!..

CALABAR, *no mesmo tom.*

Um cadaver!...

ARGENTINA, *aproximando-se.*

Esta voz!.. esta voz!..

CALABAR.

Não me conhece!..

Argentina!.. Argentina!..

ARGENTINA.

Quem me chama?..

CALABAR.

Calabar, Calabar...

(Argentina recua)

O condemnado!..

(Argentina dá uma gargalhada)

O riso, o riso ao pé do cadafalso!..  
A gargalhada sobre a sepultura!..  
Oh! sentença cruel mais do que todas!..

[Apertando-lhe as mãos]

Argentina, olha bem para o meu rosto!  
Encara-me, conhece-me...

ARGENTINA, *acriamente.*

Conheço!..

CALABAR.

Calabar!..



ARGENTINA, *apertando a fronte.*

Calabar!!!...

CALABAR.

Fatal momento!

[Pausa]

ARGENTINA, *examinando a scena.*

Num carcere... por fim!.. Será possível?...  
Preso... em ferros... punido... condemnado...  
Calabar!.. Oh! meu Deus, quanto sois justo!

[Com aprasimento]

Chegou emfim o dia... O vil carrasco  
Passa agora a ser victima!.. o cutelo  
Vai cabir-lhe tambem sobre a cabeça!..  
Chegou emfim o dia da justiça!..  
Maldição! maldição!..

CALABAR, *com angustia.*

Por Deus! suspende!..

Não me faças soffrer desde esta vida  
Os tratos que na outra já me esperam!..  
Argentina!.. Argentina!.. eu bem sabia  
Que no momento atroz do meu supplicio  
Tu devias assim apparecer-me!..  
Volvendo-te a rasão na hora infausta  
Da minha execução, eu bem conheço  
A Providencia, bem conheço o dêdo  
De Deus!.. Era mister que tu me visses  
Inda uma vez no mundo, p'ra bradar-me:  
Maldição! maldição!..

[Curvando-se]

Porem, piedade!..

Piedade, Senhora!..

[Deixa pender a cabeça]

ARGENTINA,

Que disseste?..

Piedade para ti?.. p'ra os teus delictos?..  
Inda ousas supplica-la?.. Tu, refece,  
Infame seductor, monstro execravel,  
Assassino da patria, algoz da honra,  
Invocas a piedade?.. Oh! nunca, nunca!

CALABAR, *pungentemente.*

Nunca!.. nunca!..

ARGENTINA, *com candura.*

Meus dias se passavam

Na placidez amena da innocencia;  
Meus sonhos de mulher, puros e castos,  
Pintavam-me o painel da f'licidade;  
O coração batia-me no peito  
Só movido por doces esperanças;  
Raiava-me o porvir bello e risonho  
Julgando ver meu pai e a patria livres;

(Com asedume)

O que fizeste tu?.. Não te recordas?..

CALABAR, *com ancia.*

Toldei co'o bato impuro dos meus feitos  
O brilho desse quadro, que esboçaste!  
Empanci-te o porvir, tingi-lhe as cores  
Da negra côr de um crime abominavel!  
O coração, cortei-t'o em mil pedaços,  
Cortando em flôr as tuas esperanças!..  
Teus sonhos de mulher, puros e castos,  
Mudei n'um longo e ferreo pesadelo,  
Qual nunca foi o somno do jazigo!..  
Teus dias de innocencia, ennegreci-os,  
Tornei-os para sempre em noute escura,  
Em trevas sepulchraes!.. Porem, piedade!..  
Piedade, Argentina!..



ARGENTINA.

Nunca, nunca!..

CALABAR.

Nunca!.. nunca!.. repetes?.. Argentina!..  
 E não foi Calabar quem amparou-te  
 Quando houveste teu pai por fallecido?  
 Quando só neste mundo, sem recursos,  
 Cercada dos perigos da belleza,  
 Vagavas sem destino entre os soldados,  
 Sujeta á sua atroz ferocidade?  
 E não foi Calabar quem, compassivo,  
 Prometteu defender-te á todo transe?..  
 Não foi por ti, emfim, que elle, insensato!,  
 Manchou sua memoria e sua fama,  
 Passando para as hostes hollandezas?..  
 (Movimento de Argentina)

Duvidas, Argentina?.. Oh! tu não sabes  
 O que he sentir amor como eu sentia!..  
 Tu não sabes, mulher, a quanto obriga  
 A paixão que corróe as fibras d'alma!..  
 Tu não sabes, emfim, quanto o ciúme  
 Rala, dóe, espesinha, e dilacera!..  
 (Pungentemente)

Por esse amor fatal, que deshonrou-nos,  
 Por essa dôr dos zelos insoffrivel,  
 Por tudo quanto eu tenho padecido,  
 Argentina, Argentina, uma palavra,  
 Uma palavra só!..

(Neste instante repete-se pela 3.<sup>a</sup> vez a sentença.)  
 Ouves, ouves?.. A cinzas redusido!  
 O patib'lo e a fogueira!.. a ignominia!..  
 A morte!.. a morte!.. Ouviste? que mais queres?  
 Dentro em pouco verás minha cabeça  
 Envolta em pó aos pontapés das turbas!  
 Das mãos do algoz erguendo-se, o cutelo

Verás tincto em meu sangue! Não contente,  
 Has-de ver-me, no chão,—esquartejado!..  
 Depois.. rompem as chammas da fogueira!  
 Então, vendo voarem minhas cinzas,  
 Ainda bradarás, como bradaste:  
 Maldição?! maldição?!..

(Ouve-se o toque funebre de sinos)

Ouves? A hora!..

Chegou a hora, e tu não me perdoas!..  
 He castigo dos ceos!..

(Desorientado)

Oh! Padre, Padre,

Rejeitei teu perdão!.. estou punido!..  
 Quantas penas, meu Deus!..

(Começa-se a enxergar um clarão pelas grades do fundo)

Vês, Argentina?..

He o clarão ardente da fogueira!..

## SCENA IV.

Os Ditos, Jaguarari, e o Padre. Estes dous entram por lados  
 oppostos, e páram ao mesmo tempo na alto da scena. Cala-  
 bar, tremulo, soluçando, vai a ajoelhar-se aos pés de Ar-  
 gentina.

CALABAR.

Argentina!.. Argentina!.. Uma palavra!..  
 Perdão!.. por tua mãe!.. por Jesus Christo!..

ARGENTINA, *com agonia.*

Poude elle perdoar-te?!..

O PADRE, *adiantando-se.*

Sim!

JAGUARARI, *idem, a Argentina.*

Perdoa..



ARGENTILA, *cahindo nos braços de Jaguarari.*

Meu Pai!.. meu Pai!..

JAGUARARI.

Tambem ja perdoei-lhe...

ARGENTINA, *arquejando.*

Perdôo-te, infeliz!.....

CALABAR, *erguendo-se.*

Oh! Padre, Padre!..

Agora... Deus!...

O PADRE, *solemnemente.*

Absolvo-te em seu nome!...

### SCENA V.

Abre-se a porta do fundo: a scena fica illuminada com o clarão que dahi se transmite. Dous officiaes da execução, o Carrasco, de cutelo ao hombro, em pé na porta, e os Ditos. Começão a soar 11 horas. Calabar girando em torno da scena, estaca diante de Argentina.

CALABAR, *com saudade.*

Argentina! Argentina!.. Adeus, ó mundo!..

(Com enthusiasmo.)

Patria! Patria! conquista a liberdade!..

(Levantando os olhos, e com expressão contrita.)

Deus! Oh! Deus!.. recebei-me em vossos braços!..

(Os Officiaes seguram-no. Argentina atira-se nos braços de Jaguarari. Cahe o panno.)

*Fim do acto quinto, e do Drama.*



## JUIZO CRITICO

LIDO PERANTE

### O CONSERVATORIO DRAMATICO DA BAHIA.

*Senhores*

ESPIRITO, avido e inquieto, no correr de factos consummados, tenta irresistivelmente o limiar das sombras carregadas, e mysteriosas dos primeiros tempos, para encontrar o sopro de Deus sobre a creação informe, o principio ou a *ideia*. Subindo por fragas alcantiladas e escorregadias, não o intimida a duvida ou a incredulidade: abre as azas ao infinito, e, na orla longinqua e etherea, descobre o quer que é, que lhe acena com a luz, que promete-lhe a esperanza para reviver-lhe o destino.

O sacerdote sellou o primeiro tentamen com o granito do hypogeo; abi, luctando de balde, hade tombar desanimada a investigação. O poeta revelado dos gozos supremos do Olympo, cantou, n'uma linguagem transparente e orpheica, a primeira ode da creação: era, a um tempo, uma prece porque o anjo decahido derramava a lagrima primeira de arrependimento e de saudade por um paraizo de flores, de perfumes e



de amor, sonhado nas horas suavissimas do extase; era um hymno, cantado á tribu, ao pôr do sol, quando a baga de suor, descida no sulco, fertilisava-o, coroando o trabalho de loura seara.

A lyra commensal, entrelaçada com as grinaldas, que reverdeciam ao toque mellifluo das auras, não se calou com o derradeiro sussuro do festim; das cordas sempre afinadas, foge a nota que vibrou na palavra epica de Homero; e por admiravel affinidade ha ahi, a espaços, com que circumdar de immorredoura aureola a fronte inspirada do cantor de *Adífs*.

Alcancamos, ao depois, a dialectica construindo a escola; a hypothese vingá, naturalmentê, no terreno muito accidentado, amda, da sabedoria primitiva. O templo de Isis fecha as portas á indagação e ao exame. Do fundo do sanctuario, por entre as frestas, não hermeticas das lages vetustas, cõa um ruido de estranho timbre, que confrange e inteiriça o espirito do mais ousado, que tentou avisinhar-se. E' aquella mesma impressão, que sorprehende ao viajante, quando, ao longe, lhe affronta o Beduino a onda raivosa e convulsa das cata-ractas do Nilo.

Mas havia, no entanto, debaixo da palmeira oriental um pouco de sombra para abrigar ao que deliberasse assistir a aurora da impiedade, que ja vinha rompendo do mysterio. Ao cabo da primeira jornada podia-se descansar entre a duvida e a fê: começava o reinado do livre arbitrio. Do alto do Acropolo o divino Platão, coroado de louros virentes, divulgava ás idades vindouras o que diria Alcibiades no banquete de Socrates.

O ultimo cyclo è, porem, de estranha physionomia: exprime a realisação da promessa *novissima verba*, pregada por Moyses. Das cumiadas do Sinai amanhece a alva da redempção; Jerusalem sorri ás bençãos do Patriarcha. Do sangue do martyr brota a semente da era moderna. O Christo nivelando os homens pela crença e pelo perdão, permittio que o pensamento quebrasse o idolo de argilla, que o agrilhoava ao ro-

chedo de Prometheo: com este novo destino Psychê to mou-se mais livre, mais veloz, mais crente.

## II.

Tal è, em rapido e grosseiro esboço, o *como* do desenvolvimento humano diante da fê ou da rasão. Da intuição espontanea ou da revelação, limada da reflexão, desponta a infinita e progressiva cadeia da perfectibilidade. Mas não nos enganemos, Srns.: os troncos, os ramos carregados de mimosas flores e dourados fructos escondem as raizes nos seios da gleba; a seiva, que é a vida, vem-lhe da terra sobre que pizamos.

A intelligencia, livre de hoje, procede immediatamente da luz de hontem, que se afundou na morte. Na orbita de suas revoluções, um astro liga-se a outro astro por uma cadeia de attrações mutuas. Vede o Parthenon; como é admiravel o peristyllo! como é soberba a cupola! como é grandiosa a columnata que o rodeia!... Descamos agora ás sombrias abobadas do alicerce; ahi, no esquecimento das trevas, descansam os ossos dos que lhe levantaram as primeiras pedras.

Assim que, embora houvessemos prestado preito e culto ao progresso, confessemos-lo: o passado não é só a lição, como o principio, a chrysalida, necessarias, logicas, fataes do presente; o que somos devemos aos que foram. Esquece-lo, é mentir a consciencia do trabalho, qualquer que seja. Na ordem physica, e na ordem moral, não creio em gerações espontaneas; a divina scentelha do pensamento não salta do nada. O grito de reacção em favor da antiguidade, levantado dos meliores Institutos, arbitros do gosto e do ideal, hade produzir a verdadeira filiação dos acontecimentos, que, a despeito das injurias do tempo, o verbo humano revela.

A architectura, sepultada com os ultimos clarões do renascimento, surge mais ao nivel de seu genuino destino, com as primeiras invocações da propaganda. Nachar, Babylonia, Resen levantão-se, cobertas do po, que lhes afeia a descar-



nada feição, e vão responder a longa e tremenda inquirição que lhe hão de lançar os que, mutilando a historia, ainda nas trevas do berço, não creem na fé dos primeiros tempos. Daquella abençoada terra da Mesopotamia e da Chaldea hão de acordar os echos de idades immemoriaes, e o estranho vulto do Patriarcha repetirá, aos posteros, quem sabe? ségredos, sem conto, esquecidos nas agoas dormentes do velho Euphrates.

A imaginação, por mais de uma vez, desamparou a situação monotona e couvencional, em que vivia, e foi-se á esquecer por um ether mais puro e seductor. O certo é, que as fronteiras estheticas allongaram-se com a ousadia.

E' porque, apesar das criticas desenxabidas dos românticos, a côr, a inspiração da poesia moderna, reflectio-as o tecto em mosaico de Pompeia resuscitada. O cinzel de Canova, foram encontra-lo ás portas de Memphis, aos pés de um arabesco etrusco. E' porque o pincel, ainda não de todo castigado, da escola Florentina, pedio os mais vivos traços á imitação, feita no silencio das catacumbas latinas; as *virgens* de Raphael devem a graça suave, mystica, angelica do olhar, ao desenho profundamente lyrico de Praxiteles. E o relevo, sombrio e grave de Appius, romano como os Horacios, castigou o traço mal acabado e *fugitivo* na tela contemporanea de Paulo Delacroix. Ainda mais: Não bastava á certeza humana tudo quanto, a nossos olhos, se estadeia de real, de inconcusso. A lava e o crystal erão insufficientes testemunhos da sentença divina. A Biblia necessitava de um complemento: tentou-o a geognosia rompendo com os evos.

Foi então convinavel, na empresa, exhumar todos os seculos; revolve-los da base ao fastigio; transpor com desmesurado vôo pelo infinito espaço, onde so ha o ether; abdicar, durante a peregrinação, dos thesouros, que os tempos submissos, para o auxiliarem na traça projectada, ao encontro, lhe offertaram: o coral, o humus, fossil do masto-

donte; apanhar o primeiro grão de areia, que está quasi a cabir na ampulheta; contemplar, de surpresa, o supremo Archetypo, Eterno como a causa, entre o cahos e o Genesis, desenrolando a immensa concepção, que houvera, e a seus pes a luz, a côr, a forma e o amor n'um côro de excelsa harmonia, prévio hosanna da criação, que disponenta, como estas nuvens, recamadas de ouro e de azul, que se erguem, em sobre salto, pelas manhãs de verão, e dansam, como sylphos, aos castos beijos dos raios do sol.

## IV.

O theatro não podia esquivar-se a esta necessidade moral. Muitas vezes a scena, como os espelhos parabolicos de Archimedes, reflectindo a luz epica dos acontecimentos heroicos, illuminou de severa lição a alma das multidões. No torvelinho de paixões grosseiras e de interesses vulgares, em que tripudiam os homens contemporaneos, os grandes vultos da tragedia morrem logo ao nascedouro, abafados pelo halito frio do egoismo e da indiferença.

Tirai as pompas exageradas, com que se illude o fim moral; varrei do proscenio estas figuras illuminadas, meãs ou de morte côr, que, a todo o transe, procuram desenhar os costumes degenerados de uma sociedade de transição, e o que fica, é um esqueleto adornado com as galas artificiaes do momento, levantado nas praças publicas, para devorar o minuto, que é o sangue, a vida, o ouro, e que vae, fugaz, longe da argila, em que guardamos o affecto e a felicidade! Não era, porem, assim o theatro antigo. Onde jaz a chave de seus mais edificantes triumphos?

Inspirada da graça e da força da epopeia e da lyra dos Dorios, sempre afinada pela legenda nacional, a tragedia de Eschylo doura os mais pomposos feitos, elevando-os até o maravilhoso. Os personagens gerados com os fogos do genio, muito acima desta humanidade villã, que os applaudia, ti-



nam o quer que era de sobre-natural, que impunha, como nos Oraculos. Eram heroes; eram semi deuses; era a consubstanciação dos tres mais nobres sentimentos, que fasem palpar a um povo: o sentimento religioso, estampado nas festas publicas; o sentimento da dignidade nacional, cunhado nas principaes empresas bellicas, como um transumpto de triumphos patrios; o sentimento da piedade e do terror nas decisões do Destino, quando, em horas de tetrica memoria, fasia tombar a grandesa humana das cumiadas do poder ao chão pranteado da miseria.

Porque, nos tempos modernos, um homem só, poude apanhar o sceptro cahido das mãos tremulas e moribundas de Sophocles ?

E' que pesava sobre aquella grande fronte de Shakspeare a pressão desconsoladora das epochas devassas. Armado da missão providencial, o poeta, num paiz, ha pouco, entregue ás invasões do *livre-exame*, entre a discussão philosophica e o schisma religioso, e sem temer, como Voltaire, a vara *correcional* do Sr. Cardeal de Rohan, medio todo o despeinhadeiro, em que se precipitavam costumes e instituições; vio, trajado com as roupas ensanguentadas de *Stunley*, a inquisição e a feodalidade, — Isabel e Torquemada; e o immenso destino lusio-lhe um instante: era preciso, que, com a penua, remisse tambem a consciencia humana, que chorava de vergonha e de dó, por estes factos, pelos infelises protestantes mortos atrosmente em Paris.

## V.

A poesia pode assumir, ás vezes, uma missão social; mormente se a souberam derramar em uma nação que, adhesiva e una, fez das tradições nacionaes um legado de honra. A influencia *politica* de Shakspeare — não é, como disseram algures, uma *incognita*.

E' crível que o côro de velhos, mulheres e meninos, qu

em signal de alliança, prostram-se ante as aras e supplicam aos deuses pela vida e tranquillidade de seu rei; que a inesperada desgraça, que o assalta, após a volta de Creon, teriam sobre o espirito dos Gregos o imperio que houveram, se estes acontecimentos fossem contemporaneos do povo, que os applaudia ?

O author de Othelo sentio, que lhe era impossivel polir os costumes degenerados e melhorar as instituições, com a estampa dos proprios vicios dos seus contemporaneos. Na historia passada da realza, havia mais de uma verdade que a morte imprimira nos marmores dos mausoleos. Era apanhar a luz duvidosa, em relampago, que se devulgava por entre as sombras de Westminster, e o arminho real nodado de pó ou de sangue, traçaria, palpitando na scena, a fiel e legitima evolução de gerações, que, com seus erros ou glorias, de todo se extinguiram.

A distancia faz irrevogavel o juizo que a posteridade lavra sobre um homem ou uma ideia.

Ha em nossa organização um orgulho fatal, que nos arrasta a fechar os olhos diante do mal que praticamos, não vendo o bem que nos tornaria melhores. E' porque o exemplo, para ser proficuo, deve vir de longe.

E quem nos afiança que a humanidade teria alcançado a idade predestinada para fazer brotar dos tibios assomos do erro toda a plenitude do arrependimento ? E a regeneração seria tão facil, que, com as primeiras lagrimas vertidas da paixão ou do delicto, podessemos assentar sempre a piedade sobre o remorso, a virtude sobre a deshonra ?

Não cremos, pois, que das cinzas do incesto e da orgia rebentasse o mais puro sentimento da mulher: o amor materno, como em Lucrecia Borgia; não cremos que, vingasse sobre as turbas famintas de ruido, um pensamento social, sob a mascara covarde do sensualismo, como em Antony; não cre-



raos que o suicidio fosse jamais a virtude do desespero, como em Werther...

O que cremos, porem, è, que o povo teve uma nova tribuna, em dias mais felizes, quando um homem, cheio de seu immenso destino, deo-lhe: *Henrique IV*, *Lear* ou *Hamlet*.

## VI.

O *Calabar*, que acabastes de ouvir, è a realisação desta ideia, ha muito urgente, entre nós. E' a segunda tragedia, no genero historico nacional, que possui o nosso repertorio.

O seu illustrado author, como o Sr. Dr. Magalhães, vio na nossa imperfeita historia patria, factos de subido quilate, esquecidos em a narração singela e controversa, que lhe deram escriptores de ordinario suspeitos.

Pertence, consequentemente, á pleiada litteraria, que promove a edificação social com a veia fecunda haurida nas origens longinquas da historia. Os obreiros, que tentam a reforma, são vossos conhecidos: chamam-se Casimiro Delavigne, Ponsard, J. B. de Almeida Garrett. E a obra veio á lume, tão a tempo, que as primeiras vergontas promettam inexaurivel colheita; sabeis do valor plastico e esthetico do *Duquesclin*, da *Carlota Corday*, do *Frei Luiz de Souza*.

## VII.

Felizmente o author è demasiado conhecido para que vos descreva os mais frivantes caracteres de seus talentos.

E' verdade que na *Mathilde*, prévio e mal sazonado ensaio de uma produção de mais longo halito, que veria mais tarde, com o estudo, com a experiencia da scena—nem sempre a ideia syncretica do drama transluz uniforme, insuspeita e bem desenvolvida. No *Retrato do Rei*, a inspiração lyrica invade, as vezes, pela região mais calma e menos dramatica da philosophia d'arte de que o author se presa; o effeito torna-se dubio. No *Calabar*, Senhores, ao envez, a concepção, que houvera, do

heroe nasce, sustenta-se, termina sempre na mesma altura.

O metal correo no molde em um só tempo; o Pygmalião vio a estatua sair perfeita nos traços magestosos, que lhe dera, graciosa ou severa no relevo; ao depois, ao toque da phantasia, que faz mover-se o bronze, impassivel, ao que è logicamente do desenvolvimento ou da acção, que, ao impulso dos primeiros lances da poesia, tenta de ordinario ultrapassar ou desviar-se da arena imposta.

Assim que entendo que o Sr. Dr. Agrario foi feliz, quando esquivou-se no seu drama dos episodios ou anedotas, deste ou d'aquelle genero, que deturpam, mutilam o pensamento inicial, privando-o de correr placido e sempre identico por toda a composição.

Um destes episodios, muito em moda hoje, è tirado das querelas politicas. O grandioso vulto de *Calabar*, porem, não respira estas opiniões do dia, ephemerias como as circunstancias que as produzem, suspeitas e anachronicas na boca de um guerreiro selvagem em 1651.

Toda a vez que, em uma obra dramatica, o author prefere o sentimento proprio e individual ás leis geraes e immutaveis, que governam a humanidade, o theatro desce, de facto, do posto, que lhe pertence em frente da sociedade, e assume a responsabilidade de um novo instrumento da publicidade, talvez maior do que a tribuna politica, mas, por certo, muito inferior á imprensa. Então, è logico, a scena, convertida em desabafo de dissidencias quaesquer, não concorrera jamais á difficil tarefa de instruir e edificar com o exemplo insuspeito a consciencia dos povos.

A tunica de Cesar, ainda rubra de sangue, posta ao viso de conspiradores regicidas, cujos semblantes desmaiados pelo remorso, devem a previa punição do destino lançada contra Roma; o rei *Lear*, foragido por maninhos desertos, com os pés rasgados das sarças, com a cabeça enbranquecida, como



Saul, ouvindo hallucinado, em cada cair de folha, despegada pelo vento, uma maldição dos homens, em cada ruído longinquo da tempestade, que anceia, uma maldição de Deos; e a pobre costureira, que agonisa de vergonha e de miseria, sobre a enxerga, que lhe deo o trabalho, e apenas allumiada do clarão avermelhado, que sobre a infeliz projecta a candeia da indigencia; e o velho pai, que descança n'um tamboréte de pinho, entregando, com as mãos mirradas do proletario, o pedaço de pão, que supplicara á riqueza, á riqueza, que o esmagava com a ignominia; eis ahí episodios, profundamente dramaticos, que nos impressionarão, a todos, sem que sofram a minima objecção de tempo ou logar. Compreendemos facilmente, o que sentimos de veras; e o coração humano responderà sempre e absolutamente na mesma clave, se a impressão *sentida* vibrar na corda common a todas as organizações moraes. N'uma formula mais generica e abstracta, isto quer dizer a paixão que abafa a consciencia, ou a consciencia que illude a paixão.

## VIII.

Era em 1631. Hollanda e Castella tentavam, pela conquista, o dominio no Brasil. Do lado de Castella, jogavam alguns brasileiros de insuperavel valentia, d'entre os quaes notava-se Domingos Fernandes Calabar, mulato nascido em Alagoas, e o velho indio Jaguarary, chefe de uma das mais ousadas tribus americanas.

No dia, porem, nefasto para elle, para os seos, Calabar, que tantos laureis entregara ás armas lusitanas, foge para o arraial flamengo, ao passo que Jaguarary, embora preso e calumniado pelos seus irmãos de armas, conserva-se fiel ao juramento, que uma vez prestara.

Com a experiencia dos accidentes do territorio, com uma bravura, por ventura, inexcedivel, Calabar, em terra e no

mar, desbarata as forças de Castella em mil recontros: até que, a estrella da victoria, que fora sempre por elle, tombando ao occaso, deixava-lhe estampada, viva, indelevel a marca de infame naquella fronte de guerreiro, talhado para mais altos e nobres feitos.

Forçoso lhe foi então cahir: derrotado e preso, em Porto Calvo, onde nascera, Calabar morreo, por ordem do chefe portuguez Mathias de Albuquerque, suppliciado, até, como transfuga.

Qual foi o motivo, que poude levar este homem, tão bravo, a abraçar a causa flamenga? Não o sei, e commigo não sabem Diniz, o General Lima, e Southey, de todos, o mais exacto e imparcial de nossos historiadores.

O que é certo, é que fica melhor ao escriptor brasileiro corrigir a omissão historica, antes com o affecto do que com a vilania.

## IX.

O retrato de Calabar esperava a ultima demão, para sahir perfeitamente colorido da pallida e sombria téla com que o desenharam alguns chronistas. Assim visto, ao claro da narração, apenas exprime uma figura vulgar: era, talvez, uma ambição extrema, que media a distancia ao alvo, sem lhe importar a qualidade da arma; o mais, do desfecho, foi fatalidade ou expiação.

A historia deve tornar-se muitas vezes dramatica, para ser litteralmente da humanidade. Não é comprehendê-la, apanhar um acontecimento e colloca-lo entre dous minutos, como se faria de uma quantidade qualquer, assentando-a entre duas raizes algebraicas. Digo mais; não é comprehendê-la, entregá-la servilmente a só operação da analyse, converte-la em methodo, em calculo, n'uma como introdução á philosophia. A sensibilidade explica melhor do que a reflexão certos caracteres. A razão pode encarar o olhar sombrio, o sobr'olho



carregado desta virtude de marmore, que se chama -- *Brutus*; o coração geme diante de Cromwell.

Não é de minha intenção pedir-vos a piedade, e só ella, para o infortunio que marcou o nome de Calabar. Apenas espero que não esqueceréis as condições, tão variadas e invencíveis, que o dominavam. O braço varonil, que não sabia tremer na hora do combate, lutava contra o prejuizo e a prepotencia, a indiferença de uma mulher e o orgulho de uma nação. Demais, naquella alma selvagem o ins incto fallava mais alto do que a paixão; educado ao luzir das laminas de ferro, estava acostumado a exigir o affecto com a força, a comprar direitos com sangue.

E todavia, quando o leão, mais bravo e indomito, artemesava-se nas refregas encarniçadas do pleito; quando se emmanhavam as armas, o coração, que suppunha, como o genio, de marmore, palpitava, e de amor.... mas de um amor immenso, insondavel, impossivel!...

Em certas naturezas, o amor é o primeiro degrao do heroismo; em outras, a ultima rasão do crime. Entre o prejuizo social e a violencia do character, Calabar não viu senão suas inclinações: cahio deshonrado!...

Ei-lo que se descreve, melhor do que poderíamos faze-lo:

Eu vi a luz á sombra das florestas,  
Onde o vento sibila, e a fera ruge.  
Criei-me ao som das vagas espumantes,  
Que luctam peito a peito co' os rochedos.  
Hoje adormeço ao pé de annosos troncos,  
Ou escutando o silvo das serpentes,  
Ou recordando a orchestra das batalhas.

Mais adiante, no 5.º acto, repete:

Entreí de lucto  
Aonde os outros entram adornados  
De galas!... no jardim da mocidade  
Sentei-me triste, á sombra de cyprestes,  
Vendo os outros colher jasmims e rosas!...

Criei-me desta sorte! . entre amarguras!...  
Mirando o rosto esqualido da fome!...  
Vendo o dedo cruel que me apontava  
A cor que eu tinha, como recordando  
A cor do meu destino!... Que sentença!...  
(Soerguendo-se)

Não ha logar no mundo p'ra o mulato  
Alem do que lhe aponta o captiveiro?!...  
Era grande a injustiça, revoltei-me!  
Quiz tambem ser participe dos gosos,  
No opiparo banquete da existencia!...

## X.

Estava assentado que visão, sonhada n'um momento de delirio, teria de varrer-lhe d'alma os mais nobres sentimentos do soldado, e mais tarde, devoral-o como a lava de um volcão. Aquella fronte, que se adornava de tantos laureis, pende-lhe sobre o peito, ao peso de uma decisão tremenda.

No primeiro acto a confissão, que faz á Argentina do amor que lhe consagra, é uma das mais sympathicas inspirações, de que o drama se resente—

Vê-la e gosa-la.... oh! doces pensamentos,  
Que nunca o pensamento me deixastes!  
A minha sorte agora está pendente  
De uma palavra sua, de um seo riso!  
Bem fraco leme és tu, rasão do homem!  
*Dever e gloria, a patria, a liberdade,*  
Tudo é menos que amor! Nem ja me lembra  
A hora do combate! Hei combatido  
De mais. *O coração tambem me falla.*

O *Cid* tem, com D. Diegue, a mesma linguagem.

Que je sens de rudes combats!  
Contre mon propre honneur mon amour s' interesse.

Dahi, por diante, fraqueia, a espaços, o animo do guerreiro: Calabar, pela primeira vez, *tem medo!*

Assim nestes versos:



Miserrimo de mim! perante uns olhos  
Tremo, qual nunca do medonho fogo!...

E', talvez, dominado por esta impressão, que, prestes a combater, recua, deixando pender a espada, que meneara com tanta bravura:—

Stá pesada!.. não posso mais ergue-la!...  
Ao coração correo-me o sangue todo....

Esquecei, se é possível, a harmonia que se exhala destas palavras, que lembram uma agonia insuperavel, e notae um admiravel contraste.

Chimene poude sentir que a alma de D. Rodrigo desmaiava no pé do perigo; pelo semblante affeito á intrepidez, rapida passou a sombra de uma covardia. Calabar, no emtanto, na mesma conjunctura, ouve o toque de rebate: vem da proxima encosta: o anjo da peleja diz-lhe ao ouvido, que vão romper o fogo; e o coração, ainda doido do remorso, fa-lo bradar:

A guerra, a guerra!!.. estremecei, tyrannos!...

## XI.

A scena, em que Calabar entra á principio disfarçado no arraial inimigo, ainda indelevel dos sangrentos despojos, que o amaldiçoavam; a arrogancia desdenhosa do semblante, a calma inalteravel das respostas, e essa ignominia, que se divulga orgulhosa, porque não treme de sel-o, e a duvida, a confusão, o assombro dos chefes hollandezes, que o cercam, vendo-se senhores deste formidavel baluarte, que, demasiado, fizera empallidecer as hostes aguerridas, fórmão um dos mais felizmente acabados incidentes, nesta composição litteraria, e por si sós, atrevemo-nos a dizel-o, bastariam para immortalisar o nome do nosso illustre consocio.

A deshonra nunca justifica a vingança. Faltava á Calabar

a estima de si proprio, que é signal infallivel de uma consciencia generosa; ella faz-nos assistir calmos ao spectaculo de nossos revezes, dando-nos a resignação que espera, crepusculo benefico ao coração humano.

Encontramo-lo, ao depois, em um dos actos, a referir cynicamente, ao velho Jaguarary, todos os mais denodados feitos, que praticara contra os lusitanos. A espada, que se vendeo, como uma mercadoria, ao ouro estrangeiro, não corava de ver-se tincta no sangue de antigos irmãos.

Este homem, que se sacia excessivamente no crime, posto em scena será talvez repulsivo; a perversidade exagerada não desperta piedade, mas indignação; o que, bem sabeis, não civilisa. Ha, ali, todavia, como já vo-lo dissemos, um correctivo; um como crystal, que amortece os raios muito concentrados n'um foco esbraseado: é a intrepidez militar, que, bem ou mal, não se desmente jamais.

Ha, ainda, um alto e fecundo pensamento social, que lhe fervia no espirito; era uma semente, que a casto germinava n'um terreno ingrato. Se é verdade que as épocas fazem os homens, Calabar talvez que, ha dous seculos, tivesse annuciado uma alta verdade humanitaria, e que hoje, graças a Deos, circula sancionada. Se a houvera defendido á sombra do poder, por ventura, a patria, que o renegara, se lhe viesse prostrar humilhada. Não poude; trahio-a. A fortuna não quiz que subisse até Marius; desceo até Coriolanus.

## XII.

Começa a desenhar-se, desde o fim do terceiro acto, ou antes desde o ataque do Forte do Rio Grande, uma luta, terrivel, em que a ideia e a penna correram magestosas até o fim.

Sem patria, sem amigos, sem o amor, que para sempre lhe será impossivel, Calabar decide-se a tomar uma resolução extrema.



A pallida estrella, que, ainda assim, a furto, allumiara-lhe um dia a vida, por entre a cerração da pugna, sumio-se. Em seo logar ficou a mortalha de sua velha mãe, que apparece, como uma visão maldita, para lhe apontar a *côr de seu destino*.

O soldado que affrontou mil recontros á luz do sol, procura agora as trevas; a mão, que brandio o sabre, trava do punhal.

E a patria, a gloria, a liberdade, os affectos mais queridos d'alma, as campinas matisadas de flores, as serranias escarpadas, que ferem as nuvens; o estendal infinito do mar, e a agua transparente e fremente do rio; o canto das aves, o silvo das serpentes; e a voz de Deus, que echoa na tempestade, e a linguagem sympathica de leaes companheiros, tudo isto se esvae como um sonho... nem ja lhe lembra, o que foi!

Foi tambem assim o *adeus* de O'hello, ás suas armas, ao rufo dos tambores, ao relinchar dos corseis, ao estandarte real, á pompa, ao orgulho da guerra, que fizera de *sua ambição uma virtude*.

O now, for ever,

Farewell the tranquil mind! farewell content!  
Farewel the plumed troop, and the big wars,  
That make ambition virtue! O, farewell!  
Farewell the neighing steed, and the shrill trump,  
The spirit-stirring drum, the ear-piercing fife,  
The royal banner, and all quality,  
Prille, pomp, and circumstance of glorious war!  
Farewell! Othello's occupation's gone!

Coisa singular! Calabar e O'hello, partidos de tam diversas direcções, chegam a encontrar-se no mesino ponto: é que o ciúme tornou-os sicarios.

### XIII.

Si ao author desta composição litteraria faltasse alguma

rasão para ser um dos nossos melhores poetas lyricos, a criação sublime de *Argentina* lh'a daria—

Alem da scena magestosa, em que uma fraca mulher repelle, com toda a energia, a proposta que lhe fazem os hollandezes—de divulgar o segredo das tramas inimigas, ha, para nós, uma outra de muito maior effeito; é aquella em que está a supplicar ao amante, a Faro, que não a abandone a ella, que não tem mais no mundo paes nem irmãos que a protejam.

Lembra isto o amor de Andromacha por Heitor: como ella, a princeza troyana não tinha, depois de tantos infortunios, senão um coração amigo, que a protegesse: o de seu marido.

A sombra de *interesse* que se insinúa pelos gosos intimos e puros de uma paixão sincera, o temor, a inquietação de perde-la, e com ella tudo quanto doura e ennobrece a vida, é um colorido indeclinavel, toda vez que queremos fazer palpitar em toda a plenitude um coração de mulher que ama.

Mas a flor, que se entre-abria aos toques suaves da manhã, pende desmaiada; extinto o viço, a *côr*, o perfume, nem mais poderão revive-los as primeiras lagrimas da tarde: desapiedado, sobre ella passou o bafo pestilente do nordeste!

E' de uma impressão inexplicavel, senhores, ver ao longe, sobre o alto da collina junta a uma cruz à fallar palavras incoherentes, inintelligiveis, aquelle formoso vulto de *Argentina*, que mal se divulga com o tremulo clarão da lua; e o coração, que estalou de vergonha, a responder, com o que uma mulher pode responder a um insulto imperdoavel, com lagrimas!

Faro, que ella suppuzera morto, encontra-a, corre à abraça-la, e sem entender do pranto, dos soluços, que lhe dirão uma verdade horrivel, estreita-a nos braços, no estasis mais puro e ardente, que o amor comprehende: ultima nota de felicidade, que se esvae.

E' a mesma poesia, que n'um sonho fizera feliz a *Romeo*;



Ah me! how is love it self possess'd,  
When but love's shadows are rich in joy?

XIV.

De leve, ao correr do escripto, posso fallar-vos de Jaguarary. Acho muito bem combinada a coragem, a dedicação, a honra deste incola, no momento em que um filho degenerado fazia eclipsar-se a dignidade do Brasil, numa guerra de estrangeiros.

Era um velho soldado, que collocava a honra de seu juramento acima dos interesses, dos odios, dos soffrimentos pessoaes. Vede-o como nobremente recusa fugir da fortaleza, onde injustamente prende-o a ingratição dos seus; vede-o ainda agradecido a Calabar pela guarda da filha, que houvera, pelo generoso e espontaneo offerecimento de um velho amigo, partir com sua valente tribu, que dirigia, a defender resolutamente aquelles mesmos, que, ainda ha pouco, calumniavam-no!

A religião das tradições avoengas, não a perjura um tapuia; è Tupá que o ordena nas selvas americanas!.....

XV.

O Antonio José ou o Poeta e a Inquisição, corre com o fóro da primeira tragedia brasileira. Não serei eu quem tenha de examina-la. Sinto, com tudo, que no 5.º acto, o melhor da obra, haja um episodio, certo, muito a quem do Calabar.

Na hora derradeira, na transição pungente, em que se extinguem todas as malquerenças, que nodoaram a vida; quando o clarão da fogueira ja principia a branquear a alva dos dous condemnados, ouvi a linguagem de um, e a de outro.

Antonio José, homem educado na sociedade polida e homem de letras, na conjunctura extrema, lança contra os seus inimigos certas palavras, frias, scepticas, injuriosas: diz elle a Frei Gil—

Vosso claustro de sangue está manchado;  
Moram nelle a traição, o odio, a vingança;

Delle fugio a fé e a piedade.  
Ide pregar no vosso mesmo claustro  
As virtudes christans.

Calabar, selvagem, atormentado do remorso, n'um dialogo com o sacerdote, repassado da mais intima e christã philosophia, levanta os olhos para uma Providencia, que uma vez, esqueceo, e arrepende-se. A supplica á Argentina para que absolya-o do crime commettido n'um momento de sacrilega hallucinação, o perdão para sua alma, são mais eloquentes, do que todos os tormentos, com que se vingue da affronta a justiça humana.

Morrer sem seu perdão! morrer maldicto!  
Maldito e abominado! Não, não quero.  
Quero diante della ajoelhar-me....  
Banhar seus pes com as agoas do meo pranto!  
Pedir-lhe o meo perdão.... por Jesus Christo!...  
Quero dizer-lhe adeus; o adeus eterno!...

XVI.

Esforcei-me, como pude, em fazer o elogio, antes do que a critica desta producção dramatica: sob o granito da forma em que se resumem, encontrei dous bem lapidados crystaes, de raro primor: um é o pensamento litterario, que rege em favor da historia patria; o outro é o pensamento social, que dirige-se a confraternisar-nos contra um prejuizo.

A belleza dos versos, a pintura tão viva dos principaes caracteres, não encobrem, com tudo, certa exageração no desenvolvimento legitimo das paixões.

Não a nego, pelo contrario accetto-a.

Porem, meus Senhores, pôr uma acção dramatica ao nivel vulgar da realidade, é amesquinhar-lhe o interesse, é desvirtuar-lhe o fim moral. O theatro rigorosamente é uma camara optica, onde, pelo poder da imaginação, as paixões devem ser desenhadas com traços gygantescos, e todavia,



reaes, onde é mister exaltar em toda a latitude possível o vi-  
cio, para o aflogar mais tarde nas trevas da punição, ou ac-  
cordar a virtude, tímida e casta, das lagrymas do sacrificio.

XVII.

Uma palavra antes de acabar.

A caravana, que atravessa, sob os ardores do sol, os de-  
sertos da Abyssinia á Mecqua, de pousada em pousada, re-  
toma o folego indispensavel á continuação da viagem, á som-  
bra de alguma arvore ou templo, que recorda a fê e a pa-  
tria. Mocidade do meo paiz, a quem a Providencia incumbio  
do arduo commercio das ideias, que fazem caminhar os po-  
vos, desejo de todo o coração, que na peregrinação, des-  
canceis ao pé destes monumentos immortaes, que despertam  
a gloria litteraria e a dignidade nacional.

*Dr. A. Alvares da Silva,*





